Diário de Lisboa

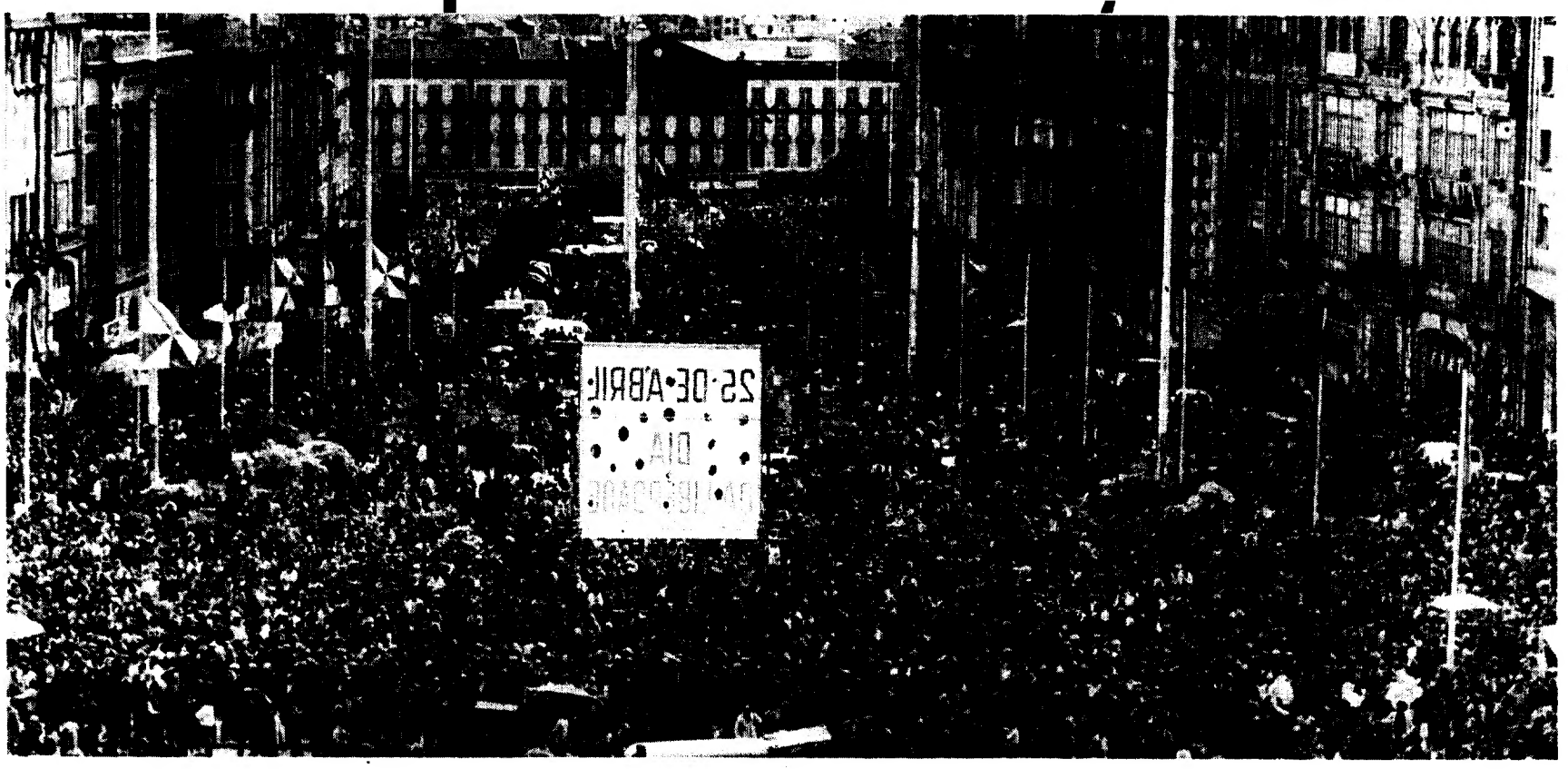
CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Abril 1979
Quinta-feira
26

ANO 59.º
N.º 19 940
10$00

Nas ruas o povo aclamou a Revolução de Abril



Milhares de pessoas concentraram-se na Praça Humberto Delgado, no Porto, nas maiores comemorações de sempre

Em "Política de A a Z"

Um discurso de Dezembro pronunciado em Abril

Ontem a Assembleia da República, por significativa maioria, demonstrou claramente que discordava do Presidente da República. E, como em Democracia não existem mandatos pessoais e institucionais acima, ou além, da vontade popular, o Presidente terá que ouvir o Povo já se não quiser contribuir, pessoal e institucionalmente, para aprofundar esta **crise.**

Pág. 3

Eanes posto em minoria

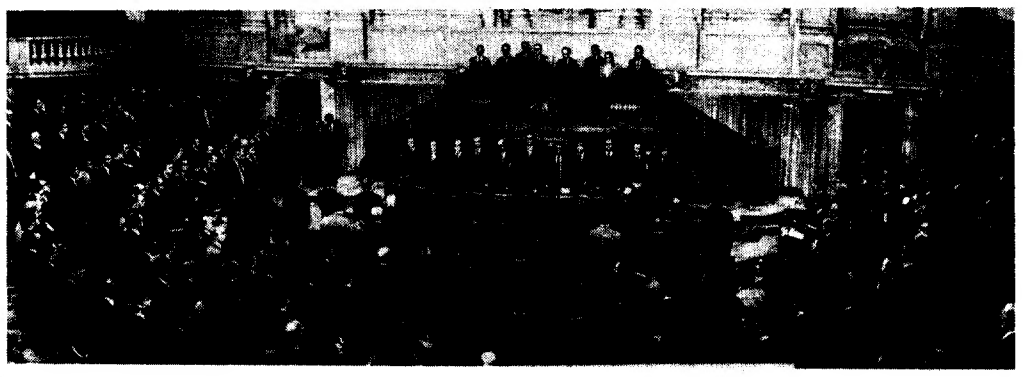
Quando na rua se comemorava o 25 de Abril, Ramalho Eanes veio recordar o 25 de Novembro. Quando na rua os rostos alegres celebravam as conquistas da revolução, o Presidente omitiu-as. Quando na rua os gestos de esperança criticavam o IV Governo, a primeira figura do Estado reiterava nele a sua confiança. Entre a multidão na rua e o Presidente estava a Assembleia. Sentada e silenciosa ficou a maioria dos deputados, como que a dar razão ao povo que na rua já esqueceu o 25 de Novembro para se unir em torno de ideais mais amplos e pacificadores.

Para Ramalho Eanes «os mais temíveis adversários da democracia» são agora os «próprios democratas quando se deixam prender na teia dos conflitos secundários». Digamos que não era este o discurso esperado. Ou pelo menos que estas não eram as palavras desejadas pela maioria parlamentar. O que os partidos pensam deste discurso ainda o não disseram. Mas sentiram profundamente o significado das críticas que lhes foram feitas. Ramalho Eanes olha «com reserva e profunda desconfiança os jogos confusos em que parecem participar, numa estranha aliança, responsáveis de formações democráticas e outras forças que prosseguem fundamentalmente totalitarismos sem regresso». Ramalho Eanes pensa que um dos pontos fundamentais da sua acção é «promover a formação de executivos capazes de apresentar programas de governo que correspondam aos valores essenciais afirmados e defendidos pelo povo português». Será talvez por isso que o Presidente, e em coerência com a linha política que o orienta, vem afirmar a conveniência da continuidade deste governo, advertindo que à sua atitude «terá de corresponder uma atitude consciente da Assembleia da República no sentido de limitar a sua crítica e a sua fiscalização política, assegurar ao Executivo, de modo continuado, os instrumentos necessários à sua acção governativa».

Ramalho Eanes, o Presidente desta crise de todos os portugueses, falou para Mário Soares, fundamentalmente, nas passagens que citamos do discurso que transcrevemos na íntegra no interior do «DL». Ramalho Eanes, Presidente neste impasse desencadeou o futuro, desaconselhando o recurso a eleições intercalares porque pensa na «eventualidade de o quadro parlamentar não se alterar de modo significativo – pelo menos não se alterar de modo tal que permita encontrar uma base maioritária sem recurso a um entendimento interpartidário».

Por estas e outras razões a maioria da Assembleia ficou silenciosa. Mas, nas galerias, Manuela Eanes, acompanhada pela esposa de Vasco da Gama Fernandes, aplaudiu de pé as palavras do seu marido, do Presidente que se diz obrigado a uma intervenção política mais intensa...

Págs. 8 a 15



Eanes no Parlamento: os deputados só se puseram de pé para ouvir o Hino Nacional

Uma enorme multidão concentrou-se ontem à tarde no Parque Eduardo VII, nos festejos promovidos pela APU

NESTA EDIÇÃO
MESA REDONDA
SOBRE
"Cooperativas operárias e empresas em autogestão e suas dificuldades"

ANTES DAS 8, NA LINHA DO ESTORIL
Guarda fiscal colhido por comboio provoca choque e 14 feridos ligeiros
Pág. 24

CONCURSO DL
Hoje 20.º cupão
e caderno especial de 1940
(na pág. 2 o boletim de identificação do concorrente)

COMUNICAÇÃO SOCIAL

PCP discriminado por sistema na RDP e na RTP/1

«Em objectiva concretização da fobia anticomunista de Mota Pinto e das concepções persecutórias de Sá Carneiro, continuam a verificar-se na programação da RDP e da RTP/1 casos gritantes de ostensiva discriminação em relação ao PCP e aos comunistas» – denuncia o Partido Comunista Português através da sua Secção de Informação e Propaganda.

Aprofundando a situação, afirma-se que «assumem particular gravidade, pelo seu carácter sistemático, os debates promovidos pelos programas «O Dito e o Feito» da RDP e «Em Questão» da RTP/1, que, repetidamente, excluem os comunistas do leque de correntes de opinião a auscultar sobre variados temas e problemas da vida nacional.»

Tal situação, acentua-se, «além de ser manifestamente ofensiva do pluralismo político, retira à opinião pública o acesso ao conhecimento das opiniões de um sector com considerável influência na vida política e social do País, chega a assumir proporções de verdadeiro escândalo, como se verificou com o último «Em Questão» da RTP/1.»

Adianta-se que, com efeito, «é por de mais esclarecedor que, num programa destinado a promover um debate sobre o balanço de cinco anos da revolução portuguesa, a RTP/1 tenha considerado mais importante ouvir um ex-ministro do regime fascista do que ouvir alguém que pudesse exprimir as análises e o ponto de vista dos comunistas cuja destacada participação na resistência ao fascismo e no processo da revolução portuguesa ninguém ousa seriamente contestar.»

Sublinha a nota da SIP do PCP que mais uma vez «os telespectadores tiveram oportunidade de presenciar diversas referências hostis ao Partido Comunista Português feitas pelas personalidades de direita que, aliás, significativamente se encontravam em maioria, sem que o programa contasse com a participação de qualquer convidado em condições e com legitimidade para as rebater e rectificar, como seria condição básica para uma informação efectivamente isenta e pluralista.»

Conclui a SIP por constatar que «não custa a admitir que existam na informação estatizada pessoas que sonhem com um regime em que, como no fascismo, os comunistas, possam ser objecto de constantes críticas, insinuações e calúnias, mas sem que tenham o direito e as possibilidades efectivas de transmitir publicamente, e em condições de igualdade, as suas ideias e opiniões.» Lembrando que «esse não é o regime democrático português consagrado na Constituição», a SIP do PCP sublinha que «os comunistas não são realidades exteriores ao regime democrático e que, pelo contrário, a sua presença, a sua opinião, a sua acção política são parte integrante, natural e legítima da vida democrática do País.»

CT da RDP defende acesso de antena aos trabalhadores

A Comissão de Trabalhadores da RDP, no âmbito do 5.º aniversário do 25 de Abril, assinalou a data em que o Movimento das Forças Armadas «ao derrubar o regime fascista veio trazer ao povo português a esperança da concretização dos seus ideais de Justiça, Liberdade e Democracia».

Acentua a CT da Radiodifusão que «é preciso lembrar que o fascismo foi vencido e que o 25 de Abril está vivo.» E apesar (afirma-se) «dos saudosistas do 24 de Abril tentarem, por todos os meios, inverter o sentido da caminhada iniciada na madrugada de há cinco anos, é necessário que todos os democratas e antifascistas se mobilizem e cerrem fileiras, no sentido de avançar sempre em defesa da Democracia.»

Neste projecto, «a RDP tem um importante papel a desempenhar: dar a voz aos trabalhadores e às suas lutas de classe: pôr em confronto as várias correntes ideológicas; e consolidar o processo democrático».

A CT da RDP critica a actual Comissão Administrativa, «ilegal e antiestatutária», através da qual têm vindo a ser liquidados «as liberdades, direitos e garantias dos trabalhadores da Radiodifusão».

Depois de outras considerações, a CT frisa que «se perdeu o direito à liberdade de expressão, se reinstalou o medo e a repressão, voltou a autocensura e se perdeu até o direito ao trabalho.»

"Os Anos do Século" — processos-crime intentados contra CA da RTP

O Sindicato da Actividade Cinematográfica informa que na sequência do sucedido com o associado José Elyseu («Os Anos do Século») foram já intentados contra a RTP, e contra os membros da Comissão Administrativa, individualmente considerados, os processos-crime por difamação e injúria e os de condenação para obtenção das indemnizações devidas pela acção ilegal, ilegítima e prepotente da RTP.

Lembra aquele sindicato o facto da Comissão Administrativa não ter ainda, contra as deliberações da Assembleia da República, Conselho de Informação e Conselho de Programas exibido o 12.º episódio da série de programas «Os Anos do Século». Tal atitude, «traduz não só o desprezo por estes órgãos, um dos quais de soberania, mas ainda um atentando sério e grave contra José Elyseu, que legitimamente tem o direito de aguardar que o seu trabalho seja objectivamente considerado pelos seus superiores».

RTP expande-se até Macau e China Popular

Encontra-se em Macau uma missão da Radiotelevisão Portuguesa para estudar a hipótese de montar naquele território uma delegação da RTP.

De acordo com notícia divulgada pela ANOP, vários grupos estão interessados em participar na iniciativa, nomeadamente com capitais macaenses e de Hong Kong.

A missão da RTP, chefiada pelo capitão Leopoldo Águas, da Administração daquela empresa pública, e constituída pelo director técnico Franco Dias e o adjunto da Comissão Administrativa, Afonso Rato, deverá estabelecer também contactos com as cadeias de televisão britânica em Hong Kong, com o objectivo de estudar a futura cooperação.

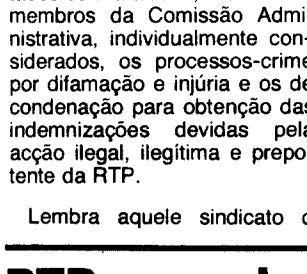
De acordo ainda com a notícia da ANOP, está também nos planos da RTP o estabelecimento de acordos com a República Popular da China, com vista a intercâmbio de filmes e programas televisivos.

CCTV para a Imprensa

Reunidos em plenário, os trabalhadores do «Jornal de Notícias», abrangidos pelo CCTV para a Imprensa, decidiram apoiar a Comissão Nagociadora Sindical e alertar todos os trabalhadores da Imprensa «gráficos e administrativos, sobretudo os de «O Comércio do Porto» e «O Primeiro de Janeiro», no sentido de se iniciar uma mobilização dos trabalhadores, com vista à conclusão das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho.

Maria Archer

A escritora Maria Archer regressou hoje de um longo exílio no Brasil. A sua idade e o seu estado de saúde deverão merecer à Secretaria de Estado da Cultura uma iniciativa de apoio a uma trabalhadora intelectual cuja obra não tem sido reeditada, mas é um padrão de irreverências críticas que faz parte do nosso património literário.



SENSACIONAIS DESCONTOS NA CAMPANHA
de PROMOÇÃO
da MAIUSCULA
Mobílias Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas,
Estantes, Maples e Sofás-camas
em todos os modelos em pele e tecido
NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS
SEDE: Praça Paiva Couceiro,1 Lisboa1 Telefone 846839
SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira,4-A Telefone 824840

ANO XII DOMINGO, 31 DE JULHO DE 1940 N.º 4044

Diario de Lisbôa

DIRECTOR JOAQUIM MANSO

A' espera do ataque alemão

Tomaram-se novas providencias

para reforçar a defesa da Inglaterra

Aspecto flagrante do lançamento de paraquedistas de bordo dum avião germanico

A posição de Portugal reconhecida e elogiada nos Estados Unidos

A AVIAÇÃO ALEMA continua a bombardear a Inglaterra

As vitimas dos ataques aereos

20

RECORTE E GUARDE ESTE CUPÃO...

Leitor: para já, recorte e guarde este boletim (bem como o cupão numerado), pois só no fim da publicação da 2.ª Série (e vamos agora a dois terços da 1.ª Série) os irá utilizar.

Nessa data, que anunciaremos, o leitor deverá enviar para o «DL» a colecção completa de 30 cupões numerados de 1 a 30 acompanhada deste boletim de identificação, preenchido com letra bem legível, e indicando o seu nome completo, tal como figura no bilhete de identidade. **E não se esqueça de indicar também o seu vendedor!**

...E O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO

CONCURSO DL N.º

BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE ——— _____

VENDEDOR OU ESTABELECIMENTO ONDE ADQUIRIU OS JORNAIS

NOME _____

MORADA _____

CONCURSO DL N.º

TALÃO-RECIBO

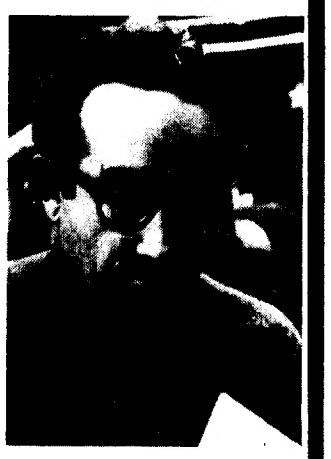
NOME _____

MORADA _____

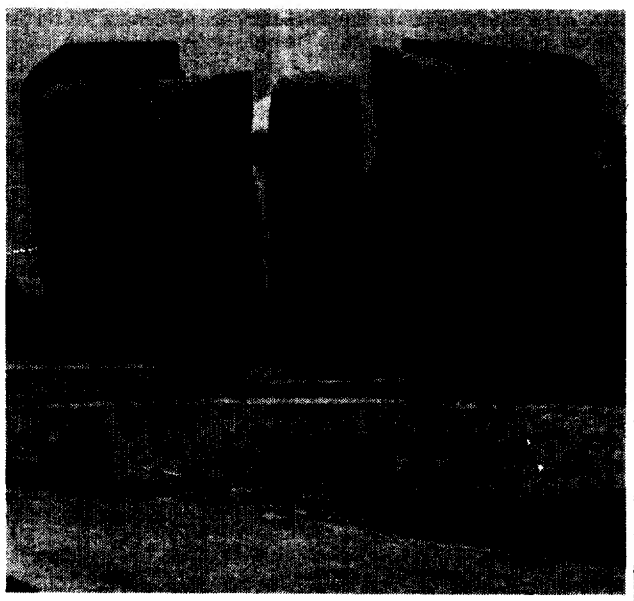
Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio. ☐

ponto a ponto

Os partidos políticos portugueses estão submetidos a «uma campanha baseada num certo regresso ao passado que visa colocar o país nas maõs de um salvador que personalize o poder», considerou o antigo primeiro-ministro português, Mário Soares, numa entrevista publicada em Madrid pelo jornal «Informaciones». «A crise é simultâneamente política e institucional», prossegue na sua entrevista Mário Soares, que põe em causa «a formação de governos à margem dos partidos políticos, os quais por isso mesmo, não dispõem de apoio parlamentar necessário para governar, como ficou demonstrado recentemente nas duas derrotas sofridas pelo actual gabinete de Mota Pinto».



Regressou de Paris, onde se deslocou a convite do Partido Comunista Francês, Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP. Blanqui Teixeira usou da palavra num comício organizado pelo PCF, para comemorar o 25 de Abril, em Villejuif, no Teatro Romand Rolland. O comício foi presidido pelo «maire» de Villejuif e nele participaram largas centenas de trabalhadores portugueses, tendo também usado da palavra Guy Besse, membro do Bureau Político do Comité Central do PCF.



Antigos companheiros de luta de Humberto Delgado efectuaram uma romagem ao túmulo do «general sem medo», no cemitério dos Prazeres, para assinalar o 14.º aniversário do aparecimento do seu cadáver. Nesta romagem, promovida pela Comissão Cívica de Lisboa de homenagem ao general Humberto Delgado, participaram Alcina Bastos, Piteira Santos, Duarte Vidal, Carlos Pinto, coronel Vilhena, Maria Humberta, filha do general, e Manuel Pedro, em representação do PCP. Ao usar da palavra na circunstância, Carlos Pinto, membro daquela Comissão, apontou a coragem do general Humberto Delgado como «exemplo para a nossa juventude». Acrescentou ser necessário «recordar a imagem e a luta de Humberto Delgado, porque vemos surgir, cada vez mais, os saudosistas do passado». Por seu turno, o coronel Vilhena afirmou que, «sendo Humberto Delgado, a expressão viva de uma luta de 48 anos contra o fascismo, homenagear a sua figura histórica é recordar o 25 de Abril».

A presidência do Conselho Mundial da Paz, está reunida em Praga, desde ontem e até amanhã, com a presença de uma delegação portuguesa, composta pelo general Costa Gomes, o deputado socialista Fernando Almeida, o dr. Avelãs Nunes e o eng.º Castro Neves. Esta reunião celebra o 30.º aniversário do Primeiro Congresso Mundial da Paz, que se realizou em Paris, e Praga, em 1949 e assinalou a criação do Conselho Mundial da Paz, com uma sessão especial e uma exposição evocativa da actividade do CMP.

CRÓNICA AGRÍCOLA

AZEITE E POLÍTICA DO MAP

ALEXANDRE RAMOS

O meu amigo descia Almirante Reis.

O olhar e a face crispada atiraram para o céu chispas de revolta.

Que raio tem você?

Que raio tenho? Então um gajo passa uma vida inteira, como profissional a tratar de oliveiras de azeite que não temos e...

Ora, veja isto.

Abre a carteira, desdobra um recorte do «Jornal de Notícias» do Porto, do dia 11, põe-me na frente dos olhos, e diz-me: Leia.

Li e aí vai o que li:

Após duas semanas de debates em Genebra representantes de 33 países não adiantaram muito quanto ao acordo sobre o azeite já existente desde 1963.

O proposto novo acordo apontara para dois novos pontos, que não chegaram a ser provados. O primeiro (apresentado pelos países do Norte de África, como a Tunísia, Argélia e Marrocos) pretendia um esforço para o incremento da produção mundial de azeite.

Portugal foi um dos países que se opôs a esta iniciativa dado que os «stocks» actualmente existentes são já grandes. Segundo ponto novo, e de resultados finais limitados, foi a aplicação dos acordos à azeitona de mesa.

O azeite é, no entanto, um produto de futuro duvidoso para os países mediterrânicos, como Portugal, Espanha, a Grécia. É ainda um património histórico, cultural e económico que não pode pôr-se de parte, mas as produções baixam de ano para ano.

O país não tem azeite que chegue. Que o diga o consumidor pelo aumento constante dos preços. O recurso à importação passa a ser uma prática corrente.

O nosso olival está destroçado, enquanto o dos outros está renovado, tecnicamente actualizado, produtivo, fácil de apanhar.

Votámos contra, porquê?

Um delegado de uma reunião destas reflecte a política do governo.

O governo Mota Pinto/PPD, em consequência o MAP, orientou o delegado à reunião.

O MAP é contra o aumento da produção/azeite no país. Porquê?

Que interesses defende? Que política se define, neste sector?

FERREIRA DO AMARAL E A HERDADE DA GALEANA

Numa das nossas crónicas anteriores, exprimiu-se o sentimento de que os comunicados do MAP, quer na Imprensa, quer na rádio, que na TV tinham um ar tauromáquico, de marialvismo de corrida a cavalo, à antiga portuguesa. Um certo gosto a toiros e pelos toiros.

O senhor Ferreira do Amaral, ex-secretário de Estado da Reestruturação Agrária, em entrevista dada ao «Tempo» (5 de Abril) declara a respeito de acusações de irregularidades: **Tanto quanto sei neste momento, nenhumas pratiquei, até agora. Haja em vista, por exemplo, que quanto a uma das mais faladas – a do caso da herdade da Galeana – em que se disse que eu tinha entregue a um agrário mais de mil hectares, nada despachei ainda no tocante à demarcação de reserva. O meu despacho foi apenas no sentido de entregar, de imediato, a ganadaria brava do proprietário, a quem ela nunca fora requisitada; e de, transitoriamente, enquanto se não definisse a demarcação da reserva, ficar ele a administrar a herdade, por conta do Estado, e a este tendo de prestar contas. Note-se, entretanto, que apenas o fiz com a certeza de que esse simples despacho de entrega para administração por conta do Estado tinha concordância da maioria dos trabalhadores da herdade.**

Bonito, e claro como água. O dono é nomeado como administrador por parte do Estado. A partir daí não faltam créditos, nem fundos para investimentos nem valorização da reserva potencial se algum dia vier a ser entregue. E admira, como é que ainda lá havia toiros. Muito honestos são os trabalhadores alentejanos! Com os salários baixos, com o corte de crédito, julgava-mos que os toiros já tivessem passado para Espanha ou que tivessem sido comidos, um a um, assados no espeto. Mas não, estavam sãos e escorreitos.

É claro que a herdade, aqui, só foi entregue com a concordância dos trabalhadores. Nas outras herdades UCP/Coop. Quando não há concordância, a GNR, dá-lhe a concordância necessária.

Os reis, antigamente, premiavam os seus homens de armas com vilas, terras e redondezas, onde cobravam impostos e foros. E ficaram nobiliarcos das vilas: Marquês de Fronteira,

Continua na pág. 4

UM DISCURSO DE DEZEMBRO PRONUNCIADO EM ABRIL

Recordemos aos que falam de António Sérgio por ouvir dizer, aos que o citam de apressadas leituras, ou por se terem deleitado com os novos filósofos lusitanos que o consideram um «caso» (a situar, a lamentar) neste país de Cultura em discussão e de **identidade** em averiguação, que para o autor dos «Ensaios»: «...regime **republicano** sem marcha para a «esquerda»...não o considero republicano». Ele, o **libertário,** assim falava ao **Estadista,** nesse escrito a que, para a arrumação das suas gavetas deu o título de «Diálogo de Doutrina Democrática». Esperou o escrito cerca de quarenta anos pela oportunidade de ser publicado. E nós vamos esperando, de ano em ano – no rosário dos nossos dias contam-se já cinco anos – que as comemorações do «25 de Abril» assinalem esse concreto progresso para a «esquerda», a intenção de realizar essa marcha, sem a qual para António Sérgio, o «regime republicano»como **republicano,** não poderia ser considerado, sem a qual, nos nossos dias, se não cumprirá o mandato revolucionário e a intenção patriótica de Abril.

E serão sessões comemorativas, como a que ontem se efectuou na Assembleia da República, que contribuirão para o adensar a incerteza, para agravar a confusão, para acentuar a perplexidade.

Na sua diversidade, previsível e compreensível, os diversos discursos – exceptuados os dos deputados Carlos Brito, representante do PCP, e Herculano Pires, representante do PS – afiguram-se ter sido ajustes de contas, e não límpidas homenagens ao 25 de Abril.

Não eram de excluir, evidentemente, anotações referentes à política que se vai fazendo, às suas dificuldades e contradições. Mas, se o presidente Teófilo Carvalho dos Santos viria dar à festa um acento funéreo de saudade, o deputado, Acácio Barreiros iniciou a comemoração em tom de guerra, pedindo contas ao «25 de Novembro» pelo desvio – em seu entender – operado relativamente à jornada iniciada em 25 de Abril.

Falando em nome do CDS, o deputado Nuno Abecassis, defendeu a rectificação de Abril (o **restauracionismo)** que, em linguagem jurídica se exprime, pela reivindicação de uma «profunda revisão constitucional». E falando em nome do PSD, o deputado Meneres Pimentel, reeditando o que fora afirmado no comício social-democrata do Porto e antecipando o que será dito por Francisco Sá Carneiro em Faro, atacou o Primeiro-Ministro, censurou o Presidente da República, exigiu que se não verificassem «intromissões militares», reclamou que os meios de Comunicação Social estatizados não fossem convertidos em «máquina de propaganda do Governo», reivindicou a realização de «eleições gerais».

E o Presidente da República?

Decepcionou quantos tinham tido a ilusão de supor que se cingiria a falar do «25 de Abril» e decepcionou quantos esperavam que poderia dizer coisas novas, sábias e justas. A significativa atitude, no final do discurso, das representações parlamentares do PS, do PSD e do PCP, constituem uma severa apreciação do discurso presidencial. Acaso mais grave, para o Presidente no exercício das suas altas funções, para a projecção militar da sua autoridade, para o seu futuro político, terá sido a triste circunstância do homem que é um «militar de Abril» e o garante da Constituição da República, com humilhada surpreza dos «militares de Abril» presentes, ter sido aplaudido pelo grupo parlamentar do CDS e pelos «independentes» que aspiram a ser os «dependentes» do «partido novo».

Se o discurso de 1977 (variações sobre um projecto inicial de Henrique Granadeiro, segundo revelou o «Expresso») e se o discurso de 1978 (variações sobre um texto projecto de Vasco Pulido Valente, segundo o «Expresso» informa), se destinaram a derrubar governos, este discurso pronunciado a pretexto das comemorações do 25 de Abril, em 1979, quis ser, a um tempo, uma afirmação pessoal de «vontade de poder», uma manifestação de confiança num IV Governo Constitucional sem apoio parlamentar e popular, uma recusa quanto a dar a palavra ao eleitorado.

Porque, e o general Ramalho Eanes, será o primeiro a reconhecê-lo, a razão alegada para recusar a urgência de uma consulta eleitoral, cujos custos materiais, políticos e sociais todos conhecemos, a não pressupor a constituição de um Governo que mereça para além da confiança «pessoal e institucional» do Presidente, a confiança política, administrativa e moral do Povo, implica um desafio às «oposições», um convite arrogante para que as «oposições» se convertam em «oposição».

E, com prejuízo da solenidade do dia, e da lembrança grata que ele evocará sempre para os democratas portugueses e para os portugueses antifascistas, o discurso do Presidente da República, apoiado em argumentação de facto e de direito que não pode ser ignorada. foi direito à conclusão errada: a de que, **em democracia,** se pode governar contra «a vontade persistente de um povo».

Concordamos que o tempo corre contra a crise: queremos «vencer a **crise**» e «transformar efectivamente Portugal». Mas **transformar** Portugal «de acordo com as esperanças de Abril» e «de acordo com as esperanças de Abril» **vencer** a crise. Sim, tem razão o Presidente da República: «Há que mudar de vida enquanto é tempo...». Enquanto é tempo de **cumprir Portugal** «de acordo com as esperanças de Abril». Isto é: **cumprindo Abril.**

E por isso ficamos inquietos – e adivinhamos a confusão dos «militares de Abril» e a perplexidade do Presidente da República – quando o discurso presidencial, que mais do que comemorativo, quis ser programática mereceu estrondosa reprovação da esmagadora maioria dos eleitos da Nação, dos legítimos representantes do Povo Português.

E a observação, discreta mas firme, do velho resistente Teófilo Carvalho dos Santos, pese o tom de **requiem,** teve toda a razão de ser: dois Órgãos de Soberania, mais do que da letra da Lei, ganham a sua força, prestígio e legitimidade do directo voto popular: a Assembleia da República e o Presidente da República.

Ontem, a Assembleia da República, por significativa maioria, demonstrou claramente que discordava do Presidente da República. E, como em Democracia, não existem mandatos pessoais e institucionais acima, ou além, da vontade popular, o Presidente terá que ouvir o Povo já se não quiser contribuir, pessoal e institucionalmente, para aprofundar esta **crise.**

CRÓNICA AGRÍCOLA

Continuação da pág. 3

Conde de Alcáçovas, etc. O senhor Ferreira do Amaral, consta-se, por proposta do PPM está sendo indigitado para **«Marquês da Galeana»**.

A CRISE, O EMPREGO O INVESTIMENTO A BALANÇA DE PAGAMENTOS

Os dois males piores que carregam sobre a sociedade portuguesa são o desemprego e o desequilíbrio da balança de pagamentos.

Volume significativo do desequilíbrio da balança é representado pela importação de bens alimentares, particularmente de cereais e oleaginosas.

Desenvolver programas de produção desses bens, é política louvável meritória, consequente.

O desemprego é um flagelo social. Aquele que quer trabalhar e não tem nada, que quer estudar e não pode, que quer casar, e impedido por falta de trabalho, que quer curar-se e não têm dinheiro para as pastilhas, que quer comer e não têm quê, é um cidadão carregado. Carregado de cargas negativas. A delinquência, a degradação a frustração, o desânimo batem-lhe à porta. Se a situação perdura é um homem liquidado.

A criação de postos de emprego é assim, tem de ser, um objectivo imperativamente prioritário da sociedade portuguesa, da política nacional, dos governos da República, dos cumprimentos a que a Constituição obriga.

A criação de postos de emprego obriga a investimentos, à mobilização de meios para aquele objectivo.

O país tem reduzidos recursos, dispõe de relativos poucos meios, e, em consequência, os meios de que dispõe têm de ser poupados; têm de ser encaminhados no sentido de serem utilizados da forma mais económica, o que pressupõe que os investimentos têm de ser dirigidos para o sector onde o posto de trabalho é mais barato, de custo mais reduzido. Ora o sector onde o investimento é menor por posto de trabalho, por emprego, é o sector agrícola. Às vezes basta uma simples enxada. Sines é assim o exemplo típico do posto caro, do investimento capital intensivo, em que cada emprego custa milhares de contos. Cem milhões de contos para 20 a 25 000 postos.

O empenhamento numa política de desenvolvimento agrícola pela produção dos bens alimentares e outros que nos fazem falta contribuiu para diminuir os pagamentos ao exterior e proporciona o quadro de emprego a custo às nossas fracas disponibilidades.

Tudo o que pratique a lógica desta realidade indiscutível e indesmentível, está no caminho certo, no rumo apontado a um futuro salutar.

Tudo o que for contrário é objectivamente um erro, um crime.

A prática fascista por incapaz de absorver, e engolir as contradições sociais, formulou o desenvolvimento económico no assentamento da indústria, do turismo, da emigração.

A partir daqui a formação e a informação dos técnicos, dos economistas, dos quadros, enquadram-se nesta filosofia.

E chegámos aos nossos dias, com uma insensibilidade enorme, em governantes, instituições e quadros dirigentes para a orientação que se impõe e sem a qual não é possível saír do atoleiro em que nos encontramos.

A definição da política agrícola necessária pressupõe empenhamento nacional, reforma de mentalidades, reciclagem, discussão pública, lavagem de cérebros poluídos por atracção de grandezas e distorções de informação e objectivos.

Porquê os ataques às UCP/Coop? Porque retirar-lhe os meios de actuação? Porquê esta política de abismo, de maltusianismo propositado?

Associação social-democrata já na próxima semana

Os 37 deputados dissidentes do PSD e outras personalidades deverão formalizar na próxima semana a criação de uma nova associação política. Após uma reunião efectuada na última noite, foi decidido designar uma comissão instaladora da associação social-democrata que poderá vir a ser futuramente partido político. O grupo, inicialmente formado pelos 37 deputados, conta hoje com mais de 500 personalidades apoiantes e, com excepção do Algarve tem já com núcleos de apoio em todos os distritos do continente.

Se a nova associação se transformar em partido político, os deputados independentes que a integram terão de abandonar o Parlamento. Se a associação como tal se mantiver, os seus membros não poderão concorrer às próximas eleições.

Segundo a ANOP, Hernâni Lopes, embaixador de Portugal em Bona, Figueiredo Dias, Barbosa de Melo e Jorge Miranda serão alguns dos futuros membros da associação social-democrata em formação. O SPD, Partido Social-Democrata da Alemanha Federal seria uma das ligações internacionais a que a associação daria preferência.

Os ex-PSD abordarão nos próximos dias as questões de abertura de sedes distritais, a aprovação dos Estatutos e a escolha definitiva do nome da associação.

SINDICALISTAS DO PSD MANTÊM FILIAÇÃO

Os militantes sindicalistas que haviam anunciado a sua vontade de abandonar o partido, na sequência da cisão do grupo parlamentar, emitiram um comunicado em que afirmam permanecer no PSD até à realização do VII Congresso em Junho.

O grupo de sindicalistas animado por Rui Oliveira afirma que os resultados das negociações com a Comissão Política Nacional do PSD não foram satisfatórios, apesar da boa vontade demonstrada por Meneres Pimentel. Os sindicalistas haviam apresentado a Sá Carneiro um documento contendo as condições para a sua permanência no PSD. Na decisão do grupo em causa estaria a análise da atitude de um grupo de sindicalistas do Norte que, embora criticando algumas questões internas, decidiram não pôr em causa a sua filiação partidária.

No comunicado dos ex-dissidentes sindicalistas afirma-se que persiste a falta de capacidade de diálogo, apego ao poder e intransigência por parte do CPN do PSD, mas que se mantém a esperança de que a clarificação esperada no VII Congresso permita refazer o verdadeiro espírito social democrata expresso no programa, a sua prática diária e o regresso de todos os dissidentes.

Conselho Distrital de Setúbal

A Assembleia Distrital de Setúbal, de acordo com a lei, procedeu à eleição dos seus representantes para o Conselho Distrital.

O Conselho é composto pelos seguintes cidadãos:

Manuel da Mata de Cáceres, Herculano Rodrigues Pires, Eduardo Ribeiro Pereira, Ernesto Joaquim Soares Vitorino, Eufrázio Filipe, Fernando José Madeira Ribeiro, Henrique Carlos Quaresma da Silva, Ezequiel Lino e José Raposo Nobre.

Distribuição de 36 moradias foi festa em Linda-a-Velha

Trinta e seis famílias residentes em Linda-a-Velha puderam ontem, dia 25 de Abril, abandonar as barracas ou quartos alugados em que viviam, por terem finalmente as suas casas. Efectivamente, a Comissão de Moradores fez ontem a distribuição das respectivas chaves durante uma cerimónia enquadrada nas comemorações de Abril. O novo bairro deverá abranger 36 edifícios, 12 dos quais correspondem aos que ontem passaram a ser habitados, e foi concebido no âmbito do projecto SAAL.

Em ambiente de festa, um dos elementos da Comissão de Moradores sublinhou que «a entrega de uma casa não é uma vitória, é o princípio de uma vitória que se consumará quando todos os habitantes pobres de Linda-a-Velha passarem a dispor de uma habitação condigna. Por sua vez, o presidente da Câmara de Oeiras diria que «esta é a melhor resposta que podemos dar aos ataques que têm sido dirigidos contra o 25 de Abril». E, mais adiante: «As casas para os moradores pobres são também a prova de que o 25 de Abril foi feito para o povo, feito para todos vós, e não para os detentores dos grandes privilégios que hoje tentam recuperá-los.»

A Comissão de Moradores de Linda-a-Velha, a cuja pertinácia se deve a distribuiçó de casas a que ontem procedeu, esteve acompanhada, na festa de ontem, por numerosos representantes de outras comissões de moradores e comissões de trabalhadores do concelho de Oeiras.

CADEIA DE CUSTÓIAS

Antifascistas impedidos de comemorarem Abril

PORTO, 26 – Segundo um comunicado dos presos de Custóias ligados ao «Caso PRP», não foi permitido comemorar Abril naquele estabelecimento prisional.

Dizem no documento aqueles «presos políticos antifascistas de Custóias» que «o 25 de Abril, ficou às portas das cadeias, como ficou à porta da polícia».

«Aqui não há Abril, sublinham, acrescentando que tal como não nos foi possível festejar o 7 de Novembro, data da I Revolução Socialista da História, também não nos é possível comemorar a queda do fascismo.»

Segundo aqueles presos, havia sido feita uma petição ao director no sentido de o 25 de Abril ser comemorado «nos moldes e condições das festas de Natal, Ano Novo e Páscoa».

A resposta foi negativa.

Abertura da Feira Popular foi muito concorrida

Esgotaram-se as lotações dos restaurantes da Feira Popular de Lisboa, quando ontem o recinto abriu ao público pela primeira vez este ano.

Cerca de cinco mil pessoas, segundo os responsáveis, aglomeravam-se junto aos portões, quando às 19 horas, em ponto foram abertos.

As actividades deste ano, cuja temporada termina a 30 de Setembro, integram-se nas comemorações do Ano Internacional da Criança. À entrada da feira, encontram-se reproduções de desenhos e outras manifestações de crianças da colónia balnear infantil «O Século», instituição a favor da qual revertem os fundos adquiridos durante a temporada.

Ao longo dos cinco meses efectuar-se-ão várias iniciativas de que a criança será o principal agente, como pintura de murais interiores e utilização gratuita das várias diversões.

27 mil contos para esgotos da Operação SAAL

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou consignar a verba de 27 mil contos para execução de várias obras de arruamentos e esgotos destinados à Operação SAAL (Serviços Ambulatórios de Apoio Local).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º 2777/B

2.ª Secção

EXECUÇÃO DE SENTENÇA EXEQUENTE

METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, SARL

EXECUTADA

CLONA — MINEIRA DE SAIS ALCALINOS, SARL, com sede na Av. Duque de Ávila, 95 - 4.º - Esq.º, Lisboa.

FAZ-SE SABER que no próximo dia 9 de Maio, pelas 14.30 horas, à porta deste Tribunal, sito no Palácio da Justiça - 6.º piso, nos autos acima indicados, hão-de ser postos em praça pela 1.ª vez para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no auto de avaliação, diversos bens móveis, para escritório, penhorados nos autos, e que se encontram na sede da Executada, sendo seu depositário Manuel Pereira Júnior, residente em Lisboa, que durante o dia se encontra na sede da referida firma.

Lisboa, 17 de Abril de 1979

O Juiz de Direito

(a) Abílio Maria Peres

O Escrivão de Direito

(a) Henrique Pereira da Cunha

RESTAURANTE
BAR
ESTRELA DO NORTE
Gerência de VITOR SILVA
MARISCOS ● SERVIÇO REGIONAL
Av. D. Vasco da Gama, 63
Telefone 63654
LAGOS — ALGARVE — PORTUGAL

Falará INGLÊS mais depressa porque na BERLITZ aproveita o seu tempo 100x100

...e é a língua universal dos negócios!

Berlitz tem cursos especiais para pessoas que, como Você, dispõem de pouco tempo. Cursos de comprovada eficácia em milhares de casos como o seu.
Se Você é um profissional com aspirações, tem uma razão poderosa para desejar falar inglês rapidamente.
Berlitz baseia o seu êxito na utilização de métodos exclusivos. Telefone ou venha à Berlitz hoje mesmo.

BERLITZ®

Escadinhas da Barroca, 2 (ao Largo de S. Domingos - Rossio)
Telef. 87 46 56 1100 – LISBOA
Servico de Tradutores e Intérpretes

SUPER LONDRES 2000
ABRIL
Viagens de 3, 4 e 7 dias
PARTIDAS ÀS 6.as E DOMINGOS
PREÇOS DESDE
6.500$00
REDUÇÕES ESPECIAIS PARA PLANO FAMILIAR
Tempos Especiais
Peça-nos programa
BUISSON
VIAGENS • TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tels. 4 04 68 - 55 67 19 - 56 03 20
Teleg.: BUISTOUR - Telex: 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

NO AMBITO DA EFTA

Portugal e a Espanha concluem acordo

O ministro espanhol do comércio, Garcia Diez, virá novamente a Lisboa, dentro de uma ou duas semanas, para rubricar um acordo de supressão de impostos alfandegários entre Portugal e a Espanha, celebrado no âmbito da EFTA.

Fontes oficiosas de Madrid indicaram que Garcia Diez e o seu colega português, Repolho Correia, chegaram a acordo durante as reuniões mantidas em Lisboa, no princípio da semana, para tentar solucionar as dificuldades existentes nas negociações sobre o intercâmbio comercial dentro da EFTA.

Tanto Portugal como a Espanha fizeram recíprocas concessões e agora apenas faltam pequenos pormenores, o que permitirá que dentro de poucos dias, talvez duas semanas, Garcia Diez se desloque de novo a Lisboa para rubricar o referido acordo que não se chamará de intercâmbio comercial, como estava previsto, mas de supressão de impostos alfandegários.

O acordo entre Espanha e Portugal permitirá que seja assinado o acordo preferencial entre Espanha e a EFTA no próximo dia 21 de Maio, em Genebra.

FORD DESISTE DE NOVA FÁBRICA NA EUROPA

Espanha e Portugal com possibilidades de verem ampliadas as suas linhas de montagem

A Ford pôs de lado a ideia de construir uma nova fábrica de montagem em França ou na Áustria, (países que para o efeito pareciam reunir maiores possibilidades), ou mesmo em Portugal ou Espanha, onde também tem representações, e por sinal onde é possível encontrar mão-de-obra perfeitamente acessível e ao mesmo tempo em vias de segura especialização.

Essa decisão foi agora anunciada e representa para os austríacos o esfumar de largas esperanças, já que a fábrica de montagem prevista pela Ford para Aspern, nos arredores de Viena, teria criado (com as empresas anexas) cerca de oito mil empregos suplementares na Áustria. Como que em resposta, o chanceler Bruno Kreisky sublinhou na capital daquele país que «estão em curso negociações com a empresa americana General Motors para realizar um projecto idêntico ao que estava previsto pela Ford».

Em França, e em particular entre os PDG's da Peugeot/Citroen e da Renault a decisão foi bem acolhida, já que os mandatários daquelas enpresas, a propósito do projecto da Ford para aquele país, tinham-se oposto a tal argumentando que o equilíbrio competitivo seria completamente descontrolado. Era entre a França e a Áustria que se jogava renhidamente nas últimas seis semanas a hipótese de instalação da nova fábrica de montagem da Ford para a Europa. Afinal, tudo continua como dantes – pelo menos nos próximos dois meses.

É provável que em fins de Junho ou princípios de Julho a empresa de Illinois (cidade de Detroit) anuncie quais as fábricas na Europa onde ampliará a sua montagem, fórmula que decidiu adoptar em vez de construir novas unidades. Isso porque, expandir e aumentar as já existentes «será mais barato e razoável». Neste caso, Espanha (sobretudo) e Portugal (por hipótese) parecem atrair as atenções dos responsáveis da Ford, não só pela questão da mão-de-obra barata, mas também pelo facto da sua proximidade. Concretamente quanto ao nosso País, o complexo de Sines teria algo a ver com toda a história.

Em Espanha, e em particular em Valência (meios financeiros e industriais) especula-se muito com essa possibilidade, já que as instalações de Almusafes, nas cercanias daquela cidade, são as que reúnem melhores condições de ampliação. Por outro lado, em Almusafes, fabricam-se actualmente todos os motores para os Ford-Fiesta bem como para outros veículos que são montados na RFA. Lembra-se a propósito que a Ford foi o ano passado a principal empresa exportadora do país vizinho. Nesse sentido, aliás, o Governo espanhol parece interessado em aliviar a carga fiscal, sobretudo para as empresas vocacionadas para a exportação.

A Ford, que em 1978 vendeu um milhão e duzentos mil carros na Europa tem duas fábricas de montagem em Inglaterra, outras tantas na RFA, e uma em Espanha, Irlanda, Bélgica, Holanda e Portugal. A hipótese de vir a construir mais uma unidade de fabrico no continente, envolvendo um dispêndio de 800 milhões de dólares (cerca de 40 milhões de contos) apontaria para um aumento de fabrico na ordem dos 220 mil carros por ano, a juntar aos (por exemplo) 1,2 milhões do ano passado.

Recorda-se que Portugal e a Espanha eram sérios candidatos à instalaçõ da dita, juntamente com a França e a Áustria, que reuniam «a priori» maior consenso.

CEE NÃO É OBSTÁCULO

Açucar a partir da beterraba pode ser produzido em Portugal

A criação de uma indústria de açúcar a partir da beterraba volta outra vez a estar na ordem do dia, desta vez, comentada por Duarte Amaral, director do Gabinete de Estudos Tecnicos da Administração Geral do Açúcar e do Álcool. O boletim do mês de Março desta instituição traz um artigo em que se consiera pouco verosímil «que a CEE invoque os interesses comunitários para desaconselhar a criação de uma indústria própria do açúcar a partir da beterraba».

O director do Gabinete de Estudos defende ainda no seu artigo as vantagens económicas da beterraba como cultura optativa, devido não só à sua potencialidade como, também, por fornecer subprodutos para a pecuária. Considera ainda que o açúcar produzido satisfaria apenas uma parte da procura do mercado interno, podendo, assim, a CEE garantir a Portugal uma quota de produção inferior ao nosso consumo.

Entretanto, refere ainda aquele boletim que os preços do açúcar baixaram no mercado internacional porque os Estados Unidos principal importador no «mercado livre» não ratificaram o acordo internacional que entrou em vigor em Janeiro do ano passado, existindo neste momento grandes «stocks» em poder dos produtores. Durante o ano de 78 registou-se uma quebra dos preços do açúcar que passou de 107 libras para 94 libras por tonelada métrica.

A produção de açúcar em Portugal continental diminuiu de 1977 para 1978 cerca de 14 mil toneladas, (passou de 312.550 para 282.753), no entanto o mercado interno absorveu mais quantidades neste último ano. As vendas em 1978 subiram 3,6 por cento em relação ao ano anterior. O acréscimo de vendas deveu-se, fundamentalmente, ao consumo industrial que registou um aumento de 6,3 por cento. As vendas para consumo doméstico cresceram mais 1,7 por cento e as vendas para consumo misto, 18,5 por cento.

Gerência da Transtejo tomou posse

O ministro dos Transportes e Comunicações, Marques da Costa, conferiu posse aos elementos que constituem o conselho de gerência da Transtejo, EP: engenheiro Fernando Augusto Soares Seixas, comandante Rui Fernando da Cruz Ventura e dr. Albano de Figueiredo e Sousa, que desempenharão as funções de presidente e vogais, respectivamente.

Trata-se do primeiro conselho de gerência nomeado para a Transtejo, EP, desde a sua nacionalização.

O eng. Soares Seixas e o comandante Cruz Ventura já faziam parte da comissão administrativa que tem vindo a gerir a empresa desde Dezembro de 1975.

MAGGIE SMITH

PREMIADA COM O «OSCAR» DA ACADEMIA PARA A MELHOR ACTRIZ SECUNDÁRIA.

Premiado com 2 GLOBOS DE OURO

MELHOR COMEDIA · MELHOR ACTRIZ - MAGGIE SMITH

Na tradição de "UM CADAVER DE SOBREMESA" "GOODBYE GIRL" e "6 MULHERES PARA UM DETECTIVE"

A MAIS FABULOSA COMEDIA DO ANO!

Alan Alda Walter Matthau
Michael Caine Elaine May
Bill Cosby Richard Pryor
Jane Fonda Maggie Smith

ELES e ELAS FAZEM FÉRIAS REPARTIDAS...

-Um Apartamento na California-

COLUMBIA PICTURES APRESENTA · UMA PRODUÇÃO RAY STARK · Um Filme de HERBERT ROSS
escrito por NEIL SIMON "CALIFORNIA SUITE"
com ALAN ALDA · MICHAEL CAINE · BILL COSBY · JANE FONDA
WALTER MATTHAU · ELAINE MAY · RICHARD PRYOR · MAGGIE SMITH
Argumento de NEIL SIMON · Produção de RAY STARK · Realização de HERBERT ROSS

N.A. M/13 ANOS

5.ª SEMANA AMANHÃ NO Cine estúdio terminal

AVISO

O CONCURSO «UMA SEMANA NO ALGARVE» SÓ TEVE LUGAR NO CINEMA MUNDIAL. NÃO É EXTENSIVO AO ESTÚDIO TERMINAL

PUB.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS

Rua Pascoal de Melo, 1, 4.º – Esq. ● Telef. 82 37 15 ● LISBOA – 1

O MINISTÉRIO DO TRABALHO E O GOVERNO NÃO SERVEM OS TRABALHADORES

A par da publicação de leis gravemente lesivas dos interesses dos trabalhadores e sem a participação das suas organizações representativas, como estipula inequivocamente a Constituição da República, do apoio descarado concedido ao patronato, da incompetência e inoperância manifestada na resolução dos problemas laborais, o MT vem seguindo outras atitudes que identificam com clareza os fins que prossegue e que interesses defende efectivamente.

Com efeito, a confirmar esta afirmação estão entre muitos outros, alguns exemplos que passamos a destacar. Assim:

1 — Desde os contratos que levam meses para serem publicados, às reuniões que levam semanas a marcar, aos entraves por questões de «forma» que escondem questões de «fundo», etc., etc., chegou-se ao extremo de permitir que as entidades patronais da Mendes Godinho levantem o texto já depositado e assinado pelos sindicatos para acrescentar uma categoria!
2 — No ACTV das Petrolíferas Privadas entre a última reunião de conciliação realizada em Novembro e a primeira reunião da Comissão Técnica que vai elaborar uma Portaria decorreram mais de 4 meses.
3 — No ACTV para o Cachão, o Ministério recusa o direito constitucional à contratação colectiva, pretendendo com isso deixar centenas de trabalhadores sem Regulamentação, numa situação que se arrasta desde meados de 1978.
4 — Nas Cervejeiras, acontece o mesmo, só que aqui há a particularidade de o actual Ministro do Trabalho, ter sido o principal responsável pela situação, quando pertencia ao Conselho de Gerência das empresas cervejeiras nacionalizadas. A situação arrasta-se desde Maio de 1977, há 2 anos portanto.
5 — Nos Fósforos, tem permitido ao patronato empatar tempo com propostas ridículas, chegando ao cúmulo de recusar objectivamente o cumprimento da lei que o próprio MT elaborou, ao não avançar para uma PRT, quando há todo o fundamento legal para isso.
6 — O Acordo Complementar de Formação Profissional da Petrogal, está para publicação desde Janeiro, já não se sabe se por faltarem credenciais, se pelo facto de o MT não o pretender publicar.
7 — A Comissão Técnica Tripartida da PRT Indústria Química, criada pelos Ministérios, não chegou a funcionar (desde 1977) porque os patrões se recusam a nomear representantes. O MT nada faz.
8 — As Comissões Tripartidas dos Botões e das Armações Oculares, estão a ir pelo mesmo caminho, pois já indicámos os nossos representantes e nada!

Esta situação não serve os trabalhadores de facto. Como não serve os trabalhadores nem outras camadas da população um Governo que vendo recusado pela Assembleia da República o «seu» decreto dos 18% e logo se apressa a firmar que manterá aquele limite salarial, numa inadmissível falta de respeito pela Assembleia, que não se coaduna com a «democracia» que apregoa.

O Governo Mota Pinto não serve os trabalhadores nem o país!

A LUTA CONTINUA!
MOTA PINTO PARA A RUA!

Lisboa, 17 de Abril de 1979

O SECRETARIADO

Aguardam depósito 37 CCT's

Durante o mês de Março foram depositadas na Direcção-Geral do Trabalho 32 convenções colectivas de trabalho, enquanto outras 37 aguardavam depósito por «não obedecerem a todos os requisitos necessários para o efeito» – informa o Ministério do Trabalho, num curto balanço sobre as suas actividades durante aquele mês.

Entre as convenções cujo depósito foi aceite contam-se os CCT's do comércio de pescado e da Carris, e os ACT's da EDP e da Petrogal. Quanto a portarias de extensão, foram remetidas 15 para publicação, «encontrando-se em circulação para assinatura pelos membros do governo competentes outras dez».

Por seu turno, a Secretaria de Estado da População e Emprego recebeu 21 novos processos para apreciação económica e financeira sobre outras tantas empresas.

JOC prepara campanha contra contratos a prazo

A Juventude Operária Católica (JOC) vai promover uma campanha contra os contratos de trabalho a prazo, no âmbito de uma actividade mais vasta de luta contra o desemprego, e muito especialmente contra o desemprego juvenil.

A JOC «visa essencialmente responder à situação da juventude trabalhadora através da tomada de consciência da realidade da vida dos jovens trabalhadores», de acordo com um programa de acção elaborado pela assembleia nacional daquela organizaçõ. Problemas como o desemprego e os contratos a prazo a repressão patronal nas mepresas e a ocupação dos tempos livres têm sido ventilados ultimamente, no decurso de encontros, debates e convívios promovidos pela JOC.

Estão em debate, igualmente, os reflexos pessoais e familiares de todos esses problemas, com destaque para a «falta de diálogo, falta de liberdade (sobretudo para as moças), más condições de habitação, e, no caso de jovens que pretendem casar, falta de habitações que correspondem tanto ao nível da procura como das capacidades financeiras que os jovens trabalhadores possam assumir». Em consequência, «o jovem trabalhador sente-se muito limitado, e a situação que vive leva-o por vezes ao desespero».

A campanha nacional contra os contratos a prazo foi anunciada pela JOC no último número da **Vos do Trabalho**, órgão mensal da Liga Operária Católica, que citamos a este respeito. Ela pretende dar uma resposta «organizada e consciente» à institucionalização dos contratos a prazo, que afectam em primeira mão os jovens trabalhadores e aqueles que procuram o primeiro emprego.

«Os contratos a prazo são trabalho conta-gotas, e n-os não podemos viver a conta-gotas», denuncia a JOC, apontando os diversos inconvenientes desse tipo de contrato: dá «cobretura a manobras de chantagem», implica a incerteza de emprego, facilita a «intimidação e repressão» nas empresas, possibilita «atropelos graves», e impede os trabalhadores de «concretizar aspirações profundas a que temos direito».

Por outro lado, os jovens trabalhadores contratados a prazo mantêm-se em situação de dependência financeira da família, e «não podem utilizar economias em favor duma ocupação mais saudável dos tempos livres, porque o desejo de manter alguma segurança financeira exige que se amealhem alguns tostões para garantia num possível despedimento e inactividade futura».

A JOC reconhece que o desemprego no nosso País é um «facto alarmante», que resulta em grande parte do fim da guerra colonial, do regresso dos portugueses das ex-colónias, da saída anual de 60 000 estudantes das escolas, da falta de incnetivo nos diversos sectores da actividade profissional e da agudização das contradições do capitalismo, cuja crise se agudiza.

Toda esta problemática vai ser analisada em assembleias reginais de jovens trabalhadores, a realizar no dia 6 de Maio por iniciativa da JOC.

SOLTAS

Consulai-nos

A diferença de situação entre os funcionários consulares de carreira e os eventuais foi objecto de protesto por parte de uma comissão prósindical (das missões diplomáticas e postos consulares no continente norte-americano). Os funcionários eventuais das embaixadas e consulados portugueses na América do Norte pretendem, pois, ver equiparados os seus vencimentos aos dos funcionários de carreira. Acontece que um vice-cônsul português ganha menos que um carteiro canadiano: 52.500 escudos contra 57 mil. Em contrapartida, um cônsul-geral (de carreira) tem ordenado de 40 mil escudos e abono ajustável ao custo de vida local.

O «24» NO COMÉRCIO

O despacho do Governo Mota Pinto impondo a abertura do «Pão de Açúcar» aos sábados de tarde, mostra claramente «o cariz reaccionário e defensor dos grandes monopólios, deste Governo, que por todos os meios procura conduzir o País ao 24 de Abril de 1974, em que reinava a imposição pela força, pela repressão, como forma de solucionar os problemas dos trabalhadores». Quem o diz é o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul, em comunicado recordando que «a semana inglesa é um direito reconhecido pelo patronato da Indústria de Panificação de todo o País, a partir de 1975». E depois: «A luta dos trabalhadores do comércio também é a nossa luta».

1 400 000

«A Comissão Provisória de Reformados de Torres Vedras exige a demissão do Governo Mota Pinto/PPD por este não levar em consideração o estado de miséria em que sobrevivem cerca de 1.400.000 (um milhão e quatrocentos mil) reformados e, pelo contrário, procura dar-lhes uma vida cada vez mais de miséria» – é texto de uma moção divulgada através da União dos Sindicatos de Torres Vedras. A mesma Comissão «exige que o caderno reivindicativo do MURPI seja aplicado e venha contemplado no próximo Orçamento Geral do Estado».

CUT EM LISBOA

Está, desde ontem, em Lisboa, uma delegação da Central Única dos Trabalhadores do Chile, composta pelos respectivos presidente e vice-presidente, Mário Navarro e Eduardo Rojas. Estes elementos terão conversações com os dirigentes da CGTP-IN, no espírito das «relações de amizade e cooperação desde há muito mantidas com a CGTP-IN», nas palavras de Navarro.

ORTY MÓVEIS CONFIANÇA

ATENÇÃO

Visite os salões de exposição das nossas fábricas

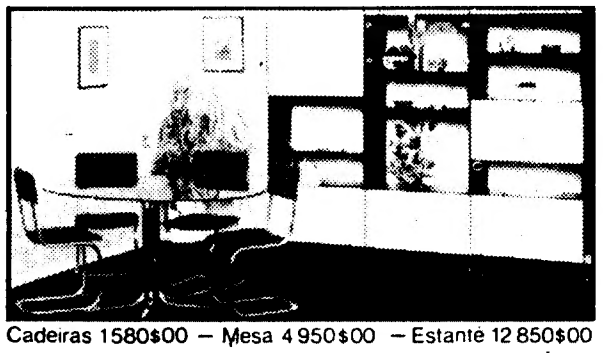
NUNCA COMPRE OS SEUS MÓVEIS SEM NOS VISITAR PRIMEIRO, MESMO POR CURIOSIDADE

VEJA A DIFERENÇA: É A FÁBRICA A VENDER-LHE DIRECTAMENTE

Quarto de casal desde 11 950$00

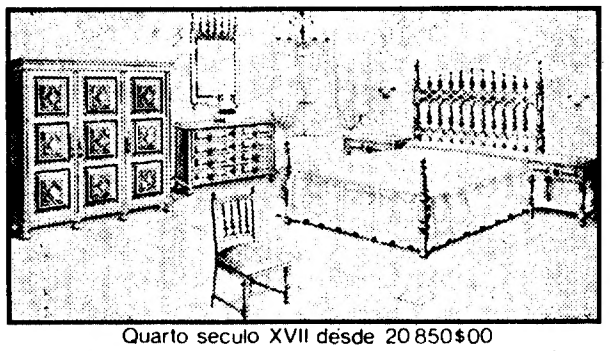
Quarto de criança desde 8 500$00

GRANDE VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO



Cadeiras 1580$00 — Mesa 4 950$00 — Estante 12 850$00

PREÇOS	ERA	É
Quarto casal moderno	20 000$00	11 950$00
Quarto criança moderno	15 000$00	8 500$00
Salas modernas c/ cristaleira	19 000$00	12 500$00
Jogo de maples desde	7 000$00	4 500$00



Quarto seculo XVII desde 20 850$00

PREÇOS	ERA	É
Quartos século XVII em mogno	29 000$00	20 850$00
Salas século XVII em mogno	38 000$00	27 850$00
Mesas de refeição cromadas tampo vidro	8 000$00	4 950$00
Cadeiras cromadas veludo ou napa	2 200$00	1 580$00

E AINDA ARCAS, COLCHÕES E MUITOS OUTROS ARTIGOS A PREÇOS NUNCA VISTOS.

ABERTO À HORA DO ALMOÇO E ATÉ ÀS 21 HORAS E AO SÁBADO

De tarde na Av. 25 de Abril, 45 — Almada e Av. 5 de Outubro, 55 — Lisboa

ORGANIZAÇÕES A. S. NUNES

VISITE O 1.º SUPERMERCADO DE MÓVEIS EM PORTUGAL

Av. 25 de Abril, 45 • Telef. 2769001 • ALMADA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO: Av. 5 de Outubro, 55 • Telef. 546860 • LISBOA

Rua Luciano Cordeiro, 18-A • Telef. 577521 • LISBOA

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (junto ao Pão de Açúcar) • COVA DA PIEDADE

Feira Popular de Lisboa • Pavilhão de expositores • Telef. 731588

Em Portimão
será sempre bem servido
no

RESTAURANTE-SNACK-BAR

COVA FUNDA

O prato do dia e os grelhados de peixe são especialidades que você vai gostar

Av. S. João de Deus, 60 – Tel. 24394 – Portimão

CAMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO
PARA ARREMATAÇÃO
DA EMPREITADA
DE
«PAVIMENTAÇÃO, ALARGAMENTO E DRENAGEM DE ÁGUAS PLUVIAIS DA E. M. 511 ENTRE CRUZ DE PAU E AMORA»

PREÇO-BASE, 5 343 834$10; CAUÇÃO PROVISÓRIA, 133 596$00; ALVARÁ(S) EXIGIDO(S), IV ou V categoria.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS:

LOCAL: Paços do Concelho da Câmara Municipal do Seixal.
Serviço de S.E.A.P. — Serviços de Engenharia, Arquitectura e Planeamento.
ÚLTIMO DIA E HORA: 30 dias após a publicação no D. R.
O Local do acto público do concurso terá lugar no(a) sala das Sessões nos Paços do Concelho do Seixal, pelas 16.00 horas, na 1.ª sexta-feira, após o prazo de 30 dias da publicação no «Diário da República» do respectivo anúncio.
O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos, nos Serviços de Engenharia, Arquitectura e Planeamento.

Seixal, 23 de Abril de 1979
O Presidente da Câmara
Eufrásio Filipe Garcês José

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE AB

Um toque de «jazz» na noite de 24 de Abril. Actuam os «Jazz Messengers», de Art Blakey, na Praça do Comércio

Maria Dulce disse poemas de Manuel Alegre, escritos no exílio. A poesia também foi uma arma

À meia-noite, cantou-se a «Grândola»: o Terreiro do Paço transformado em Terreiro da Fraternidade

Cinco anos depois, os cravos não murcharam. Ou, pelo menos, não murchou a esperança nos corações da gente

PRAÇA DO COMÉRCIO: TERREIRO DA FRATERNIDADE

Aniversário do 25 de Abril festejado de véspera

Assim como se tratasse de uma gigantesca festa de Fim-do Ano, ao soar da meia-noite (de 24 para 25) milhões de portugueses, incluindo núcleos de emigrantes espalhados pelo mundo, cantaram «Grândola Vila Morena». Em Lisboa, como noutros pontos do país onde houvesse uma banda ou um simples conjunto musical, a canção-senha do 25 de Abril precedeu a «Marcha do MFA». O Povo português comemorou desta forma cinco anos de Liberdade. Cada partido deixou a bandeira na sua séde vendo-se, apenas, a bandeira portuguesa flutuando nos mastros das praças.

No Teatro S. Luiz, o aniversário do 25 de Abril foi comemorado de véspera com um espectáculo de bailado pela Companhia Nacional

Na capital do país, os principais festejos da noite de 24 tiveram lugar na Praça do Comércio (Terreiro do Paço) organizados pela Câmara Municipal de Lisboa. Muitos milhares de lisboetas e população das zonas suburbanas, e mesmo de vilas e aldeias distantes, assistiram ali ao lançamento de balões coloridos e de fogo de artifício.

Curiosamente, a véspera do 25 não foi, de facto, prejudicada pela «trica» política: nem ao nível de posições partidárias, nem mesmo em termos de esquerda-direita. O que se viu pelo país fora, e disso a Praça do Comércio foi somente um exemplo, permite concluir por um acordo tácito entre os portugueses que transpôs a barreira das ideias pessoais de cada um. Tratava-se de festejar cinco anos de vida em liberdade, e as pessoas encheram os autocarros, os eléctricos e as camionetas para chegar a horas à festa.

Foi assim que vimos a Praça do Comércio transbordar de gente. No palco ao ar livre, à beira-Tejo, o grupo «Jazz Messengers», de Art Blakey, levou o público jovem ao rubro. Ali viria a actuar ainda o Coro da Universidade de Lisboa e diversos artistas nacionais. Destaque para Maria Dulce que disse poemas de Manuel Alegre, escritos no exílio.

Entretanto, e não obstante o aniversário de uma Revolução constituir, sempre, motivo de reflexão (apenas cinco anos depois, não é possível deixar de pensar «como era antes» e «como é hoje») pode dizer-se que, para a maioria das pessoas que vieram para a rua, o Fascismo é assunto enterrado. Em todas as festas realizadas (arraiais, variedades, espectáculos para crianças, manifestações desportivas) ressaltou o cunho popular destas iniciativas.

Conforme dissemos, o dia 24 e madrugada afora, fez lembrar uma passagem de Ano ou as Festas dos Santos Populares. Pelo menos no Terreiro do Paço, o lisboeta picava rodelas de chouriço, devorava bifanas, matava a sede com branco ou tinto e cerveja. Duas diferenças: em vez de manjericos, cravos vermelhos, em vez das quadras à namorada, uma canção para todos: «Grândola Vila Morena/ Terra da Fraternidade/O Povo é quem mais ordena/Dentro de ti ó Cidade»....

E apenas uma vez, em toda a noite de terça-feira, milhares de pessoas que mal cabiam na Praça do Comércio, terão sentido, no plural, que não estavam ali por ser dia santo ou feriado municipal: dezenas ou centenas de foguetes iluminaram o céu e tocou a marcha do Movimento das Forças Armadas. Uma marcha familiar aos portugueses, com a força de uma recordação inesquecível.

As comemorações em Almada

Após uma animada sessão comemorativa, organizada pela União dos Resistentes Antifascistas (URAP) nos salões da Sociedade Filarmónica Piedense, na qual foram oradores, o antigo ministro Mário Ruivo, o comandante Costa Santos e João Faria Borda, os participantes juntaram-se aos manifestantes que, cerca das 24 horas, se dirigiram para a Praça Gabriel Pedro, onde até altas horas da manhã, foi aclamada, com entusiasmo, a data da Revolução de 25 de Abril.

A Praça Gabriel Pedro foi, uma vez mais, o teatro de uma grande manifestação popular comemorativa da Revolução de Abril.

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno	~~18 000$00~~	11 950$00
Quarto casal moderno	~~21 000$00~~	12 950$00
Quarto criança moderno (desde)	~~15 000$00~~	8 500$00
Jogos de maples (desde)	~~7 000$00~~	4 500$00
Quartos Século XVII — Mogno	~~29 000$00~~	20 950$00
Salas Século XVII — Mogno	~~38 000$00~~	30 500$00
Mesas de refeição tampo vidro	~~8 000$00~~	4 950$00
Cadeiras cromadas	~~2 200$00~~	1 580$00
Estante c/ cristaleira	~~18 500$00~~	12 850$00

MUITAS MAIS MOBILÍAS E MAPLES

A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.

R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Blanco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS

LISTA A

LISTA DE UNIDADE UMA EQUIPA DE TRABALHO

COLÓQUIO

SUBORDINADO AO TEMA:

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

QUE NÍVEL?

QUE TIPO DE FORMAÇÃO?

COM — ANTUNES DA SILVA — HELENA MIRA MATEUS — MARIETA DA SILVEIRA — ROGÉRIO FERNANDES
DIA 27 de ABRIL — 21.30h — ESCOLA PREPARATÓRIA FRANCISCO ARRUDA

S R.

CÂMARA
MUNICIPAL DE ALMADA
Serviços Municipalizados
de Água e Saneamento

SECRETARIA

AVISO

Dá-se conhecimento a todos os munícipes deste Concelho que de harmonia com o Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água, aprovado por portaria de 30 de Março, p.p. e publicado no «Diário da República», n.º 89-II.ª Série, de 17 do corrente, foi alterado o preçário da prestação de serviços a realizar pelos Serviços Municipalizados e que é o seguinte, a partir de 1 de Maio, próximo.

1.ª Vistoria	200$00
2.ª Vistoria	300$00
3.ª Vistoria	400$00
Seguintes	500$00
Taxa de ligação	50$00
Taxa de colocação ou transferência de contadores	80$00
Taxa de aferição de contadores	100$00
Taxa de reparação de torneiras de segurança	50$00

Almada, 18 de Abril de 1979

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AVISO

Dá-se conhecimento a todos os munícipes deste Concelho que de harmonia com o Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água aprovado por portaria de 30 de Março, p.p. e publicado no Diário da República n.º 89-II.ª Série, de 17 do corrente, foi alterado o tarifário do consumo de água e as taxas de aluguer de contador que passam a ser as seguintes:

Novo Tarifário
Consumidores particulares
Consumo doméstico

1.º Escalão - de 0 m3 a 5 m3	7$50 cada m3
2.º Escalão - de 5 m3 a 15 m3	9$50 cada m3
3.º Escalão - de 15 m3 a 25 m3	11$50 cada m3
4.º Escalão - de 25 m3 a 50 m3	17$50 cada m3
5.º Escalão - mais de 50 m3	29$00 cada m3
Estabelecimentos comerciais e industriais	9$50 cada m3
Instituições de beneficiência, agremiações culturais e desportivas e colectividades de interesse público	7$50 cada m3
Estado e autarquias locais estabelecimentos comerciais e fabris	9$50 cada m3
Outros organismos e departamentos	9$50 cada m3

Todos os consumidores estão sujeitos ao consumo mínimo obrigatório de 5 m3.

Novas taxas de aluguer de contadores

Ar livre	7$00
12mm a 15mm	12$00
20mm	19$00
25mm	29$00
30mm	58$00
40mm	117$00
50mm	125$00
75mm	130$00
80mm	156$00
100mm	182$00

Almada, 18 de Abril de 1979

O Conselho de Administração

EVA, LDA
CABELEIREIRO

PLENA ACTIVIDADE
POUCO DINHEIRO
POUCO TEMPO

MARQUÊS DE POMBAL, 1
R. C. CASTELO BRANCO, 23

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABR

DE MANHÃ À NOITE

APU encheu o Parque Eduardo VII numa imponente jornada de unidade

O Parque Eduardo VII, onde a APU realizou ontem a sua festa comemorativa do 25 de Abril nunca tinha albergado tanta gente. Eram milhares e milhares de pessoas que se comprimiam numa vasta área frente ao palco ali instalado e se espalhavam também densamente para além da faixa central do parque. É impossível fazer um cálculo do número de pessoas que participaram na festa da APU mas pode afirmar-se com segurança que andaria pelo dobro do ano passado. Era uma comemoração grandiosa do 25 de Abril e uma antecipação do que vai ser o 1.º de Maio.

A festa tinha começado já de manhã para as crianças que tiveram um programa completo com jogos, música, palhaços e outras atracções, tudo num clima de efervescente entusiasmo, difícil de descrever.

ALERTA CONTRA AS MANOBRAS DOS REFORMADORES

Esgotado o riquíssimo programa preparado pela APU, a festa terminou com um importante comício, assinalado pelas mais duras críticas ao Governo Mota Pinto.

Cunha Serra que foi o primeiro interveniente, depois de explicar quais as razões que o levaram a participar na vida política como independente, denunciou o esforço da reacção que ao atacar a Constituição pretende objectivamente atacar a democracia.

Para Cunha Serra «a Constituição está a ser atacada por actos e omissões». O orador destacou a política reaccionária do Governo que encerra em si mesma o perigo do País voltar ao fascismo, lembrando que «em democracia só pode haver um governo de democratas», e denunciou as manobras do CDS e dos «reformadores», incitando o povo de Lisboa a manter-se alerta e unido. «Não será cada um isoladamente que oporá à reacção a barreira suficiente. Só todos juntos o conseguiremos.»

No Parque Eduardo VII a presença das crianças foi uma constante. Na foto um momento da actuação de um rancho infantil

Um dos oradores no comício da APU: Carlos Costa, do CC do PCP

A DIREITA NÃO PODE GOVERNAR

José Manuel Tengarrinha, do MDP/CDE, foi o orador seguinte. Atribuiu ao 25 de Abril, como significado mais profundo, o facto de neste acontecimento desembocarem as lutas e aspirações unitárias que vinham da resistência antifascista. «Lutas e aspirações que eram pela liberdade, contra a PIDE e todas as formas de repressão brutal do fascismo, que eram contra a guerra colonial».

Noutra passagem José Manuel Tengarrinha disse que o 25 de Abril foi uma vitória da unidade entre o Povo e as Forças Armadas, vitória da vontade anticolonialista e antimonopolista. «Foi esse o sentimento fundamental do programa do MFA e o sentido fundamental da Constituição.»

Abordando os problemas económicos, José Manuel Tengarrinha considerou que «na origem da crise política está a impossibilidade das forças de direita governarem, no actual quadro democrátrico, sem atropelarem as normas constituionais em que se baseia a nossa sociedade».

Por isso, «um dos principais objectivos das forças reaccionárias é o derrubamento da Constituição», tentando fazê-lo através da revisão inconstitucional da Constituição, «pelo golpe pseudodemocrático do referendo e com a ameaça de golpes de força, com a pressão dos grandes interesses patronais organizados na CIP».

José Manuel Tengarrinha afirmou depois que o derrubamento do actual Governo «é condição indispensável para a normalização da vida democrática e para a formação de um Governo que respeite a ordem constitucional e possam resolver com competência os graves problemas que o País enfrenta».

A terminar sublinuou que as comemorações do aniversário da Constituição e do 25 de Abril em todo o País, nas quais convergiram forças de diversas naturezas políticas e que demonstraram em relação aos anos anteriores, uma maior determinação e confiança democráticas, mostram expressivamente esse reforço da vontade democrática do Povo.

A REACÇÃO DESORIENTADA

Falou por último Carlos Costa, do PCP que principiou por afirmar que apesar das esperanças que ficaram adiadas, dos muitos problemas que aguardam solução e de haver expectativas que foram iludidas «as realizações da Revolução de Abril têm já um significado nacional e internacionalista indestrutível». «O 25 de Abril», afirmou Carlos Costa, «entrou já no património universal da luta e da experiência revolucionária dos povos de todo o mundo. Constitui das mais brilhantes páginas da História da luta do nosso povo».

Carlos Costa afirmou depois que «a reacção é incapaz de compreender o que se passa, mostra-se desorientada e desesperada».

E perguntou: «Como pode ser que, tendo hoje a reacção o seu Governo, e depois de mais de três anos de política de recuperação capitalista, agrária e imperialista contra as mais belas conquistas da Revolução, o povo festeje cada vez mais Abril, a sua alegria e a sua confiança no Portugal de Abril?»

O dirigente comunista passou depois em revista as principais alternativas que se põem para a resolução do impasse político a que se chegou e concluindo que «o povo é o mais forte e é quem faz a História, apesar de todos os perigos e dificuldades, apesar da dureza das batalhas que nos esperam, estamos em condições de afirmar que 'O Povo Unido Jamais Será Vencido'.»

O 25 DE ABRIL EM ANGOLA, MOÇAMBIQUE E GUINÉ-BISSAU

Neto e Cabral enviaram mensagens

LUANDA – O presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, enviou ao Presidente português uma mensagem de felicitações por ocasião do quinto aniversário da Revolução em Portugal.

Para o presidente Neto, «o 25 de Abril de 1974 é uma data inesquecível na história das revoluções. Um grupo de oficiais progressistas representando um povo desejoso de pôr termo ao domínio do grande capital, determinou-se para uma acção enérgica com vista ao restabelecimento das liberdades do povo português e com vista a uma solução do problema colonial».

«Manifesto de novo o desejo de manter relações de amizade e de cooperação, através do espírito de Bissau», acrescentou o presidente angolano, referindo-se ao acordo assinado entre ele próprio e o seu homólogo português.

●

Em Maputo, o 5.º aniversário do 25 de Abril foi assinalado com uma sessão organizada por portugueses residentes naquela cidade. Nos próximos quatro dias estará patente ao público, no Museu Nacional de Arte, uma exposição de fotografias referentes à instauração da democracia em Portugal.

Domingo, realiza-se uma jornada de trabalho voluntário na Vila de Ressano Garcia, a 100 quilómetros da capital, para que cooperantes portugueses colaborem na reconstrução do parque infantil da localidade.

A comissão organizadora das celebrações inclui o tenente-coronel Varela Gomes e o arquitecto, «Pitum», Keil do Amaral.

Ontem, o jornal «Notícias», de Maputo, afirmava que, «no quinto aniversário do 25 de Abril as forças progressistas portuguesas estão longe de estar derrotadas».

●

BISSAU – «Sólidos laços de amizade e cooperação frutuosa» que unem a Guiné-Bissau e Portugal são evocados numa mensagem de felicitações enviada por Luís Cabral, presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, ao general Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa, por ocasião do Quinto Aniversário da Revolução de 25 de Abril.

Luís Cabral, lembra que estes laços foram consolidados pela visita oficial efectuada à Guiné-Bissau pelo general Eanes, em Fevereiro último.

O presidente Cabral manifesta, por fim, a sua certeza de que o povo de Portugal registará «vitórias contínuas na consolidação das suas conquistas democráticas e da sua obra de reconstrução».

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE AB

IMPRENSA ESTRANGEIRA RECORDA A REVOLUÇÃO

Em Moscovo realizou-se uma sessão solene

O 25 de Abril foi assinalado em Moscovo numa sessão solene em que participaram o embaixador português, Magalhães Cruz e o cosmonauta soviético Iuri Artiukhim, dirigente da associação «URSS-Portugal».

Artiukhim referiu os acordos de cooperação firmados entre os dois países e o crescimento do comércio luso-soviético, cujo valor global atingiu em 1978 cerca de 7 milhões de contos.

O embaixador português manifestou a esperança de que as associações de amizade existentes nos dois países continuem a contribuir para o fortalecimento das relações entre Portugal e a URSS.

Após a audição de um concerto, foi inaugurada, na casa da amizade com os povos dos países estrangeiros, uma exposição fotográfica sobre o 5.º aniversário do estabelecimento de relações entre os dois países.

POLÓNIA

VARSÓVIA – Cinco anos após a Revolução dos «Cravos Vermelhos» dois jornais polacos, o «Glos Pracy», órgão dos sindicatos polacos, e o diário católico «Slowo Powszechne», dedicam extensos artigos à revolução portuguesa.

O primeiro daqueles jornais escreve: «A introdução do sistema democrátrico em Portuge com os povos dos países estrangeiros, uma exposição fotográfica sobre o 5.º aniversári

VARSÓVIA – Cinco anos após a Revolução dos «Cravos Vermelhos» dois jornais polacos, o «Glos Pracy», órgão dos sindicatos polacos, e o diário católico «Slowo Powszechne», dedicam extensos artigos à revolução portuguesa.

O primeiro daqueles jornais escreve: «A introdução do sistema democrátrico em Portugal encontrou e ainda encontra numerosos obstáculos. A resistência da direita faz-se sentir quer no campo político quer no campo económico.»

Por seu lado, o diário católico «Slowo Powszechne» escreve: «O peso duma herança social e económica que o período de ditadura deixou ao país vem, desde o início tendo o seu impacto no desenrolar do processo revolucionário em Portugal.» «Todos os observadores políticos em Lisboa são unânimes em que para resolver a crise económica no país são necessárias medidas drásticas. Mas não se chega a acordo sobre qual o critério de decisão a adoptar..»

RDA

BERLIM – A actual situação política em Portugal segundo o correspondente do jornal «Neues Deutschland» em Lisboa, caracteriza-se por dois factores: «A contínua ofensiva contra as transformações democráticas e a heróica luta do povo pela salvaguarda da ordem constitucional.»

Aquele diário da República Democrática Alemã, em artigo dedicado ao 5.º aniversário do 25 de Abril assinado pelo seu correspondente em Lisboa, Klaus Steiniger, escreve que com o derrube do fascismo se iniciou em Portugal «um processo complexo e cheio de contradições», acrescentando que não obstante as transformações progressistas da vida e das instituições portuguesas estão consignadas na Constituição.

ROMÉNIA

BUCARESTE – Os jornais de Bucareste deram ontem particular destaque ao aniversário da Revolução portuguesa de 25 de Arbil, com particular realce para o telegrama enviado pelo presidente Nicolae Ceausescu ao general Ramalho Eanes.

O mais importante dos quotidianos romenos, «Scinteia», lembra que a Roménia foi dos primeiros países a reconhecer o novo regime democrático português saído do 25 de Abril de 1974 e salienta que o curso favorável aberto às relações romeno-portuguesas foi fortemente estimulado pelo diálogo de alto nível e pelos acordos estabelecidos entre os presidentes Ceausescu e Eanes em Lisboa e em Bucareste.

A propósito do «Dia da Liberdade», escreve o «Scinteia»: «O povo romeno reafirma os seus sentimentos de sincera amizade para com o povo português, ao qual deseja novos sucessos no desenvolvimento democrátrico, na prosperidade e na paz.»

ESPANHA

MADRID — Com programas especiais da televisão e da rádio, editoriais, comentários e entrevistas nos jornais com Otelo Saraiva de Carvalho, Mário Soares e Vasco Lourenço, os meios de comunicação espanhóis deram este ano especial relevo às comemorações do quinto aniversário do 25 de Abril.

De uma maneira geral todos destacam simultaneamente a crise política, económica e social em que Portugal se encontra após «cinco anos de Revolução».

O vespertino «Informaciones», que publicou páginas especiais com entrevistas de Mário Soares e Otelo Saraiva de Carvalho, publica um editorial em que diz «Cinco anos passaram desde aquele 25 de Abril que levou a liberdade a Portugal.

Desmoronou-se o último império colonial do mundo, e praticamente sem sangue Portugal passou da ditadura para a democracia».

O matutino «El País» publica duas crónicas sob os títulos: «Uma maioria do país defende ainda a democracia. Desilusão em Portugal cinco anos depois da Revolução dos cravos» e «Como o processo político estancado revive o salazarismo». Em ambos se analisam as dificuldades económicas, sociais e políticas que o país atravessa.

O «Diário 16» publica uma entrevista com Vasco Lourenço, em que este afirma que «para mim o 25 de Abril continua a ser algo tremendamente sublime e nós, os militares do MFA, conseguimos realizar de uma maneira total o que deveriam fazer todas as forças armadas do mundo: garantir a soberania do próprio povo, para que este seja livre de escolher seus próprios caminhos, sem qualquer limitação à expressão da vontade popular».

Por seu lado, a televisão e a rádio divulgaram programas especiais com comentários e entrevistas com personalidades de diversas tendências, enquanto a imprensa da extrema-direita espanhola tratava o tema de uma maneira mais dramática.

BRASIL

RIO DE JANEIRO — Os jornais brasileiros deram grande destaque à comemoração dos cinco anos da revolução portuguesa.

O «Estado de São Paulo» fez uma matéria de página inteira, e o «Jornal do Brasil» publicou uma nota na primeira página e uma análise de meia página em seu interior.

Walter de Goes, enviado especial do «Jornal do Brasil», fez uma análise sobre o tema, focalizando a actual situação económica e política, além dos diversos problemas que o país vem enfrentando. Conclui a sua análise afirmando que «a sociedade melhor ainda não foi criada, mas é certo que os portugueses estão a tentar encontrar o seu caminho em liberdade»

O «Estado de São Paulo» faz inserir também uma análise da actual situação portuguesa, assinada pelo correspondente Flávio Tavares. Além de depoimentos do ten. cor. Vítor Alves, do major Vasco Lourenço e do major Otelo Saraiva de Carvalho, capitães que participaram na Revolução e por conseguinte no processo de libertação.

Portugal foi o primeiro laboratório da estratégia do Imperialismo

— disse ao "DL" Jean Pierre Chevenement secretário nacional do PS francês

Sobre o 25 de Abril, Jean-Pierre Chevenement, secretário nacional do PS Francês prestou ontem, em Paris, as seguintes declarações ao nosso camarada de Redacção Manuel Anta:

«A Revolução do 25 de Abril teve um considerável impacto que ultrapassa de muito o quadro português. Saudamos aqueles graças aos quais ela pôde ser conduzida ao sucesso.

«Por intermédio deles as estruturas de Portugal foram profundamente transformadas e as conquistas do 25 de Abril ainda são numerosas. Diga-se também que Portugal foi o primeiro laboratório de uma estratégia do imperialismo, estratégia essa destinada a permitir uma experiência revolucionária desde que não ultrapasse os limites toleráveis para o imperialismo.

Como dizia Pierre Thiers, em França, poucos dias após a queda da Comuna «a República será conservadora ou não o será».

Paralelamente, a Democracia hoje existente não só em Portugal, mas também em Espanha, Grécia, Itália e inclusivamente em França, é uma democracia liberal. Ela não pode, segundo a vontade do imperialismo, assumir outros aspectos, não pode atentar contra a preponderância da burguesia nem pôr termo à exploração dos trabalhadores. É esta luta difícil para dar à Democracia um conteúdo mais avançado apesar do peso das pressões internacionais (e não estou a pensar unicamente no FMI) que constitui tarefa dos socialistas e no âmbito mais geral dos homens de esquerda europeus.»

PUB

1º de maio 79

1.º DE MAIO: FESTA DA UNIDADE, JORNADA DE LUTA DOS TRABALHADORES

unidade e luta

DEFENDER ABRIL, A CONSTITUIÇÃO E UM FUTURO MELHOR

NÃO AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

NÃO AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA E AO CABAZ DA FOME

1º MAIO 79

15,30 H. CONCENTRAÇÃO – COMÍCIO seguido de DESFILE e CANTO LIVRE

DESEMPREGO, DESPEDIMENTOS, REPRESSÃO: MISERIA PARA O POVO

Todos à Praça Gen. Humberto Delgado

NÃO A CENSURA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

- BASTA DE AUMENTO DO CUSTO DE VIDA!
- NÃO AO DESEMPREGO, AOS DESPEDIMENTOS E À REPRESSÃO!
- CONTRA A VIOLÊNCIA; SOLIDARIEDADE COM A REFORMA AGRÁRIA!
- NÃO À CENSURA, LIBERDADE DE INFORMAÇÃO!
- FORA O GOVERNO MOTA PINTO, GOVERNO DO GRANDE CAPITAL!
- PROSSEGUIR ABRIL, DEFENDER A CONSTITUIÇÃO!
- PELA DEFESA E APROFUNDAMENTO DA NOSSA UNIDADE, CONTRA O DIVISIONISMO!
- VIVA O 1.º DE MAIO DE 1979!

A COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO NO PORTO
OS SINDICATOS: Trabalhadores Agrícolas, Armazéns, Barbeiros, Calçado, Cartonagem, Cerâmica, Cobradores, Comércio, Conservas, Electricistas, Espectáculos, Construção Civil, Ferroviários, Função Pública, Gráficos, Hotelaria, Imprensa, Indústria e Comércio Farmacêuticos, Lanifícios, Madeiras, Maquinistas Marítimos, Marinha Mercante, Metalúrgicos, Mineiros, Ourivesaria, Panificação e Moagens, Paramedicos, Pescadores do Porto, Pescadores da Póvoa de Varzim, Pescadores de Vila do Conde, Portaria e Vigilância, Profissionais de Farmácia, Químicos, Rodoviários e Garagens, Serviço Doméstico, Tanoeiros, Tapeçaria, Cordoaria e Similares, Técnicos de Desenho, Telecomunicações, Telefonistas, Têxteis, Transportes Rodoviários, Vestuário, Vidreiros; UNIÕES SINDICAIS CONCELHIAS de: Felgueiras, Penafiel, Póvoa de Varzim e Vila do Conde e UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO/CGTP-INTERSINDICAL NACIONAL

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE AB

PORTO

As maiores comemorações de sempre

PORTO, 26 – Uma imensa multidão, calculada em várias centenas de milhares de pessoas, participou ontem, na «baixa» portuense, nos festejos comemorativos do 25 de Abril, promovidos por colectividades populares, culturais e recreativas e sindicatos com o apoio da Câmara Municipal. Terá sido certamente a maior comemoração do «Dia da Liberdade» até agora realizada, o que contraria claramente a voz daqueles que pretendem fazer crer que o povo está desapontado com o 25 de Abril.

Com efeito, anteontem à noite, madrugada fora e por todo o dia de ontem, particularmente à tarde, uma multidão incalculável convergiu para a Praça do Gen. Humberto Delgado, Avenida dos Aliados e Praça da Liberdade, vitoriando a madrugada da libertação. Nas danças, nos cantos, nos cravos, nos colantes, nos abraços ou nas simples saudações sempre a mesma constante: a alegria de uma data imperecível compartilhada por homens, mulheres e crianças.

As comemorações iniciaram-se na terça-feira com a inauguração, no grupo dos «modestos» de uma exposição sobre «O Teatro e o 25 de Abril» (à tarde) e com a transmissão de música popular, actuação de fanfarras, de grupos folclóricos e outros conjuntos. Às zero horas foi tempo de fogo de artifício, seguindo-se a projecção de diaporamas alusivos ao 25 de Abril, sob um ecran gigante colocado na Praça Gen. Humberto Delgado. Ouviu-se o 1.º comunicado do MFA e a «Grandola, Vila Morena» ecoou por toda a«baixa» citadina, saindo da multidão – um coro gigantesco, recordando o toque de arranque definitivo para o derrube do fascismo. Depois foi baile ate às tantas com comes e bebes de permeio. Um Abril em festa rija.

CORTEJO ALEGÓRICO

Ontem, o mais curioso foi o cortejo alegórico com 33 carros decorados por sindicatos, comissões de moradores e de trabalhadores e comissões unitárias de mulheres. «Com a Constituição, 25 de Abril sempre», «Fascismo nunca mais», «Não à repressão», «Liberdade de Imprensa não à mordaça do Proença», «Por um comércio ao serviço do povo e da economia nacional» e muitos outros dísticos assinalavam as principais preocupações dos trabalhadores. Durante a passagem do cortejo, que se iniciou na Cordoaria, descendo para a «baixa», a multidão que se estendia desde a Praça Gen. Humberto Delgado até à Praça da Liberdade era de tal ordem que se tornava difícil a quem quer que fosse penetrar. «Ainda dizem que o povo começa a estar contra o 25 de Abril» – exclamava um homem que tentava «furar» na Avenida dos Aliados. «Isto nunca se viu», «uma coisa destas» – dizia outro. «Quanto mais nos querem tirar o que Abril nos deu, mais a gente vem para a rua» – acrescentava ainda outro.

25 DE ABRIL POR CUMPRIR

Às 16 horas, de uma das varandas dos Paços do Concelho, o vereador Rosado Correia leu uma saudação do presidente da Câmara, eng. Aureliano Veloso, ausente em Madrid. Dizia a dado passo que «os objectivos do movimento de 25 de Abril estão longe de ser atingidos, em grande parte devido aos desvios ao seu espírito, ao oportunismo e egoismo que suscitaram, à falta de equilíbrio e de senso comum de muitos dos nossos responsáveis». Mais adiante: «Enquanto houver pessoas com fome, enquanto houver cidadãos a viver em condições subumanas, enquanto aumentarem as diferenças que separam economicamente as famílias portuguesas, enquanto houver sectores em condições relativamente privilegiadas, na sociedade em crise que somos, que exigem mais para si sem se preocuparem se há possibilidade real de minorar as carências mais graves do seu vizinho, em muitos casos vivendo em piores condições do que antes da Revolução, enquanto os que mais têm mais ambicionarem – e, infelizmente, esta é geralmente uma das facetas da massa humana, mesmo em pessoas que se dizem progressistas – enquanto tal situação subsistir, o 25 de Abril não foi instituído». Já no final escreveu Aureliano Veloso na sua mensagem que o Porto «tem de colaborar com o afã característico da gente nortenha na reinstituição do 25 de Abril com a pureza original do movimento».

Pela tarde adiante, até quase ao escurecer, a festa continuou alimentada pelos bombos dos mareantes do Douro, e pelas canções dos conjuntos «1.º de Maio», «Resistência» e «Objectivo», e de José Manuel Osório, Luís Viegas, Lurdes Rodrigues, Carlos Cunha e Sérgio Mendes.

Associando-se às comemorações, algumas dezenas de alunos da Escola de Belas-Artes promoveram uma exposição de pintura e escultura na Praça de D. João I sublinhando num documento a necessidade de uma arte que se inscreva no quaotidiano e ajude a estabelecer relações novas e criadoras com os objectos e entre os homens».

Também durante a manhã de ontem, cerca de 2500 cravos vermelhos foram distribuídos gratuitamente pelos hospitais, por iniciativa dos delegados sindicais da Função Pública. Na im-ossibilidade de todos os doentes obterem o seu cravo, ficaram ramos nas enfermarias a assinalar o Dia da Liberdade. Nas enfermarias infantis do Hospital Eduardo Santos Silva alèm de cravos houve chocolates.

Para além destas comemorações, em muitas freguesias e bairros da cidade e concelhos limítrofes houve várias iniciativas desportivas e culturais que assinalaram a histórica madrugada de 1974.

Comemorações em todo o País

BRAGA – O quinto aniversário do 25 de Abril foi comemorado festivamente em todo o distrito de Braga, com grande adesão popular. Na cidade de Braga, o governador civil, Summaviele Soares, presidiu a uma sessão solene, nos Paços do Concelho, durante a qual os representantes dos partidos políticos, da Assembleia Municipal e do Executivo camarário, proferiram alocuções alusivas à «Revolução dos Cravos».

Depois do encerramento da sessão os presentes dirigiram-se ao aquartelamento do Regimento de Infantaria de Braga (RIB) para apresentarem cumprimentos ao comandante da unidade.

Por toda a cidade decorreram festejos populares, com a participação de grupos folclóricos, as «marchas da Sé» e de «S. Vítor», grupo de animação infantil do GATEC, e organizações populares de base.

COIMBRA – O comandante da Região Militar Centro, brigadeiro Neves Adelino, presidiu em Coimbra às cerimónias comemorativas do quinto aniversário do 25 de Abril.

Depois da formatura das forças em parada, seguiu-se a leitura da mensagem do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e um desfile de três companhias do Exército, uma de Pára-quedistas, uma da Guarda Nacional Republicana e outra da Polícia de Segurança Pública.

Entre as entidades civis presentes na Praça da República salientavam-se o governador civil, reitor da Universidade e presidente da Assembleia e Câmara Municipal.

No «Dia da Liberdade», a Câmara procedeu à inauguração da «Casa de Artesanato da Região de Coimbra» e abriu ao público o Arquivo Histórico Municipal.

EM PENACOVA, MONTEMOR-O-VELHO E LOUSÃ – Também decorreram actos comemorativos do 25 de Abril. Na vila da Lousã os festejos iniciaram-se com a «queima do 24 de Abril» e terminaram com lançamento de fogo de artifício.

A comissão promotora das comemorações do 25 de Abril em Coimbra distribuiu um documento subscrito por 41 elementos do sector intelectual citadino. Esses intelectuais saudam «calorosamente os gloriosos capitães de Abril e todas as organizações populares que, em aliança com os militares patriotas, implantaram um regime democrático, prenuncio de uma sociedade mais justa».

ÉVORA E BEJA – O lançamento de fogo-de-artifício e morteiros, acompanhado de canções alusivas ao «Dia da Liberdade», assinalou em Évora o início das comemorações do 25 de Abril.

As comemorações prolongaram-se por todo o dia de ontem com cerimónias militares e várias actividades culturais e desportivas.

Cerca das zero horas, de ontem, depois de um concerto executado pela Banda de Amadores de Música Eborense, começaram a chegar ao Templo de Diana – ponto de encontro dos capitães que organizaram e coordenaram o 25 de Abril de 1974 – os atletas que participaram na «Estafeta da Liberdade». Tinham partido três horas antes da localidade do Monte Sobral, nos arredores de Évora, local onde ficou definitivamente constituído o Movimento das Forças Armadas, em 1974.

Registas culturais e desportivas.

Cerca das zero horas, de ontem, depois de um concerto executado pela Banda de Amadores de Música Eborense, começaram a chegar ao Templo de Diana – ponto de encontrodes de Évora.

Em Beja e em Portalegre, os fogos de artifício e o lançamento de morteiros assinalaram, igualmente, o início das comemorações do 25 de Abril, assim como em várias outras localidades alentejanas, designadamente **Vila Viçosa,** onde decorreu, também, uma prova pedestre, designada «Maratona da Liberdade».

FUNCHAL – O quinto aniversário do 25 de Abril foi comemorado na Madeira, pela zona militar da região e por duas comissões constituídas para o efeito.

Durante a cerimónia promovida de manhã pela zona militar da Madeira, presidida pelo general João Ilharco, foi lida a mensagem do general Ramalho Eanes, na qualidade de chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas. Após a leitura da mensagem seguiu-se o desfile militar no qual participaram pelotões do Exército, da Armada, da Guarda Fiscal e da PSP.

Um grupo de oficiais da zona militar da Madeira reuniu ontem à noite, num jantar durante o qual foi evocado o dia em que, há cinco anos, foi derrubado o regime fascista.

A comissão unitária «Dia da Liberdade», por seu turno, promoveu um espectáculo nas instalações do Sindicato da Construção Civil, com passagem de um filme sobre o 25 de Abril, intervenções, leitura de poemas e canções interpretadas por Manuel Freire. Ontem de manhã, igualmente sob a egide da comissão «Dia da Liberdade», as crianças tiveram oportunidade de, no Largo da Restauração, desenharem e pintarem sobre o tema das comemorações.

Outra comissão unitária levou a efeito diversas iniciativas subordinadas à palavra de ordem «o 25 de Abril está vivo – o 25 de Abril do povo». Canções interpretadas por José Mário Branco e intervenções por Paulo Martins e Dário Martins, deputados à Assembleia Regional da Madeira pela UDP e pelo PS, respectivamente, e ainda pelo padre José Martins e por dirigentes sindicais, preencheram uma sessão integrada nestas iniciativas.

PONTA DELGADA – O 25 de Abril foi oficialmente assinalado nos Açores com uma parada militar que se realizou em Ponta Delgada. Participaram companhias dos Regimentos de Infantaria de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, bem como da Bateria de Artilharia de Guarnição e Forças do Comando Naval, Base Aérea das Lajes, Guarda Fiscal e PSP. À cerimónia, que decorreu ao fim da manhã, foi pela primeira vez executado o hino dos Açores.

A cerimónia foi assinalada por um pequeno incidente, quase desapercebido pelos presentes, quando a coberto da multidão foram arremessadas para a tribuna duas ou três limas, involucros de parafina contendo água utilizados no carnaval. A PSP deteve um suspeito.

A nível popular as comemorações do 25 de Abril estiveram em muitos casos ligadas às do Ano Internacional da Criança, nomeadamente nas provas desportivas organizadas em todas as ilhas, em que a participação infantil foi dominante.

Na ilha de Santa Maria, o grupo de teatro «Gente Nova» exibiu no cinema do aeroporto um conjunto de peças infantis, o mesmo acontecendo nas Angústias, ilha do Faial, onde para além de variedades e teatro para crianças houve um espectáculo de fantoches.

Na ilha das Flores, alunos da escola preparatória de Santa Cruz assinalaram o 25 de Abril com exibições teatrais, jogos florais e tarde desportiva.

As filarmónicas, de grandes tradições nos Açores, onde, por vezes, existe mais do que uma por freguesia, assinalaram a data promovendo concertos em diversas localidades das nove ilhas do arquipélago, executando o novo hino da região autónoma.

Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul

ASSEMBLEIA GERAL
(Sessão Extraordinária)

CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção, e de harmonia com o deliberado com a Assembleia de Delegados quanto ao modo de funcionamento e ao abrigo do Art.º 37.º, a), dos Estatutos, **CONVOCO** todos os sócios no gozo dos seus direitos sindicais para a reunião de **ASSEMBLEIA GERAL** que, em sessão extraordinária, se realizará **no próximo dia 8 de Maio, pelas 20 horas, em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informações
2 — Alteração dos Estatutos do Sindicato

Lisboa, 11 de Abril de 1979

O PRESIDENTE DAMESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Manuel Augusto Paulo Catarino)

NOTA — Os recebimentos de quotização no Sindicato encerram no dia 7 às 19.30 h, os restantes serviços encontram-se no dia 8 abertos até às 12 h, reabrindo no Pavilhão de Desportos, pelas s19.30 h. A entrada faz-se mediante a apresentação da quota de JANEIRO aposta no cartão.

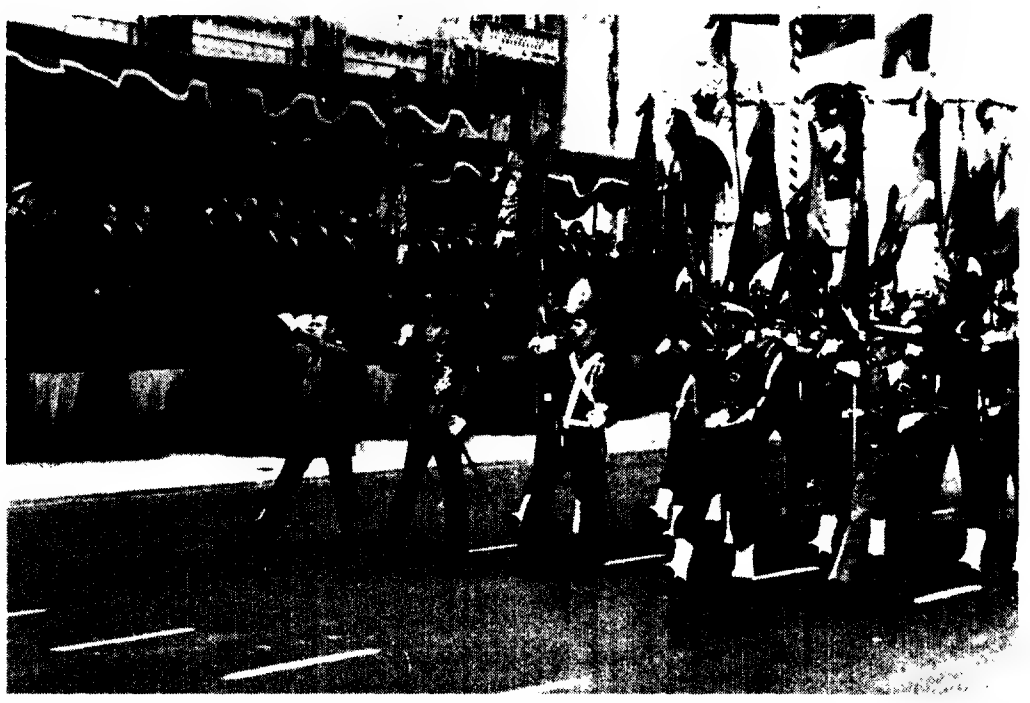
25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE AB

25 de Abril em fotografia Prémio para Alfredo Cunha

Alfredo Cunha, na categoria documental, e Ana Esquivel, na categoria artística, ganharam os primeiros prémios do concurso fotográfico «A Criança, a Liberdade e a Democracia», organizado no âmbito das Comemorações do 25 de Abril.

Foram premiados ainda na categoria documental, com segundo e terceiro prémios, António Mário de Jesus Bessa e João Barata Inácio e na categoria artística, com prémios idênticos José Luís Severo e António Fidalgo Pedrosa.

O júri foi constituído por Eduardo Gageiro, António Santos de Almeida, capitão Santa Clara Gomes e Almeida Baltasar.



Estandartes abrem o desfile na Praça do Império caracterizado pela fraca participação popular: nem um aplauso se ouviu quando Eanes, no final, abandonou a tribuna

NA PRAÇA DO IMPÉRIO

Eanes ameaçou com expulsão militares envolvidos na "luta política nas unidades"

O general Eanes, ao contrário do que tem sucedido em anos anteriores, fez ontem questão de ler pessoalmente a mensagem que dirigiu às Forças Armadas na qualidade de chefe do EMG. Referências «duras» pontuaram o discurso do CEMGFA e Presidente da República, que ameaçou que «serão afastados da instituição militar os que não saibam ou não queiram acatar» que «a luta política não tenha lugar nas unidades». Isto no momento em que as Forças Armadas voltam a ocupar lugar de destaque nos debates políticos.

Do discurso do general Eanes sobressai que terá sido exactamente a situação que se está a criar que motivou esta alteração ao que vinha sendo norma nas comemorações do 25 de Abril desde pelo menos 1977. «As Forças Armadas» – disse também – «não são um instrumento de conquista ou de distribuição do poder», reforçando em outro passo que «têm de ser preservadas dos elementos cujo comportamento seja inconciliável com o modelo de instituição militar numa democracia». Democracia, frisou, que «exige igualmente a responsabiliização pública das formações (políticas) que persistem em penetrar nos quartéis».

Antes destas referências, que colhem à esquerda e à direita dentro da «instituição militar», dissera que «o 25 de Abril foi originariamente uma iniciativa antifascista e patriótica que visou restituir ao povo português a sua liberdade soberana» contrapondo, como oficial que não foi do 25 de Abril, mas foi do 25 de Novembro, «que só nesta última data se reassumiu o ideal originário».

«Tempos de confusão» foi como o general classificou o momento actual: de «confusão» mas também «de assédio ao aparelho militar» – disse. «Para que estas ameaças não perturbem o cumprimento da missão nacional que assumimos, teremos de ser mais responsáveis, mais competentes – teremos de ser ainda mais militares de Abril» – disse também.

Um apelo à coesão militar foi igualmente feito pelo CEMGFA a par do seu «apartidarismo» e da sua «eficiência na tarefa de defesa nacional».

Estas palavras do general Eanes foram proferidas na Praça do Império, onde ontem, de manhã, se desenrolaram as cerimónias militares comemorativas do 25 de Abril.

Mil e quinhentos homens, em representação dos três ramos das FA, integraram a habitual parada militar que durou cerca de meia hora, sob o comando do brigadeiro Luís Teixeira Fernandes, 2.º comandante da Região Militar de Lisboa. Entre as unidades representadas contavam-se ainda a Escola Naval e a Academia Militar. Quatro helicópteros e quatro jactos da Força Aérea sobrevoaram a praça.

Na tribuna principal, onde se encontrava o general Eanes, tinham ainda assento os presidentes e vice-presidentes da Assembleia da República, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, o Primeiro-Ministro, elementos do Governo e do Conselho da Revolução. Numa segunda tribuna estavam os elementos do corpo diplomático acreditado em Lisboa.

EM MENSAGEM AOS PORTUGUESES

CR afirma confiança no futuro da democracia

O Conselho da Revolução exprimiu a sua «profunda confiança nos destinos da sociedade democrática que há 5 anos começou a ser construída». O CR reuniu ontem de manhã, no Palício do Restelo, antes do início das cerimónias militares que tiveram lugar na Praça do Império.

Numa mensagem ao povo português na psssagem de mais um aniversário do 25 de Abril afirma a sua «firme e inabalável convicção num regime democrático pluralista e institucional».

Só através dele – acrescenta – poderá Portugal vencer as dificuldades do presente e trilhar os caminhos para um futuro em que se generalize o acesso e fruição aos bens materiais e culturais, onde impere uma maior justiça social, onde mais firmemente se garanta a independência e a prosperidade da Pátria.»

O CR acentua que, no espírito dos seus promotores, o 25 de Abril haveria de constituir o ponto de partida para, libertando Portugal das «grilhetas de uma ditadura que humilhava e degradava a dignidade da Nação, permitir dar liver expressão e concretização aos anseios de justiça, progresso e modernização fortemente sentidos pela sociedade portuguesa».

A mensagem sublinha que o 25 de Abril «ocorreu no quadro de uma profunda crise de um regime desacreditado e caduco». Os inúmeros e graves erros históricos até então praticados – afirma o CR – tinham atingido um grau de acumulação crítico. Assim, acrescenta, estavam «totalmente bloqueadas as perspectivas de solução dos grandes problemas nacionais, o que tornava definitivamente inviável o regime ditatorial e, por conseguinte, não poderiam ser fáceis nem cómodas as tarefas de recuperação que se impunham a quem assumiu o pesado encargo de as realizar».

«Não é de mais recordar estas circunstâncias históricas – declara o CR – para que se compreendam muitas das dificuldades com que, de então para cá, se tem defrontado o País. «Relembrá-las ainda – prossegue – para se ter consciência de que, livres do infame arbítrio que durante décadas nos subjugou, é finalmente no povo e só nele, na sua vontade livremente expressa, na sua responsabilidade conscientemente assumida, na sua capacidade criteriosamente aproveitada, que pode e há-de assentar com segurança a construção do dever colectivo».

O 25 de Abril no Barreiro

Na Sociedade Democrática do Barreiro, «Os Penicheiros», realizou-se na noite de 24 de Abril, uma sessão comemorativa da Revolução de Abril, a que presidiu Hélder Madeira, Presidente da Câmara Municipal do Barreiro. Na mesa que presidiu à sessão tomaram lugar o Presidente da Assembleia Municipal, o Presidente da Comissão das Colectividades Populares do Barreiro, o Juiz da Comarca, um representante da URAP. Foram oradores desta sessão: Fernando Piteira Santos, António Galhordas, do Secretariado Nacional do MDP/CDE, Lino Lima deputado pelo PCP na Assembleia da República.

A encerrar a sessão foi lida uma mensagem do Conselheiro da Revolução Vasco Lourenço [illegible] da Comissão das [illegible] do 25 de Abril [illegible]

Lamentando não estar presente, o major Vasco Lourenço afirmava: «É com a certeza de que a vitória será dos democratas e antifascistas, com a certeza de que os velhos senhores não imporão a sua vontade a todo um povo, que tão sacrificado tem sido, que vos exorto a aproveitar este aniversário da gloriosa madrugada de 25 de Abril para, através de uma reflexão consciente, encontrardes o melhor caminho para levar de vencida os inimigos da construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igualitária em Portugal.

«E assim conseguiremos, todos juntos, que não mais se encerrem as portas que Abril abriu.»

Os participantes na sessão, depois de terem entoado o Grândola Vila Morena e o Hino Nacional, saíram e desfilaram nas ruas do Barreiro, confundindo-se com a multidão que encheu o Parque, escutou uma alocução do Presidente da Câmara Municipal e aclamou entusiasticamente a Revolução de Abril.

Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados tem como causa excesso de carga
Respeite sempre os limites

PART TIME 10 000$00

Companhia vai admitir 4 pessoas com curso geral como mínimo e mais de 18 anos. Para conclusão dos seus quadros (apenas os de «part-time»). Av. António Augusto de Aguiar n.º 3 - 1.º letra D só amanhã, 6.ª feira, apenas às 10 horas.

PUB

VIVER MAIO

ESPECTÁCULO DE CANTO E POESIA

27 e 28 de Abril, no Pavilhão dos Desportos, 21.30 h.

1.ª parte – VIVER MAIO

TEXTO DE LUZIA MARTINS, LUÍS FRANCISCO REBELO E LUÍS FILIPE COSTA

2.ª parte – NÃO DESCANSES AGORA

TESTO DE EDUARDO OLÍMPIO

COM: Adelaide Ferreira, Adriano Correia de Oliveira, Grupo de Teatro da Associação de Amizade Portugal/RDA, Carlos Paredes, Fernando Alvim, Helena Isabel, Joaquim Pessoa, Luís Filipe Costa, Manuel Branco, Manuel Freire, Rui Pedro, Teatro Estúdio de Lisboa, Trovante e Vitorino, Lia Gama.

CONFEDERAÇÃO GERAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES - INTERSINDICAL NACIONAL
UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA - UNIÃO DOS SINDICATOS DE SETÚBAL

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL

Quinto aniversário de Abril comemorado no Parlamento

Quem aplaudiu Eanes não tinha cravo vermelho

Num discurso apenas aplaudido por parte da ala direita do hemiciclo de S. Bento (bancada do CDS e deputados independentes ex-PSD), Eanes reafirmou ontem, na Assembleia da República, a sua confiança em Mota Pinto, responsabilizando os partidos pela continuidade do IV Governo e acusando-os de se mostrarem incapazes de concretizar qualquer alternativa «maioritária, estável e coerente» ao actual Executivo. Agrava-se assim a situação de impasse nas instituições democráticas, com o Parlamento incapaz de apresentar uma solução nas condições exigidas por Belém, com o Presidente da República cada vez mais isolado, na medida em que insiste no Governo Mota Pinto, e com os maiores partidos em clara oposição ao Executivo.

Com efeito, o discurso, de cerca de meia hora ontem proferido por Ramalho Eanes, na sessão parlamentar comemorativa de 25 de Abri, significou um claro empenhamento do PR nos rumos políticos da governação e um desafio aos partidos, mais uma vez confrontados com uma ampla manobra que visa desacreditá-los perante o seu eleitorado.

Eanes criticou ainda, caso o Parlamento venha a inviabilizar o Governo Mota Pinto, a hipótese de eleições legislativas intercalares, argumentando (e aqui abandonou a sua habitual reserva para fazer futurologia) que delas não sairia uma correlação de forças diferente da actual e que, nessa eventualidade, se porventura de uma composição parlamentar idêntica à actual saísse qualquer acordo conducente à superação da crise, a opinião pública compreenderia mal «porque é que dirigentes políticos conscientes do estado do país das dificuldades da

Herculano Pires, do PS, fez a defesa dos partidos

consolidação democrática não conseguiram concretizar a mesma solução antes da realização de eleições».

Posta a questão nestes termos, Eanes invocando «o desencanto e o desânimo que atingem já homens íntegros», manifestou a intenção de se entregar a «uma intervenção política mais intensa» se permanecer «uma situação de afastamento interpartidário e de bloqueamento continuado da acção governativa». (Ver discurso integral noutro ponto desta edição).

QUEM TINHA E QUEM NÃO TINHA CRAVO

Cravos vermelhos de Abril havia-os às braçadas nas bancadas comunista e socialista; entre o público e o pessoal dos serviços da Assembleia. Na bancada do CDS, nem um. Na do Governo, naturalmente, também não. Nos dois PSD despontava aqui e além uma florinha envergonhada.

O primeiro orador a subir à tribuna foi o deputado da UDP, Acácio Barreiros, que começou por perguntar se ainda é possível salvar Abril, e se os sonhos de liberdade e socialismo de todo o povo ainda poderão ser concretizados, acentuando de seguida que o povo português deve perguntar aos vencedores do 25 de Novembro o que fizeram do 25 de Abril.

Seguiu-se no uso da palavra o representante do PCP, Carlos Brito, que começou por prestar «comovida homenagem a todos os antifascistas que, ao longo de quase meio século, souberam manter viva a resistência e organizar a luta pela liberdade, criando as condições para que Abril chegasse».

«A REVOLUÇÃO DE ABRIL É UMA REVOLUÇÃO VITORIOSA»

Sublinhando que «a revolução de Abril é uma revolução vitoriosa», Carlos Brito responsabilizou pelas «dificuldades agudas com que o povo e o país se debatem» aqueles que, «tendo responsabilidades na condução dos seus destinos, se recusam ou pelo menos hesitam em prosseguir a rota definida pela vontade maioritária do povo português e consagrada na lei fundamental do país.»

«Alegou-se primeiro – disse o deputado do PCP – que era necessário fazer algumas cedências aos meios reaccionários para diminuir tensões, aplacar descontentamentos e desmontar a conspiração antidemocrática».

«Na verdade – frisou – a democracia não se estabiliza e consolida nem o país progride pelo caminho das cedências aos inimigo da democracia e do progresso social».

Carlos Brito deixou também vincado que há dois caminhos para enfrentar as dificuldades económicas do País: ou o reconhecimento das nacionalizações, da Reforma Agrária, e do controlo de gestão, ou o caminho de recuperação capitalista, e dos empréstimos externos com o seu «cortejo de imposições». Esta segunda via já mostrou quanto vale, degenerando numa crise «que

Carlos Brito, PCP: as bancadas comunistas também não aplaudiram o discurso presidencial

se aprofunda tanto mais quanto se acentuam os desvios ao figurino constitucional, quer na fórmula governativa, quer na actuação do Governo».

«Este – acrescentou – tornou-se o ponto central das nossas dificuldades e origina, pela sua existência e pela sua prática, uma situação generalizada de desrespeito pela legalidade democrática».

EX-PSD APLAUDEM CDS

Aplaudido frequentemente por deputados ex-PSD, o centrista Nuno Abecassis tomou a palavra para dizer que as instituições democráticas «não oferecem a clareza e a autoridade que se impunha». Por outro lado, em sua opinião, o sistema económico-social «imposto pelo revolucionarismo totalitário» também é «desajustado e incoerente».

Apelando ao reforço da «autoridade do Estado» e a «uma nova forma de unidade «contra o «colectivismo», Abecassis mostrou-se convicto de que «em breve findará a penumbra em que temos vivido e atingiremos o sol pleno», tudo isto entremeado de saudações à hierarquia das Forças Armadas e de condenações daquilo a que chamou «ambíguas manifestações de restauracionismo militar».

Outro verniz teve a intervenção de Meneres Pimentel (PSD). O deputado social-democrata, depois de afirmar que parte do Governo parece apostada em projectos político-partidários, defendeu a necessidade da dissolução do Parlamento e a realização de eleições, tendo considerado que as opções do eleitorado «já não se reflectem na Assembleia da República».

Sobre Ramalho Eanes, o dirigente do PSD disse que o PR não pode voltar as costas ao seu eleitorado e recordou as condições em que Eanes foi eleito e as posições que posteriormente assumiu.

«As nossas responsabilidades aqui ficam bem expressas» – acentuou Meneres Pimentel, manifestando a convicção de que o Presidente da República «assumirá as suas».

A esse propósito, o representante do PSD, vincou a possibilidade de que o seu partido venha a propor a «renúncia antecipada» do PR ao exercício do seu mandato.

PS FAZ A DEFESA DOS PARTIDOS

Herculano Pires, em nome do PS, fez a defesa do Parlamento e dos partidos em relação aos ataques desferidos «em nome de uma simulada independência, de uma tecnocracia comprometida ou de um falso administrativo burocrático».

«Estamos aqui – disse Herculano Pires – para dizer aos responsáveis pela tentativa de afastamento da área do poder daqueles que o povo escolheu para exercê-lo que já chega de demonstração da evidência de que não há solução sem os partidos e muito menos contra eles».

«Esta demonstração – concluiu – está mais que feita e mais que pago o duro preço no retrocesso que tivemos que pagar por ela».

Depois de sublinhar que «em defender Abril reside, no fim de contas, a melhor forma de lhe prestar homenagem», o porta-voz do PS avisou os que «sonham com o regresso ao passado, porque têm alma de escravos, ou não se resignam a não escravizar os outros», que «estamos atentos às suas manobras: encontrar-nos-ão vigilantes sempre que atacam a Constituição, sempre que atacam esta Assembleia, sempre que atacam os partidos, sempre que atacam Abril».

COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL

Finalmente, coube ao presidente da Assembleia da República, dirigindo-se a Ramalho Eanes, afirmar que lhe cabe a missão de presidir à defesa dos valores essenciais do regime democrático.

«Quero dar-lhe aqui o testemunho – prosseguiu – de que esta Assembleia, depositária também de um mandato colectivo, está e estará na primeira linha da necessária colaboração institucional para que tais valores vinguem e para que a democracia seja definitivamente um modo de viver em Portugal».

A concluir o seu discurso, Teófilo Carvalho dos Santos homenageou os capitães de Abril, salientando que «não se constrói em cinco anos um templo de liberdade sobre os escombros da prisão que levou cinquenta anos a destruir».

«Nesta data – exortou o presidente da AR – saibamos pairar um pouco acima do conjuntural e não esqueçamos que nenhum dos ideários que aqui se exprimem poderia manifestar-se dentro do regime cuja queda hoje celebramos».

E. S.

Partidos reagira desfavoravelme

Com excepção do CDS, que no entanto se mostrou reservado, todos os partidos parlamentares reagiram negativamente à longa intervenção do Presidente da República na sessão solene com que, na Assembleia da República, se comemorou ontem o 25 de Abril.

Para o PS, através de Arons de Carvalho, o Presidente «tomou o partido do Governo» – «o que é original», frisou. O deputado socialista acentuaria que o sentido da sessão parlamentar de ontem foi alterado, dado que se pretendia que fosse de comemoração do 25 de Abril «e acabou por ser lição aos partidos».

Garantindo que o seu partido «não se sente politicamente responsável por este Governo, nem na sua génese nem na sua actuação», Arons de Carvalho estabeleceu paralelo entre a atitude de Eanes relativamente a anteriores governos e a assumida agora para com o Executivo Mota Pinto acrescentando que o PS vai analisar detalhadamente o discurso mas «sem mudar a sua posição de crítica, total a este Governo».

Para Meneres Pimentel, do PSD, «o Presidente da República não cumpriu aquilo a que se tinha vinculado em Setembro isto é, que se não fosse possível o acordo interpartidário marcaria eleições intercalares».

O dirigiente social-democrata acrescentou que «parece depreender-se do discurso «que o actual Governo é somente dele (Presidente) e o Primeiro-Ministro» parecendo ainda que Eanes está a «querer provocar uma espécie de afrontamento com a Assembleia, na medida em que sugere o que esta deve fazer para inviabilizar o actual Governo». «O Presidente da República parece entrever outra forma de intervenção na vida política que nós não descortinamos» – afirmou ainda.

O PCP valorizou negativamente «os quatro pontos fundamentais» do discurso presidencial, segundo disse Vital Moreira que equacionou em seguida aqueles pontos: a necessidade que o Presidente sentiu de enfatizar a confiança neste Governo, a reafirmação de Ramalho Eanes da sua disposição de intervir ainda mais na condução política concreta, o adiantamento de uma espécie de programa de Governo de uma eventual coligação governamental e a reacção da Assembleia no final do discurso, que é por si significativa» (a maioria dos deputados não aplaudiu).

O DISC

• Confiança reit
• Disposição pa
• Impor à Asse

Eis, transcrito na íntegra, o discurso proferido por Ramalho Eanes na Assembleia da República, na sessão solene comemorativa do 5.º aniversário do 25 de Abril:

«É difícil imaginar outra data histórica em que o país pudesse mais legitimamente celebrar a liberdade da Pátria e mais justamente prestar homenagem aos que a tornaram possível.

«Homenagem às Forças Armadas, que em 25 de Abril de 74 restituíram Portugal aos portugueses, permitindo à nação que reassumisse a sua dignidade soberana e a direcção do seu próprio destino.

«Homenagem às forças militares e políticas que, no 25 de Novembro, repudiando todos os totalitarismos, restabeleceram as condições de construção de um país fraterno e viabilizaram de novo o projecto nacional de liberdade, de democracia e de justiça que impulsionou a intervenção militar.

«Homenagem aos que nesta casa se bateram, em circunstâncias por vezes quase dramáticas, para consagrar constitucionalmente a intenção democrática original – e fizeram triunfar sobre os desvios vanguardistas a concepção democrática do Estado, assente no sufrágio universal, na coexistência de diferentes opções ideológicas, no pluralismo político e no respeito da vontade maioritária.

«Homenagem, enfim, ao povo português, porque criou os pressupostos do êxito do movimento libertador, porque assumiu com confiança e entusiasmo a promessa que as Forças Armadas lhe fizeram, porque, quando pôde determinar a dinâmica da Revolução, tornou possível o regime democrático de que os órgãos institucionais são expressão e garantia, porque resistiu às ameaças e venceu as confrontações que tentaram impedi-lo de definir livremente a sua decisão de concretizar os ideais de Abril».

CONFUSÃO E PERPLEXIDADE

«Continuamos a viver tempos de confusão e perplexidade. Trata-se de uma evidência irrecusável no quotidiano dos portugueses: é uma realidade social, determinante e determinada, em que a acção política se exerce. Mas importa também reconhecer que não nos falta, que não nos faltou, o conjunto de condições indispensáveis à consolidação da democracia e ao desenvolvimento económico do País.

«Se a confusão e a perplexidade persistem, e a crise se instala, é sobretudo porque continuamos a não conseguir o que parece e é realmente mais fácil num regime democrático: O entendimento entre os partidos; o compromisso político estável; o exercício consequente do poder com conhecimento, trabalho, determinação, liberdade e autoridade.

«Entendimento e compromisso possíveis, dada a existência de objectivos comuns.

«Entendimento e compromisso indispensáveis, para que a democracia, arduamente alcançada, se vitalize e consolide através da adequação dinâmica das estruturas e instituições às exigências e expectativas do povo português.

«Entendimento e compromisso

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL

am
nte

Quanto à UDP, Acácio Barreiros disse que o discurso foi «a reafirmação de confiança num Governo em que já ninguém acredita». «Face a este discurso» – disse – «Ramalho Eanes ameaça manter e aprofundar a situação criada com este Governo, que é estranho à Constituição e pratica uma política rejeitada pela maioria do povo».

Finalmente, o CDS, pela voz de Rui Pena, foi o único dos quatro partidos que não atacou o discurso, embora o encarasse com reservas. Disse Rui Pena que Eanes «encorajou de certa forma a formação de uma frente eleitoral na medida em que aludiu à necessidade de um entendimento partidário antes das eleições». Para o porta-voz centrista «o discurso constituiu uma resposta negativa a determinadas exigências do PSD» indo provocar, da parte deste partido, «uma reacção que não será com certeza favorável a uma resposta positiva dos sociais-democratas à frente eleitoral» proposta pelo CDS. Rui Pena salientou ainda o facto de, se em Abril de 1978, Eanes se pronunciasse de forma igualmente favorável em relação do II Governo constitucional, se poderem ter evitado as crises que se sucederam».

A bancada do Governo escuta o discurso de Eanes

ÇURSO DE EANES

erada a Mota Pinto
ra intervir mais na política
nbleia o programa de um novo Governo

necessários, enfim, para que se atinja a mobilização de todas as forças da colectividade, de modo a enfrentar com êxito a crise e a fundamentar solidamente a posterior recuperação.

«Porque falta o que pareceria mais simples, tudo fica ameaçado. Esquecem-se ou minimizam-se as vitórias democráticas do nosso passado recente. Os progressos na situação económica, apesar de tudo conseguidos, defrontam uinstituições às exigências e expectativas do povo português.

«Enrecente. Os progressos na situação económica, apesar de tudo conseguidos, defrontam uma atitude de reserva, nascida muitas vezes de causas passageiras ou acidentais. Subsiste uma tendência generalizada para o desânimo e para a descrença – aliás intencionalmente ampliada com vista a recordar o destino trágico de outras experiências democráticas e liberais da história de Portugal.

«Como noutras ocasiões aconteceu, também agora podemos dizer que os mais temíveis adversários da democracia não são os antidemocratas declarados – que não encontram acolhimento entre o povo português, – mas os próprios democratas, quando se deixam prender na teia de conflitos secundários e esquecem o campo real de entendimento que melhor responderia aos interesses de Portugal.

«A esperança democrática, que continua viva, tornou-se assim mais vulnerável. O povo português está cansado de esperar. Comemorar hoje o 25 de Abril de 74 exige por isso de todos nós a coragem de enfrentar com clareza os desafios que podemos ganhar. Que deveremos ganhar, se quisermos ser dignos do que esse dia nos trouxe como promessa de vida em liberdade, como responsabilidade de comportamento democrático e como obrigação do respeito permanente das regras da democracia pluralista».

25 DE ABRIL E 25 DE NOVEMBRO

«Os fundamentos políticos da nossa democracia estão claramente balizados por duas datas – 25 de Abril e 25 de Novembro. Elas separam e anulam duas situações que, sendo diferentes, tinham de comum o carácter antidemocrático. Mas o 25 de Abril e o 25 de Novembro são manifestações integradas de afirmação democrática, que não pertencem a nenhuma entidade, a nenhum grupo ou classe social. Por muito que pese aos que delas tentaram apropriar-se para prosseguir objectivos particulares, elas são de facto, expressões da vontade profunda do povo português.

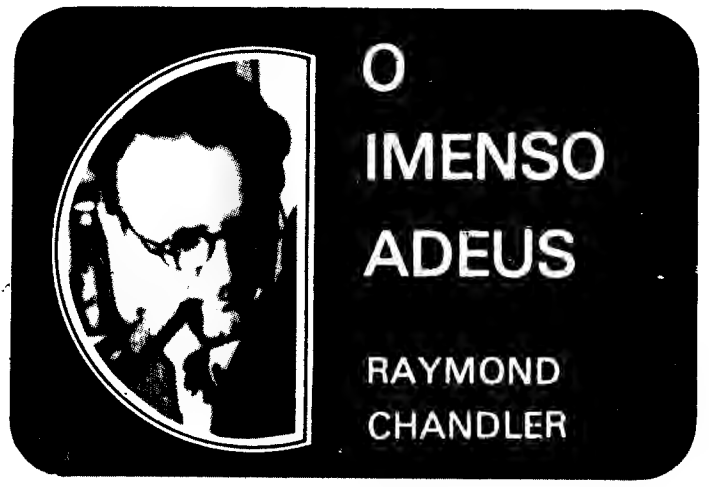
«Compete-nos analisar com serenidade e ponderação esse período de luta pela democracia e de fundação democrática, de modo a encontrar nele rumos de futuro, firmes e portugueses. Os valores que a esmagadora maioria dos portugueses vitoriosamente defendeu e consagrou nessa altura são a tolerância política, a exigência de democracia pluralista e o consequente exercício das liberdades públicas – nomeadamente as de religião, expressão, reunião e associação –, a defesa permanente da liberdade individual, o respeito pelas regras da legitimidade e da legalidade democrática e a procura de uma autêntica justiça social. São, em si mesmos, valores que sintetizam e afirmam inequivocamente o civismo político e cultural dos portugueses. E são, também caboucos de qualquer projecto político que queira basear-se na realidade social portuguesa e nela realizar-se em liberdade.

«Mas nesse período de luta pela instauração de um regime democrático a vontade da nação afirmou também outros valores mais concretos que, com maior ou menor nitidez, têm orientado a nossa actividade política. Desses valores concretos apenas sublinharei os que, além de se imporem pela sua actualidade, contribuem para definir os contornos do quadro de possibilidades políticas: A defesa da Constituição, como afirmação determinada de democracia, de justiça, de liberdade real, de dignidade cultural e de independência nacional; O estabelecimento do primado do «Estado de Direito democrático e, por consequência, a imposição firme das suas leis; a afirmação de um projecto de modernização da economia, tendo em vista uma rápida integração na comunidade económica europeia – que, só por si, exige a mobilização racional de todos os recursos disponíveis; a garantia dos direitos dos trabalhadores, livremente organizados para defesa dos seus interesses, num quadro de compatibilização com as possibilidades nacionais e com o processo de modernização da economia portuguesa; a defesa de uma política social justa, que corrija os actuais desequilíbrios e salvaguarde a solidez do crescimento económico de médio e longo prazo; a colaboração democrática entre as instituições de modo a dar ao sistema coerência e estabilidade e a garantir-lhe eficiência perante as situações de crise; a procura constante de soluções negociadas, para evitar o confronto e o conflito, sem prejuízo do recurso a toda a firmeza democrática sempre que uma divergência de posições ponha em causa interesses nacionais essenciais; a afirmação de uma política externa aberta que, respeitando e defendendo a nossa especificidade, vise a correcta inserção de Portugal na comunidade internacional, traduzida na integração do país na Europa Ocidental, na cooresponsabilização no seu sistema integrado de defesa, na participação activa nas diversas instâncias internacionais e na cooperação e amizade com todos os povos do mundo, dedicando especial atenção ao Brasil, aos novos países africanos de expressão portuguesa e aos restantes estados onde se radicaram comunidades portuguesas.

«Recordando sem preconceitos estes valores, defendidos em 74 e 75, e confirmados nas diferentes eleições que institucionalizaram a democracia, não poderemos deixar de concluir que o quadro resultante é suficientemente claro como balizador da acção política corrente. Mais ainda: este quadro político é tão inequívoco que não admite a alusão a ambiguidades ideológicas nem a permanente reposição de dúvidas sobre os objectivos nacionais. Apenas exige eficácia política para ser concretizado.

«Naturalmente, é de acordo com este sistema de valores, uns globais e outros concretos, que se orienta a minha acção como Presidente da República. A sua afirmação clara – e repetida desde a campanha eleitoral

Continua na pág. 14



© — Livros do Brasil/College Trustees

7

O chefão da secção de Homicídios, nesse ano, era um tal capitão Gregorius, um tipo de polícia que vai rareando mas que ainda se não extinguiu, o género que desvenda os crimes com as luzes fortes e a bofetada e o pontapé nos rins, e o joelho no baixo ventre e o punho no plexo solar e o «casse-tête» na base da espinha. Seis meses depois de tudo isto ele foi condenado por declarações falsas, engaiolado sem ser julgado e mais tarde morreu com um coice de um cavalo numa quinta que tinha em Wyoming.

Mas neste momento eu era carne para canhão. O tipo estava sentado à secretária sem casaco e com as mangas enroladas quase até aos ombros. Era careca como um ovo e começava a ter umas gorduras em volta da cintura, como é habitual nos homens muito musculados quando chegam aos quarenta anos. Tinha os olhos cinzentos e o nariz era uma rede de capilares rebentados. Bebia café ruidosamente. As mãos fortes e curtas eram cabeludas. Das orelhas saíam pêlos. Pôs qualquer coisa em cima da mesa e olhou para o Green.

O Green disse:

— Só podemos acusá-lo de não querer falar, chefe. O número do telefone fez com que o procurássemos. Ele andou a passear de automóvel e não quer dizer-nos onde foi. E conhece o Lennox bastante bem e não quer dizer-nos quando o viu pela última vez.

— Está convencido que é teso — disse o Gregorius com indiferença.

— Já vamos ver como é — disse isto como se em nada lhe interessasse. E provàvelmente não lhe interessava. Para ele ninguém era teso. — O caso é que o acusador público acha que este caso vai fazer estrondo. E não posso deixar de lhe dar razão em virtude do pai da rapariga ser quem é. Talvez seja melhor fazermos este tipo falar.

39

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

ASSEMBLEIA ELEITORAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos previstos no Regulamento Eleitoral, convocam-se os professores sindicalizados constantes dos cadernos eleitorais para a Assembleia Eleitoral a realizar no próximo dia **3 de Maio de 1979,** das 10 às 20 horas.

Os cadernos eleitorais poderão ser consultados na Sede do Sindicato e nas Delegações Distritais de Setúbal e Santarém.

Os locais das Assembleia de Voto podem ser consultados na Sede do Sindicato, nas Delegações Distritais e nos Núcleos Sindicais de Base.

A COMISSÃO ELEITORAL

© – Livros do Brasil/College Trustees

Olhou para mim como se eu fosse uma ponta de cigarro ou uma cadeira vazia: simplesmente um objecto na sua linha de visão, sem interesse. O Dayton, respeitosamente, disse-lhe:

—É bastante evidente que toda a atitude deste homem é dirigida no sentido de criar uma situação em que possa recusar-se a falar. Citou-me leis e levou-me a bater-lhe. E aí eu fiz asneira, capitão.

O Gregorius olhou-o com agudeza.

—Você deve ferver em pouca água, se este palerma conseguiu fazer-lhe perder a cabeça. Quem lhe tirou as algemas?

O Green disse que tinha sido ele.

—Torne a pôr-lhas—disse o Gregoruis.—E apertadas. Espevitem-no.

O Green começou a pôr-me as algemas.

—Atrás das costas—rugiu o Gregorius. O Green algemou-me com as mãos atrás das costas. Eu estava sentado numa cadeira dura.

—Aperte-as mais, até que lhe mordam—disse o Gregorius.

O Green apertou-as mais. As mãos começaram a adormecer.

O Gregorius olhou-me com um ar de assunto arrumado.

—Pode começar a falar. E depressa.

Não lhe respondi. Ele encostou-se e sorriu. Lentamente deitou a mão à chávena de café e segurou-a. Debruçou-se um pouco para a frente. A chávena veio pelo ar mas eu safei-me atirando-me de lado na cadeira. Caí com força sobre o ombro, rolei e levantei-me lentamente. Tinha as mãos bastante dormentes. Já as não sentia. Os braços começavam a doer-me.

O Green ajudou-me a sentar. A mancha do café lá estava nas costas da cadeira e sobre o assento, mas a maior parte caíra no chão.

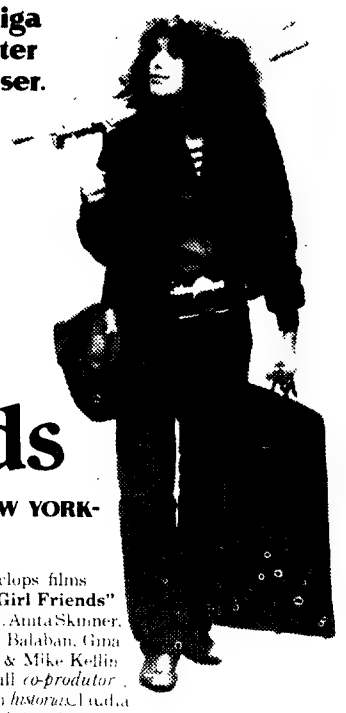
—Ele não gosta de café—disse o Gregorius.—É um tipo rápido, desloca-se fàcilmente. E tem bons reflexos.

Ninguém abriu a boca. O Gregorius mirou-me com os seus olhos de peixe.

40

Apresentado no FESTIVAL DE CANNES 78
"QUINZENA DOS REALIZADORES"

Todos têm uma amiga
ou gostariam de a ter
ou gostariam de o ser.



FILME DE QUALIDADE
COMISSÃO DE CLASSIFICAÇÃO DE ESPECTÁCULOS

girl
friends

-DUAS MULHERES EM NEW YORK-

Cyclops films
apresenta um filme de Claudia Weill "Girl Friends"
com Melanie Mayron, Eli Wallach, Anita Skinner, Eli Wallach, Christopher Guest, Bob Balaban, Gina Rogers, Ann Wright, Viveca Lindfors, & Mike Kellin
produzido e realizado por Claudia Weill co-produtor Lin Saunders argumento Vicki Polon historia Claudia Weill & Vicki Polon música Michael Small

quarteto

Amanhã estreia às 21.15h

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL

O discurso de Eanes

Continuação da pág. 13

– leva a olhar com reserva e profunda desconfiança os jogos confusos em que parecem participar, numa estranha aliança, responsáveis de formações democráticas e outras forças que prosseguem fundamentalmente totalitarismos sem regresso».

OS 5 CRITÉRIOS FUNDAMENTAIS DA ACÇÃO DO PR

«Se evoquei os princípios consagrados pelo povo português, é porque considero que a situação presente exige a cada responsável político que explicite com clareza os critérios a que obedece a sua actuação, para que os portugueses possam identificar e compreender as razões que continuam a impedir um esforço de entendimento e de concertação de posições partidárias. Sempre entendi – e foi esse entendimento que expressei aos portugueses em 1976, no compromisso eleitoral e na declaração de princípios, quando me submeti à decisão do sufrágio popular – sempre entendi que não compete ao Presidente da República substituir-se aos partidos na definição de um programa político concreto, adoptar um modelo de desenvolvimento específico ou optar institucionalmente por um dos diferentes modelos abstractos de sociedade que são propostos à consideração dos portugueses.

«Pelo contrário, considero que é responsabilidade institucional do Presidente da República interpretar a vontade dos portugueses nas suas opções eleitorais, reconhecendo que diversos programas e modelos são possíveis no quadro dos valores essenciais que o povo português tem defendido e que já sintetizei.

«Em coerência com esta posição constante, tenho orientado a minha acção política por cinco critérios fundamentais: consolidar as estruturas e os órgãos fundamentais do Estado democrático de modo a que, no fim da fase de transição que se atinge em 1980, se passe a viver em plena normalidade democrática; aumentar a coesão e operacionalidade das Forças Armadas portuguesas, ao serviço da democracia e da independência nacional, e promover a sua correcta inserção na nação civil; promover a formação de executivos capazes de apresentar programas de Governo que correspondam aos valores essenciais afirmados e defendidos pelo povo português; assegurar o pragmatismo da acção política que as necessidades do país impõem e as possibilidades humanas e materiais determinam; manter como objectivo prioritário a implementação de mudanças nos sectores económicos e sociais que mais importam à construção democrática e à satisfação das esperanças legítimas abertas pelo 25 de Abril.

«Estou certo de que as decisões tomadas desde a institucionalização do regime democrático, em particular no que respeita à formação de governos, corresponderam às exigências decorrentes dos princípios enunciados.

«Não sendo clara nem unanimemente reconhecida a vantagem da realização de eleições legislativas intercalares – aliás até agora irrealizáveis por indisponibilidade de legislação adequada –, sendo indispensável assegurar a continuidade governativa e tornando-se imperativa a existência de executivos aptos a negociar com países amigos programas essenciais à recuperação económica do país, não hesitei em assumir as responsabilidades da função que exerço, recorrendo a modalidades de Governo pouco frequentes em regimes como o nosso, mas nem por isso menos democráticas.

GOVERNOS EXTRAPARTIDÁRIOS: A «ÚNICA VIA ABERTA»

«Considero que as soluções adoptadas foram as ajustadas ao tempo histórico, inclusive quando a única via que ficava aberta era a formação de governos democráticos extrapartidários que pudessem responder às principais dificuldades do país e oferecessem o tempo de meditação e de negociação de que os partidos necessitavam para superar as suas divergências.

«É ainda este o quadro de condicionantes que caracteriza a situação presente, até porque, apesar de eu próprio apontar a excepcionalidade da solução [illegible] ainda criadas pelos partidos políticos condições que permitam alternativas diferentes.

«Mas um tal Governo – repito – em nada diminuída a sua legitimidade constitucional e democrática, dispondo da confiança política do Presidente da República e de aceitação política da Assembleia da República, desde que esta não inviabilize nem o seu programa nem a sua existência, um Governo extrapartidário está vocacionado para o exercício de três missões essenciais.

«A primeira é governar, no quadro da legalidade existente, com respeito pelas normas de articulação e vigilância política estabelecidas entre os diversos órgãos de soberania, procurando, na medida do possível, compatibilizar as diferentes posições que se integrem no sistema de valores por que optou o povo português.

«A segunda é assegurar uma continuidade governativa que, como disse, deixe aos partidos o tempo necessário para que encontrem condições de entendimento e de cooperação.

«Outra, a terceira, é não interromper o esforço para criar condições que permitam salvaguardar, no presente e no futuro, a dignidade dos portugueses e a indpendência nacional. Esta terceira missão cumpre-se na aplicação criteriosa dos recursos e medidas de política que melhorem a resposta interna à procura e contribuam para um maior equilíbrio da Balança de Pagamentos, para a estabilização económica, base da estabilidade política, e por isso pressuposto do aperfeiçoamento da convivência democrática.

PR REAFIRMA CONFIANÇA NO GOVERNO

«Neste triplo sentido, não quero deixar de sublinhar que o actual Governo assumiu objectivos patrióticos de continuidade da acção governativa e de defesa institucional da democracia, e tem tido, como recentemente referi, uma actuação globalmente meritória. Por ambas as razões, mantém a minha confiança.

«A mera continuação em actividade de um Governo extrapardiário significa, naturalmente, que ele é considerado politicamente conveniente pelos partidos representados na Assembleia da República.

«É evidente que este juízo implica também que o Governo seja considerado politicamente conveniente para o país, dado que seria inadmissível que qualquer partido responsável colocasse os seus eventuais interesses eleitoralistas acima das conveniências nacionais. No actual estado de crise, tal comportamento, qualquer que fosse o resultado final, nunca se traduziria em ganhos para a estabilidade das formações partidárias e do estado democrático.

«Por todas estas razões, ao juízo prático sobre a conveniência política da continuidade deste Governo [illegible] da Assembleia da República no sentido de, sem limitar a sua crítica e a sua fiscalização política, assegurar ao Executivo, de modo continuado, os instrumentos necessários à acção governativa.»

ACORDO INTERPARTIDÁRIO: ÚNICA SOLUÇÃO VIÁVEL SE O GOVERNO FOR DERRUBADO

«É nosso dever considerar, no plano teórico, as vias políticas possíveis se a Assembleia da República vier a colocar ao Governo obstáculos políticos insuperáveis ou se vier a decidir accionar os mecanismos constitucionais que impeçam a continuidade do actual Executivo.

«Uma delas, e que importa analisar com clareza, consistiria na realização de eleições legislativas intercalares. Independentemente dos custos que a concretização dessa hipótese acarretará para a democracia e para a vida económica, é uma saída legítima e por isso irrecusável. Não posso porém deixar de sublinhar a eventualidade de o quadro parlamentar não se alterar de modo significativo – pelo menos, de não se alterar de um modo tal que permita encontrar uma base maioritária sem recurso necessário a um entendentimento interpardiário.

«A verificar-se tal eventualidade, continuaríamos a ter, depois dessas eleições intercalares, exactamente o mesmo problema com que hoje nos defrontamos. E ainda que uma composição parlamentar idêntica à actual permita, depois de eleições intercalares, o que até hoje não se atingiu, será difícil compreender porque é que dirigentes políticos conscientes do estado do país e das dificuldades da consolidação democrática não conseguiram concretizar a mesma solução antes da realização de eleições.

«Nestes termos, e se não se verificar qualquer dos casos que constitucionalmente conduzem à dissolução da Assembleia da República, reservarei a decisão de realizar eleições legislativas intercalares e só a tomarei se e quando entender que ela corresponde, sem qualquer dúvida, ao interesse nacional. É evidente que a ocorrência de novos factos políticos significativos e a vontade maioritária desta Assembleia serão factores de decisão.

«Outra solução entretanto possível – e, na perspectiva democrática, mais desejável – consistirá na concretização de alguma modalid0inuo a pensar que será possível encontrar, em função do interesse nacional, um consenso mínimo das forças políticas e sociais em torno de questões basilares como as seguintes:

1. Desenvolvimento prioritário das actividades ligadas à produção e distribuição de bens alimentares [illegible]
2. Vitalização de sector exportador, tornando-o competitivo a nível europeu, de maneira a contribuir para o equilíbrio da balança comercial e para a redução do desemprego.
3. Definição e implementação de uma política económica que permita, a médio prazo, o lançamento de actividades que melhor correspondam ao integral aproveitamento dos recursos disponíveis, quer humanos, quer financeiros.
4. Utlização, a exemplo de outros países do Ocidente Europeu, e sem preconceitos ideológicos, das técnicas de planeamento económico e financeiro como instrumentos que, além do mais, possibilitem a fundamentação de uma política de redistribuição de rendimento e o incremento simultâneo do sector público e da iniciativa e actividade do sector privado.
5. Definição, no quadro dos objectivos referidos, de modalidades de acordo entre os representantes das forças económicas e o Executivo, de modo a que se possa estruturar em bases seguras a política económica de estabilização e recuperação e, em particular, as decisões empresariais.
6. Descentralizar a vida política, com vista a interessar a generalidade dos portugueses na resolução dos seus próprios problemas, para uma responsável e crescente participação democrática na vida da nação.»

O discurso: Eanes procura o confronto?

«OS DEMOCRATAS TERÃO DE ESTAR ATENTOS...»

«Os tempos de confusão e de perplexidade que vivemos não decorrem de alterações da opinião pública do povo português em relação aos valores essenciais que escolheu.

«Melhor do que ninguém o sabem os inimigos da democracia, que, no nosso país como em toda a parte, aproveitam as liberdades que o regime democrático lhes concede para explorar as dificuldades de entendimento entre formações democráticas com projectos políticos largamente coincidentes.

«Não falta quem utilize, para fundamentar o afastamento, razões que melhor justificariam a aproximação.

«Os democratas terão de estar atentos a este fenómeno, porque, se aquela situação se pode aceitar como normal em regimes políticos estáveis e clarificados por longos anos de prática democrática, não deixa de ser justificável que apenas gere confusão e perplexidade num povo que durante dezenas de anos acumulou esperanças na democracia.

«As discussões ideológicas inconsequentes prolongam-se, apesar de a crise continuar sem que se lhe oponha uma resposta organizada, socialmente mobilizadora e politicamente apoiada, mas também tecnicamente fundamentada.

«De facto, em todos os países democráticos, crises bem menos graves do que a que vivemos têm justificado a colaboração entre técnicos de diferentes filiações partidárias, que todavia se encontram unidos por uma idêntica concepção global dos interesses nacionais.

«Uma preocupação excessiva com as questões políticas tem levado a esquecer que Portugal, devido à limitação dos seus recursos materiais e técnicos, não poderá, sob pena de colapso, dispensar a colaboração aberta e motivada de todos aqueles que podem gerar alternativas fundamentadas e concretizações produtivas.

«Neste sentido, temos de retomar o esforço para procurar unir, onde forem úteis e onde se julgar prioritário, os homens capazes de responder aos grandes problemas concretos que se mantêm e agravam na sociedade portuguesa, de modo a que a população portuguesa possa ficar informada das possibilidades reais que o futuro nos oferece.

«Assim, a permanência de uma situação de afastamento interpartidário e de bloqueamento continuado da acção governativa obrigarão o Presidente da República a uma intervenção política mais intensa. O Presidente da República terá de cumprir o dever patriótico de contribuir, no respeito do quadro de valores que o povo português defendeu em 74 e 75 e confirmou nas diferentes eleições, para a formulação [illegible]

25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL • 25 DE ABRIL

O discurso de Eanes

Continuação da pág 14

nar realizável o consenso possível de partidos e de forças sociais organizadas, mas em última análise deverá mobilizar todos os democratas e englobar todos os portugueses.

«Estou consciente dos riscos inerentes a esta intervenção política mais activa, designadamente quanto ao precedente que abre na esfera da actuação do Presidente da República e que outros, no futuro, poderão invocar com diferentes finalidades.

«Mas não posso menosprezar os perigos com que já hoje se confronta a nosa democracia, nem aceitar que se desenvolvam situações de tensão entre instituições, nem consentir que se iludam as expectativas legitimas dos portugueses.

«O quadro de possibilidades existentes é claro, mas reduz-se de dia para dia o tempo de que ainda dispomos é assim muito limitado. Há que mudar de vida enquanto é tempo.»

O DESENCANTO E O DESÂNIMO

«Tendo presente a minha responsabilidadę de garante da legalidade constitucional e das regras democráticas, não posso ignorar que o desencanto e o desânimo atingem já homens íntegros, que sempre se bateram pela liberdade, pela democracia e pela justiça social.

«Esta nova situação preocupa-me porque representa um agravamento das condições de concretização das promessas do 25 de Abril e do 25 de Novembro, mas interessa-me sobretudo porque me compete assumir a esperança que o povo português depositou na implantação de um regime democrático em Portugal.

«Porque não acredito em qualquer fórmula de poder pessoal, nem aceito outro modo de organização da activiade política que não seja a do pluralismo democrático recuso qualquer solução política que se baseie na subalternização dos partidos, na limitação da liberdade de expressão política de forças que respeitem a legalidade democrática, ou na imposição militar.

«Para que nenhuma dessas soluções venha a ser encarada como resposta a uma crise insolúvel, tenho o dever de utilizar plenamente, desde que necessário, a função que me compete de defesa em última instância, do sistema democrático.

«Termino com uma palavra de esperança e de certeza. Esperança de que nós, dirigentes políticos em que o povo português confiou, sejamos dignos do exemplo sólido e mobilizante de consciência democrática dessa fonte de poder. Certeza de que o povo português, que em oito séculos sempre soube vencer os desafios e caminhar honrado na história, também agora encontrará as vias realistas e estáveis que lhe permitirão vencer a crise e transformar Portugal. Se quisermos, esta nação saberá reconciliar-se em torno de um projecto que permita a todos os portugueses viver em paz um futuro mais livre e mais igual, de acordo com as esperanças de Abril que hoje celebramos.»

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ELEIÇÕES

MESAS DE VOTO I

A Mesa da Assembleia Geral, de acordo com o n.º 1 do Art.º 74.º dos Estatutos, promoveu a instalação de Mesas de Voto nas seguintes localidades e locais de trabalho, com vista ao próximo Acto Eleitoral a realizar no próximo dia 27 de Abril:

DESIGNAÇÃO DA MESA DE VOTO E RESPECTIVO LOCAL	MESAS
*M.A.G. — Rua Castilho, 14	N.º 1
ARREDORES DE LISBOA	
Amadora — Damaia (Novas instalações do B.E.S.C.L.)	N.º 1A
ALGÉS — Oeiras e Paço de Arcos (R. Damião de Góis, 45-7.º)	N.º 1B
CASCAIS — Carcavelos, Estoril e Parede (Antigas instalações do B.P.S.M.)	N.º 1C
LOURES — Odivelas (Bombeiros Voluntários)	N.º 1D
MOSCAVIDE — Sacavém (Antigas instalações do B.P.S.M.)	N.º 1E
SINTRA — Algueirão, Pero Pinheiro, Queluz (Lg. Afonso Albuquerque, 23)	N.º 1F
VILA FRANCA DE XIRA — Alhandra, Alverca (Bombeiros Voluntários)	N.º 1G
SECÇÃO DE EMPRESA	
*BANCO BORGES & IRMÃO — Rua Castilho, 14	N.º 2
Praça do Município, 31	N.º 2A
*BANCO ESP. SANTO E COMERCIAL DE LISBOA — Rua Castilho, 14	N.º 3
Rua do Comércio, 95	N.º 3A
Rua Castilho, 26	N.º 3B
Avenida da Liberdade, 230	N.º 3C
Rua Nova do Almada, 69	N.º 3D
Rua do Crucifixo, 49	N.º 3E
*BANCO DE FOMENTO NACIONAL — Rua Castilho, 14	N.º 4
Rua Mouzinho da Silveira, 26	N.º 4A
*BANCO FONSECAS & BURNAY — Rua Castilho, 14	N.º 5
Rua do Comércio, 132	N.º 5A
Rua Castilho, 7	N.º 5B
Avenida Fontes Pereira de Melo, 4	N.º 5C
*BANCO NACIONAL ULTRAMARINO — Rua Castilho, 14	N.º 6
Rua do Comércio, 84	N.º 6A
Rua Castilho, 39	N.º 6B
Rua 1.º de Dezembro, 42	N.º 6C
Rua dos Anjos, 66	N.º 6D
Rua Rodrigues Sampaio, 103-B	N.º 6E
*BANCO PINTO & SOTTO MAYOR — Rua Castilho, 14	N.º 7
Rua do Ouro, 28	N.º 7A
Avenida da Liberdade, 241	N.º 7B
Avenida Fontes Pereira de Melo, 13	N º 7C
*BANCO DE PORTUGAL — Rua Castilho, 14	N.º 8
Rua do Comércio, 148	N.º 8A
Avenida da República, 65	N.º 8B
Praça Príncipe Real, 22	N.º 8C
*BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — Rua Castilho, 14	N.º 9
Rua do Ouro, 110	N.º 9A
Rua Castilho, 24	N.º 9B
*BANCO TOTTA & AÇORES — Rua Castilho, 14	N.º 10
Rua do Ouro, 88	N.º 10A
Rua do Ouro, 75	N.º 10B
Rua do Crucifixo, 57	N.º 10C
Rua Luciano Cordeiro, 116	N.º 10D
*UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES — Rua Castilho, 14	N.º 11
Rua da Prata, 10	N.º 11A
Rua do Ouro, 97	N.º 11B
Rua da Assunção, 74	N.º 11C
Rua Castilho, 39	N.º 11D
Avenida Elias Garcia, 58	N.º 11E
Avenida Almirante Reis, 131	N.º 11F
*CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — Rua Castilho, 14	N.º 12
Rua Augusta, 237	N.º 12A
Rua do Ouro, 139	N.º 12B
Avenida Duque de Loulé, 123	N.º 12C
Rua Eça de Queirós	N.º 12D
*CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS — Rua Castilho, 14	N.º 13
Largo do Calhariz, 20	N.º 13A
Rua do Ouro, 49	N.º 13B

DESIGNAÇÃO DA MESA DE VOTO E RESPECTIVO LOCAL	MESAS
*MONTEPIO GERAL — Rua Castilho, 14	N. 14
Rua do Ouro, 219	N.º 14A
Rua Manuel J. Coelho, 1	N.º 14B
SECÇÃO DE INTEREMPRESAS	
IMTEREMPRESAS — Rua Castilho, 14	N.º 15
Rua da Conceição, 92 (Crédit. Franco Portugais)	N.º 15A
Rua do Ouro, 40 (Banco Inglês)	N.º 15B
(Banco do Brasil, Montepio Comercial e Industrial, Sociedade Financeira Portuguesa, International Factors, Walter Heller, Unicre, FRAIP Caixas de Crédito)	
SECÇÕES REGIONAIS	
*BEJA — Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique e Serpa	N.º 16
*CASTELO BRANCO — Idanha-a-Nova, Alcains, Cebolais de Cima, Sertã, Proença-a-Nova	N.º 17
*COVILHÃ — Belmonte, Tortozendo e Fundão	N.º 18
*ÉVORA — Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Montoito, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Alcáçovas, Vila Viçosa e Torrão	N.º 19
*FARO — Alcoutim, Alte, Castro Marim, Olhão, S. Brás de Alportel, Tavira, Vila Real de Santo António, Monte Gordo	N.º 20
*LOULÉ — Quarteira, Vila Moura (Bar do cinema)	N.º 20A
*PORTALEGRE — Alter do Chão, Arronches, Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Crato, Elvas, Caia, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte do Sor, Sousel	N.º 21
*PORTIMÃO — Albufeira, Aljezur, Lagoa, Lagos, Monchique, Vila do Bispo, Silves, Armação de Pera, S. Bartolomeu de Messines, Carvoeiro, Praia da Rocha	N.º 22
*SANTARÉM — Alcanena, Minde, Almeirim, Benfica do Ribatejo, Alpiarça, Benavente, Samora Correia, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Couço, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Golegã, Mação, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Vila Nova de Ourém, Fátima, Urqueira, Pernes, Riachos	N.º 23
ABRANTES — Alferrarede, Rossio ao Sul do Tejo, S. Miguel do Rio Torto (Igreja de S. Vicente-salão paroquial)	N.º 23A
TOMAR (Câmara Municipal)	N.º 23B
TORRES NOVAS (Centro Ludico do B.N.U.)	N.º 23C
*SETÚBAL — Alcácer do Sal, Grândola, Palmela, Santiago do Cacém, Sesimbra, Sines, Pinhal Novo	N.º 24
ALMADA — Costa da Caparica, Cova da Piedade, Seixal, Amora (Bombeiros Voluntários)	N.º 24A
BARREIRO — Moita, Alhos Vedros, Baixa da Banheira (Cine Clube do Barreiro)	N.º 24B
MONTIJO — Alcochete (Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra)	N.º 24C
*TORRES VEDRAS — Alenquer, Merceana, Arruda dos Vinhos, Azambuja Malveira, Lourinhã, Cadaval, Mafra, Ericeira, Sobral de Monte Agraço	N.º 25
*FUNCHAL — Calheta, Câmara de Lobos, Machico, Porto Moniz, Porto Santo, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana, S. Vicente	N.º 26
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA	N.º 26A
BANCO TOTTA & AÇORES	N.º 26B
*ANGRA DO HEROÍSMO — Calheta, Santa Cruz da Graciosa, Velas, Vila Praia da Vitória	N.º 27
*HORTA — Lajes das Flores, Lajes do Pico, Madalena, Santa Cruz das Flores, S. Pedro do Pico	N.º 28
*PONTA DELGADA — Lagoa, Nordeste, Povoação, Ribeira Grande, Vila do Campo e Vila do Porto	N.º 29

***As Mesas assinaladas com * funcionarão ininterruptamente das 8 h às 22 horas (n.º 1, Art.º 71.º). As restantes Mesas funcionarão ininterruptamente das 8.30 h às 19 horas.**

MÉDIO ORIENTE

DEPOIS DE RATIFICADO O TRATADO

Riscos de conflito sírio-israelita

Parecem confirmar-se as mais sombrias previsões sobre o Médio Oriente na era pós-tratado: a situação explosiva no Sul do Líbano ganhou dimensões novas depois da invasão israelita e da entrada em acção de aviões sírios, que fizeram voos de reconhecimento sobre Beirute. Estes voos sírios poderão servir de apoio às tropas de Damasco, que constituem o grosso da força árabe de dissuasão que pôs um frágil termo à guerra no Líbano.

A agência Reuter aponta o risco de estes incidentes virem a provocar um conflito sírio-israelita. Saliente-se que o Egipto desencadeou ontem acusações contra a Síria, tendo prendido dois homens que apresentou nas câmaras da TV como sabotadores ao serviço de Damasco. A Síria desmentiu prontamente essas acusações. Ao mesmo tempo, o Sudão cortou relações com o Iraque, país que se encontra em processo de unificação com a Síria, e no seio de cujo Governo se instalou a crise, devido às dissidências do partido maioritário (Baas) com os comunistas: um dos dois ministros comunistas foi ontem demitido.

Por outro lado, o rei Hussein da Jordânia (cujas posições no conflito do Médio Oriente, por mais declaradamente antitratado que se apresentem, são altamente suspeitas) adiou a visita que tinha programado para Damasco.

Este agravamento da situação no Líbano surge exactamente no dia em que entra em vigor o tratado separado israelo-egípcio ontem formalmente ratificado, após uma demora de duas horas, devido a divergências de última hora sobre a complexa questão palestiniana.

Depois da «declaração de independência» de um enclave cristão no Sul do Líbano (manobra internacionalmente condenada e imputada por muitos aos EUA em conluio com Israel, visível patrocinador dos cristãos), Israel entrou em força no Líbano, desencadeando ontem uma autêntica invasão com blindados e bombardeamentos aéreos. O Exército regular libanês está praticamente neutralizado no Sul. Quanto à força árabe, ela é quase totalmente síria, pois os aliados americanos no mundo árabe foram retirando as suas tropas do contingente, a pretextos diversos. Assim aconteceu com os sauditas, os norte-ienemitas e os sudaneses, todos eles envolvidos no «complot» dos EUA sobre a área.

Depois das acusações de cumplicidade entre os serviços secretos israelitas e egípcios, surge agora uma nova versão desse colaboracionismo, fornecida por um dirigente palestiniano, o qual declarou que os serviços secretos de Sadat em Beirute fornecem informações pormenorizadas aos israelitas sobre unidades de comandos palestinianos.

O Conselho de Segurança da ONU reúne-se hoje às 17 horas em sessão de emergência requerida pelo Governo de Beirute, na sequência da invasão israelita que causou mais de 10 mortos e 40 feridos na cidade portuária de Tiro. Anuncia-se entretanto um cessar-fogo ontem assinado no Sul do Líbano entre as partes beligerantes. Mas depois do cessar-fogo, Israel bombardeou durante cerca de uma hora certas regiões da cidade de Sidon.

Enquanto isto, a Organização de Libertação da Palestina protestou ontem junto da Cruz Vermelha e da ONU contra o uso por Israel das criminosas bombas de fragmentação, que os EUA «estrearam» no Vietname.

A actuação israelita no conflito, após a entrada em vigor do tratado, parece dirigir-se em duas direcções: desmoralizar o inimigo árabe, explorando os riscos da situação explosiva do Sul do Líbano (onde Israel penetra quando quer) e procurando agregar ao tratado o maior número possível de países e organizações árabes. Há tempos, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, teve uma «pequena frase» dirigida à OLP, mas prontamente desmentida tanto pelo seu autor como pelo Governo de Begin. Contudo, esses desmentidos não enganaram ninguém. Ontem, chegado ao Cairo, para a cerimónia da ratificação do tratado (que decorreu no deserto do Sinai, em Oum Aashiba), o ministro israelita da Defesa, Weizman, convidou expressamente a OLP a depor as armas e a negociar com Israel. Mais tarde, Weizman procurou pôr cobro a interpretações demasiado «ousadas» das suas palavras, mas o certo é que elas foram proferidas e devem ligar-se às de Moshe Dayan.

● FOI PROMULGADA NOS EUA legislação que proíbe o Departamento de Estado de conceder vistos de entrada no país a membros da OLP.

● MOSHE DAYAN foi confirmado no seu cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros israelita por Begin, que não cedeu às pressões dos seus partidários ultradireitistas para o afastar.

● O GOVERNO DOS EMIRATOS ÁRABES UNIDOS demitiu-se para facilitar a solução das divergências surgidas entre os dirigentes dos EAU.

ÁSIA

Combates no Curdistão causaram 500 mortos

Os combates em Naghadeh (Oeste do Irão) já causaram 500 mortos desde sexta-feira passada – anunciou ontem em Teerão um porta-voz do Partido Democrata Curdo Iraniano. O mesmo porta-voz acrescentou que os combates prosseguiram ontem nas aldeias vizinhas de Barani, Gol, Gharneh e Bayzabad. Os curdos acusam os Comités Khomeiny de estarem a auxiliar o exército na repressão do movimento. Recorde-se, a propósito, que as autoridades iranianas têm acusado o Ocidente de estar a fomentar os disburbios entre as minorias étnicas.

Enquanto isto, o dr. Ibrahim Yazdi, considerado o ideólogo da revolução iraniana e ontem posto em causa por um jornal que o considerava «fascista disfarçado de revolucionário islâmico» demitiu-se do seu cargo de vice-primeiro-ministro para os Assuntos Revolucionários e passou a exercer as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros. Supõe-se que a influência no regime passe a ser muito menor.

Ontem o primeiro-ministro Bazargan voltou a condenar os tribunais islâmicos. Os últimos julgamentos foram muito mais moderados que os anteriores, e 24 presos foram restituídos à liberdade, tendo sido aplicadas 11 penas de prisão.

Ontem foi denunciado em Teerão que elementos contra-revolucionários («fantasmas da noite») matam todas as noites guardas revolucionários islâmicos nas ruas da capital.

Por fim, o presidente dos EUA fez um gesto pacificador em relação às autoridades iranianas, substituindo o embaixador dos EUA em Teerão, homem que era considerado muito próximo do xá.

AFRICA

Rodésia na encruzilhada

— Muzorewa primeiro-ministro

— Guerrilha continua

O bispo Abel Muzorewa foi eleito o primeiro chefe negro do Governo da Rodésia quando o seu partido obteve 51 dos 72 assentos parlamentares em disputa nas eleições organizadas por Smith, num derradeiro esforço para quebrar o cerco internacional ao seu regime e impedir a vitória dos guerrilheiros da Frente Patriótica.

O bispo metodista de 54 anos conseguiu um número de assentos quatro vezes maior do que o alcançado por qualquer dos outros partidos que concorreram às eleições.

Como dirigente do Conselho Nacional Africano Unido, o grande vencedor destas eleições, terá assim direito a formar o primeiro Governo de maioria negra na Rodésia, após nove décadas de exclusivo domínio branco.

Com a contagem final dos votos já realizada, a União Nacional Africana do Zimbabwe, facção de Sithole, conseguiu 12 assentos parlamentares e o Partido Federal Nacional Unido do chefe tribal Kayisa Ndiweni, que lidera a tribo minoritária Ndebele, conseguiu nove assentos.

O chefe tribal Jeremiah Chirau, parceiro com o primeiro-ministro, Ian Smith, Muzorewa e Sithole no Governo de transição, não conseguiu um único assento parlamentar.

BOMBA EM SALISBÚRIA

O rebentamento de uma bomba no centro de Salisbúria acalmou a euforia da eleição do bispo Abel Muzorewa e recordou a permanente guerra de guerrilha em que vive a Rodésia.

O engenho, que matou um homem, explodiu ontem numa travessa por detrás de um armazém de tapetes quando o primeiro-ministro designado Abel Muzorewa assistia a um desfile de milhares de partidários festejando a sua vitória.

Pensa-se que o indivíduo pertencia ao ZANLA, o Exército de Libertação Nacional Africano de Zimbabwe, de Robert Mugabe.

O embaixador norte-americano junto da ONU, Andrew Young, afirmou ontem, à noite, que o levantamento das sanções contra a Rodésia convidaria a União Soviética a intervir na África Austral.

«Pesoalmente penso que o levantamento dessas sanções seria um passaporte para a URSS entrar na África Austral», disse numa entrevista dada à televisão.

● A IMPRENSA DE MOÇAMBIQUE comenta hoje que o povo do Zimbabwe «está cada vez mais identificado com a necessidade da luta armada, com o combate desenvolvido pela Frente Patriótica.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

China rejeita propostas de Hanoi

Os chineses rejeitaram a proposta vietnamita de criação de uma zona desmilitarizada entre os dois países e de estabelecimento de uma comissão conjunta para debate dos problemas de fronteira. Em resposta, a China apresentou oito pontos, que prevêm nomeadamente a entrega a Pequim das ilhas Spratiy e Parace, no mar do Sul da China. Segundo os observadores, isto indica que a China não quer deixar de explorar a pressão da guerra que desencadeou contra o Vietname, procurando ganhar território.

Por seu lado, o Vietname acusou novamente os chineses (que anteontem à noite receberam surpreendentemente o ex-secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger, o qual já jantou com o príncipe Sihanuk do Camboja), de terem continuado a lançar ataques muito mortíferos em zonas fronteiriças com o Vietname. A luta entre a China e o Vietname estará no centro das preocupações de Kurt Waldheim, secretário-geral da ONU, que vai visitar Hanói e Pequim.

● OS FERROVIÁRIOS JAPONESES terminaram a greve iniciada ontem de manhã e que se previa durasse 72 horas, depois de o patronato ter proposto o aumento dos salários dos 860 mil grevistas.

● A COREIA DO NORTE acusou a Coreia do Sul de estar a construir um muro de cimento ao longo da linha de demarcação, numa tentativa de eternizar a divisão do país em dois Estados.

EUROPA

ESPANHA

Acordo PCE/PSOE preocupa UCD

O pacto municipal concluído entre o PSOE e o PCE foi analisado ontem em Madrid pela direcção da UCD.

O secretário-geral da UCD e ministro das relações com as Cortes, Rafael Arias Salgado, afirmou ter prevenido os socialistas «do perigo para a vida nacional» que pode resultar de um pacto com os comunistas.

«A UCD não terá nenhuma responsabilidade na dinâmica que este pacto vai abrir na política nacional», declararam personalidades centristas.

Concluído depois das eleições municipais do dia 3 de Abril, o pacto entre socialistas e comunistas permitiu à esquerda controlar as municipalidades que reúnem três quartos da população urbana de Espanha.

● O PATRONATO e os sindicatos da hotelaria da «Costa del Sol» decidiram ontem à noite, em Málaga, pôr termo a uma greve que já durava há 18 dias.

O acordo foi concluído depois da decisão do patronato de anular os despedimentos de cerca de um milhar dos 20 000 trabalhadores do sector.

● HOUVE MAIS de 500 casos de torturas feitas a prisioneiros políticos em Espanha nestes últimos quatro meses, apesar do processo de democratização em curso no país, segundo afirmou a médica espanhola Eva Forest em Copenhaga, onde se encontra para informar a secção médica da «Amnesty International».

"Tories" perdem pontos

As esperanças de Margaret Thatcher em se tornar primeiro-ministro como resultado das eleições gerais de 3 de Maio foram hoje ensombradas pelas últimas sondagens.

Um inquérito publicado pelo «Daily Express» revela que a vantagem dos «Tories» desceu dos 13 por cento da semana passada para seis por cento.

● GUERRILHEIROS IRLANDESES mataram hoje um soldado, o 14.º assassínio político na Irlanda do Norte desde que começou a campanha para as eleições gerais britânicas.

AMÉRICA

REUNIÃO DA NATO

Brown pede modernização de armas nucleares

O secretário norte-americano da Defesa Harold Brown, apelou para que fossem modernizadas as armas nucleares da NATO, de longo alcance, apesar das campanhas e iniciativas diplomáticas que isso pudesse provocar da parte de Moscovo.

O dirigente norte-americano declarou – em Conferência de Imprensa, dada no encerramento de uma sessão de estrategas nucleares da NATO, realizada na base da Força Aérea de Homstead, nos EUA – que a «URSS se mostra disposta a atacar todas as melhorias da capacidade militar ocidental, descrevendo essas melhorias como contrárias à causa da paz».

Brown e outros representantes da NATO chegaram a acordo, nesta sessão, regular de planeamento nuclear, no sentido da Aliança desdobrar novos mísseis balísticos e de cruzeiro a pretexto da necessidade de enfrentar a União Soviética na Europa.

Em relação à bomba de neutrões o secretário norte-americano da Defesa afirmou que a sua construção poderia ser feita muito rapidamente se Carter resolvesse utilizá-la.

● A PROPOSTA APRESENTADA por Carter de serem encerradas as bombas de gasolina aos fins-de-semana foi rejeitada pela Comissão de Comércio da Câmara de Representantes. A medida era uma das avançadas num plano elaborado como precaução para a eventualidade de se agravar a crise da energia.

● O TRIBUNAL DE APELAÇÃO ordenou um novo julgamento sobre o processo movido contra o sangrento assalto da polícia em que foi morto a tiro, em 1969, o dirigente dos panteras negras, Fred Hampton.

Comissão Trilateral

A Comissão Trilateral terminou hoje em Tóquio a sua 10.ª reunião geral, acordando na necessidade das nações industrializadas tomarem medidas urgentes para fazer face aos recentes aumentos do preço do petróleo e promover a estabilidade na região do Golfo Pérsico.

Os 150 participantes, professores, políticos e homens de negócios provenientes dos Estados Unidos, Europa e Japão, frisaram ainda a importância da entrada da China na comunidade internacional e da sua cooperação com a União Soviética.

Os participantes exortaram os países desenvolvidos a procederem a uma reforma industrial para corrigirem os défices das suas balanças comerciais, e solucionar o desemprego, a inflação e baixa taxa de crescimento.

AGRO-79 BRAGA
De 21 a 29 de Abril
VISITE-NOS NO NOSSO PAVILHÃO N.º 407
COELHEIRAS METÁLICAS
(BATERIAS)
A NÍVEL EUROPEU
Para instalações Industriais e Domésticas
PARQUES PARA RECRIA — E ENGORDA —
POR ELEMENTOS SOBREPOSTOS (GRANDE CAPACIDADE)
GAIOLAS REDONDAS PARA MACHOS
A PRODUTIVA
R. Picaria, 27 — Tel. 21091 PORTO
Fábrica: R. Rei Ramiro, 27 Tel. 393828 — V. N. GAIA

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

TV não jogou no 25. Perdeu

Era uma vez um povo que, com o preço de milhares e milhares de noites e dias atormentados e ferozes, construiu a madrugada da sua libertação.

Isto vai assim à laia de história maravilhosa porque tal madrugada de Abril não foi uma questão de conto de fadas porque os contos de fadas, com varinha mágica e tudo são um negócio e a História é outro bem diferente.

De qualquer modo e por analogia compreensível, não nos fica mal quando dizemos: «Aquele 25 de Abril foi maravilhoso». Daí que desejemos comemorar este dia de forma maravilhosa. Da melhor forma: a sentir bater o coração do povo.

Isto não houve na televisão portuguesa. Na TV o 25 de Abril fez figura de parente pobre, que chatice ter de aturar este desgraçado...

Fez em muitos casos figura de pessoa indesejável. De tal modo que, face ao 25 de Abril, não nos deram uma árvore viva: deram-nos serradura.

Aqui e ali temperada com um gostinho de provocação.

25 SOFRE...

Ao abrir da tarde o conselheiro Pezarat Correia veio falar-nos da alegria de ser Abril, da justiça social implícita na Revolução, veio dizer-nos que o desencanto que alguns sentem não está de maneira nenhuma relacionado com uma nostalgia do passado, está relacionado com a nostalgia do futuro que o 25 de Abril acordara neles. O mal não está nas instituições, mas no defeituoso funcionamento delas.

Podíamops ficar por aqui, mas **Informação -2**, com Júdice à cabeça, achou que devia haver «equilíbrio» e vá de nos impingir, em directo, as baboseiras de um desvairado em tempo inteiro e director de jornal em quase **time** nenhum. Que a democracia se constrói com governos estáveis e eficazes, que se precisa de uma «alteração profunda da Constituição», miau-miau, miau-miau...

Enfim, para um sujeito de asa e pucarinho com a CAP não está mal.

Vinte e cinco de Abril sofre...

OS PRIMEIROS SINISTROS

Jornal/1 teve uma ideia «genial» para comemorar o 25 de Abril: ouvir primeiros-ministros. Não se percebe bem, mas enfim. Um primeiro-ministro é sempre um primeiro-ministro. A mim parecia-me mais correcto que **Jornal/1** fosse por essas Lisnaves, por essas Sorefames e Cometnas, por esses campos, etc., ouvir os trabalhadores, o povo de Portugal, pois aí é que está o corpo e o espírito do 25 de Abril. A RTP tem outra opinião.

E pronto, ministros.

Primeiro, Nobre da Costa. Seja qual for a diferença de pontos de vista entre ele e outras pessoas com formações políticas, a verdade é que Nobre da Costa expõe as suas ideias sem ofender nem agredir ninguém. Entre as suas palavras e as palavras de Mota Pinto, por exemplo, vai a distância entre um homem educado e um desordeiro profissional.

Depois veio Mário Soares, com uma expressão de vencido da vida. Este homem baixou a guarda, levou um murro nos queixos, foi ao tapete. Ficou em estado de choque de que ainda não se recompôs. Uma lástima.

Mota Pinto não foi lá porque não quis.

Estava esgotada a lista dos «constitucionais». Faltavam os provisórios. Começaram com Palma Carlos.

Começaram e acabaram. Vocês estavam à espera de Vasco Gonçalves, era?

Tontinhos. Vasco na televisão? Não pode ser. Basta-lhe estar na memória e no coração dos homens e das mulheres para quem Abril, Portugal e Futuro são palavras inseparáveis.

Televisão podem tirar-lha e dá-la ao Palma Carlos. Não podem tirar-lhe mais nada. Mordam-se...

TV ANÃ

Ficámos a saber que, ao nível das manifestações populares de que participaram centenas de milhares de portugueses, o centro de interesse foi a criança. Quem esteve, por exemplo, na festa da APU, no Parque Eduardo VII, sabe quanto isso foi verdade.

Mas a RTP não entendeu isso. A RTP não entende aquilo que Vasco Lourenço procurou ensinar-lhe: que o 25 de Abril tem a ver com o futuro e por isso tem a ver essencialmente com as crianças.

Ora por mais estranho que pareça a televisão não preparou de sua lavra uma única rubrica infantil! As crianças portuguesas, que Abril traz no coração, foram totalmente esquecidas!

Isto provaria, por si só, se prova fosse necessária, que esta televisão não percebe nada de 25 de Abril. Para esta... (Deus me perdôe, que ia escrever uma palavra tão feia!) para esta televisão 25 de Abril é ignorância, não é ciência; é gabinete, não é rua; é intriga, não é amor.

É uma televisão anã. São anões todos os homens que não levam uma criança nos ombros. Por isso o 25 de Abril é um gigante. Por isso o 25 de Abril não esteve em pleno na televisão. Porque os gigantes não podem entrar na casa dos anões.

A. VITORINO DE ALMEIDA: MAIS UMA VITÓRIA

Nem tudo morreu, porém, na programação de ontem. A entrevista com António Vitorino de Almeida e as canções de Paco Bandeira estão nesse caso.

António Vitorino de Almeida falou da cultura e da música. Disse, em palavras muito simples, conceitos muito profundos. Mostrou como a música, para estar viva, deve fazer parte do quotidiano das pessoas e não viver encerrada no quase segredo das salas de concertos.

A certa altura contou a sua experiência num café de Viena: pôs na grafonola um disco da «Brigada Victor Jara» e toda a gente começou a dançar.

Trata-se, na realidade, de um conjunto de excelente qualidade que já ultrapassa a dos meros amadorismos para se integrar num projecto cultural de aperfeiçoamento, de aprendizagem com o folclore. Por simples curiosidade: a televisão portuguesa tem ignorado sistematicamente a «Brigada Victor Jara».

Como é vesga, olha só para um lado. Por acaso olha só (ou quase) para a direita.

PACO: NA UNIDADE, A ESPERANÇA

Lá para o fim da noite, Paco Bandeira trouxe-nos sete canções. Canções com versos de António Aleixo, canções que falam dos camponeses, dos trabalhadores, dos emigrantes. Canções que falam da dureza de viver, mas também da esperança e do futuro. Principalmente, uma vez que apela à unidade. Uma voz certa neste dia de Abril.

Infelizmente, as condições de som foram deploráveis. É inadmissível que a televisão portuguesa não esteja em situação de garantir aos seus convidados uma segurança mínima de qualidade. Quer Paco Bandeira, quer os músicos presentes, são profissionais que, em cada emissão, jogam a sua carreira, jogam a sua imagem pública. A RTP não tem o direito de os prejudicar a tal ponto.

Chamar os artistas com as mãos e depois tratá-los com os pés, não vale. É muito feio. Duplamente feio em dia de 25 de Abril.

Será que não podemos, nem por um momento sequer, esquecer que esta televisão vem do vinte e quatro?

Hoje

Ian Holm (Himmler), Lee Montague (Tio Sasha), Michael Moriaty (Erik Dorf), Tom Bell (Eisman), Joseph Bottoms (Rudi Weiss) e Tovan Feldshuh (Helena Siomova), intérpretes de «Holocausto»

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – um resumo noticioso nacional e internacional.
18.35 **Clube do Rato Mickey**
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.35 **Letras Maiúsculas** – 2.ª parte.
19.55 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **«O Astro»** – mais um episódio.
21.10 **O Tempo**
21.15 **Telefutebol Especial** – resumos das Taças Europeias de Futebol Interclubes.
21.15 **«Holocausto»** – 4.º episódio.
23.15 **24 Horas** – o último serviço noticioso do dia.
23.30 Fecho

II PROGRAMA

18.35 **Ano Propedêutico**
20.30 **Saravah**
21.00 **História da Aviação** – 4.º episódio
22.00 **Informação/2**
22.30 **«Jean Christophe»** – 8.º episódio.
00.30 Fecho

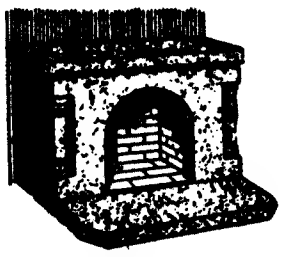
CARTÓRIO NOTARIAL DE ELVAS

CERTIDÃO

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura hoje lavrada neste Cartório, a fls. 58 do livro de notas n.º A-46, a sr.ª Maria do Amparo Santana, casada sob o regime da comunhão geral com António Joaquim da Piedade Escarduça, natural da freguesia de Alcáçova, concelho de Elvas, cidade onde reside na Av. António Sardinha, foi declarada única herdeira de seu irmão LUCÍDIO JÚLIO SANTANA, solteiro, natural da freguesia de Assunção, concelho de Elvas, falecido em 23 de Fevereiro último, na Av. Norton de Matos, em Lisboa, cidade onde teve a sua última residência habitual na Rua Leite de Vasconcelos n.º 83, 3.º esq.º.
Está conforme.
Elvas, 19 de Abril de 1979.

O NOTÁRIO
(Celso dos Santos)

FOGÕES DE SALA



CONSTRUÍDOS EM XISTO, TIJOLO, PEDROLITE E GRANITO
Exposição na Fábrica
AMÉRICO RODRIGUES MAIO
Rua S. Roque da Lameira, 834
Telef. 5 02 63
4300 – PORTO
Envia-se catalogo ilustrado contra 50$00, restituíveis no acto da compra

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Holocausto» (21.15)
II PROGRAMA
História da Aviação (21.00)

PINOCA
AMANHÃ, 6.º ANIVERSÁRIO
APADRINHADO PELAS VEDETAS
FLORBELA QUEIRÓS
ANTÓNIO CALVÁRIO

FLORBELA QUEIRÓS

ANTÓNIO CALVÁRIO

ALÉM DESTES ARTISTAS OUTROS GRANDES NOMES DO TEATRO RÁDIO E TV

ANITA GUERREIRO * ALFREDO DUARTE JUNIOR * AMÉRICO CUSTÓDIO * ARTUR BATALHA * CIDÁLIA MOREIRA * CÁ-MANÉ * DEOLINDA RODRIGUES * FERNANDO MAURÍCIO * FERNANDA BATISTA * FERNANDO RIOS * GILDA DE CASTRO * JOÃO CASANOVA * JOSÉ ALBERTO * JORGE MARTINHO * JOSÉ DO RIBATEJO * LENITA GENTIL * MARIA JÓ-JÓ * MARINA MOTA * MARIA DE FÁTIMA * MARIA DO MONTE * NORBERTO MARTINHO * NATALINA BIZARRO * NELO * ODETE FERREIRA * PAULO JORGE

E ainda outros valiosos artistas darão a sua colaboração a esta noite inesquecível

ACOMPANHAMENTOS: à Guitarra, HERMES DOS SANTOS * à viola, ALFREDO COSTA

Agradecemos às seguintes empresas pela cedência dos seus artistas: TEATRO ABC, ADEGA MESQUITA, TAVERNA DEL REY, ADEGA MACHADO, SOLAR DA MARINA, KOPUS BAR, O FORCADO E SOLAR DA MADRAGOA

MARQUE JÁ A SUA MESA * RUA SENHORA DO MONTE, 43 — Tel. 867518

A COMUNA
SEIVA TRUPE
apresenta
PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

DIARIAMENTE ÀS 21.45 H
DOMINGOS SÓ ÀS 16 H
PRAÇA DE ESPANHA — METRO PALHAVÃ
MARCAÇÕES PELO TEL 762624

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; **13.25**: Ciclo Preparatório TV; **18.30**: Sumário; **18.35**: Objectivo-África; **19.15**: País, País; **19.25**: Quem o Seu Descuida; **19.55**: Manuel e Beatriz; **20.00**: Jornal RTP/1; **20.30**: «O Astro» – episódio n.º 139; **21.10**: Boletim Meteorológico; **21.15**: A Música e o Silêncio; **22.15**: «Poldark» – 8.º episódio; **23.10**: 24 Horas; **23.20**: Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico; **20.32**: Temos Festa; **21.10**: Os Fabulosos Anos do Cinema; **22.00**: Informação/2; **22.30**: Cine/Clube; **23.30**: Fecho.

MONTE CARLO
A ABRIR BREVEMENTE

A INADIÁVEL REVISTA!

ADOQUE

Telef. 87 44 76

2.as. 3.as e 5.as as 21.45

6.as e sábados 2 sessões 20.30 e 22.45

Domingo Tarde às 16 horas Noite às 21.45

Com
ERMELINDA DUARTE
ESMERALDA AMOEDO
FRANCISCO NICHOLSON
e HENRIQUE VIANA

1926 Novas Loucuras

GRANDE ÊXITO DOS JOVENS TERESA MADRUGA ANTÓNIO FEIO E MANUELA FERNANDES

MAGDA CARDOSO
Extraordinária no bailado «Valentino»

Cavalcanti vem rodar "Dr. Judeu" em Portugal

● Rogério Paulo é o "Inquisidor-Mor"

O filme «O Dr. Judeu» que o realizador brasileiro Alberto Cavalcanti vai rodar em Portugal terá uma estreia mundial simultânea em Lisboa, Londres, Paris, Rio de Janeiro, Nova Iorque e Jerusalém.

Com a película, através da história do processor movido pela inquisição a António José da Silva, «O Dr. Judeu», como era conhecido, pretende Cavalcanti fazer «um levantamento rigoroso» da forma como eram feitos os processos inquisitoriais e apresentar «tratados de uma forma livre» excertos de peças do grande comediógrafo português.

«O Dr. Judeu – se é culpa o não ter culpa eu tenho culpa» incluiu, segundo o guião, trechos das peças «As Guerras de Alecrim e Mangerona», «O Anfitrião» e «Esopaida», sátiras entre as mais célebres de António José da Silva.

Dois terços do filme serão rodados em Portugal e o restante no Brasil, país de naturalidade de António José da Silva.

Para a rodagem em Portugal vão ser necessários 16 actores e 26 figurantes além de cerca de 14 técnicos recrutados localmente.

Os actores brasileiros são dois: Reginlado Faria que desempenha o «Judeu» e António Pedro que interpreta a figura de «O Diabo», elemento de ligação entre as partes da película.

Rogério Paulo fará de «Inquisitor-mor». É, até agora, o único actor português escolhido por Cavalcanti.

Para a elaboração do guião do filme, no qual Alberto Cavalcanti trabalhou oito meses, o realizador contou com a colaboração de três assessores e consultores históricos que desenvolveram, paralelamente, intenso trabalho de pesquisa.

A música do filme é da autoria de John Weshling, músico brasileiro que já colaborou com Xico Buarque de Holanda e em quem Cavalcanti deposita grande esperança.

«Eu tenho tido sorte com os autores das músicas dos meus filmes» – disse o realizador, que a propósito recordou o facto de já ter trabalhado com Hans Eissler, autor do hino da República Democrática da Alemanha e que fez a música para a adaptação cinematográfica da peça de Brecht «Senhor Puntilla e o seu Criado Matti», filme dirigido por Cavalcanti em 1955.

Alberto Cavalcanti tem «descoberto» para o cinema alguns dos seus grandes nomes, entre eles, o de um dos maiores animadores contemporâneos: Norman Mac Laren.

Está previsto um custo total de cerca de vinte mil contos para a produção do filme, grande parte do qual já se encontra assegurado pela produtora brasileira, a «Embrafilme», instituto oficial do cinema brasileiro.

Para custear a parte portuguesa, Cavalcanti está em contacto com a cooperativa «Forum» que procurará interessar as autoridades portuguesas e a Fundação Gulbenkian.

Alberto Cavalcanti nasceu em 1897 no Rio de Janeiro e na sua filmografia contam-se, entre realizados e dirigidos 101 filmes, feitos para produtores franceses, ingleses, italianos, austríacos e brasileiros.

O cinema brasileiro, segundo Georges Sadoul, historiador e crítico francês de cinema, conheceu, «graças a Cavalcanti» a partir de 1950, um novo desenvolvimento.

Foi sob o programa «um cinema brasileiro para os brasileiros» que Cavalcanti, dirigiu, produziu e influenciou alguns dos mais célebres filmes do seu país.

«O Canganceiro», realizado em 1952 por Lima Barreto e produzido por Cavalcanti, «impôs em toda a parte o cinema brasileiro», na opinião de Sadoul.

Com «O Judeu» pretendo demonstrar que o guião é uma espécie de bíblia» diz o realizador que entende que «a parte fraca do actual cinema brasileiro reside no guião». O guião insiste-é o «trabalho fundamental na feitura de um filme».

«Este guião é já um clássico» diz Geraldo Veloso, produtor brasileiro de «O Dr. Judeu»: «Cavalcanti introduziu-lhe inclusivamente indicações complementares em relação aos guiões tradicionais como é o caso da planificação cromática».

«Juro dizer a verdade e ter segredo em tudo que vi e ouvi nestes cáceres e o que se passou acerca deste processo» diz António José da Silva sobre a Bíblia antes de começar a ser julgado. O julgamento começa. Na última coluna da direita dessa página do guião: «cor verde».

O autor de inúmeros filmes que já entraram na história do cinema está em Portugal, e deseja, disse, que este projecto seja, efectivamente, o começo de uma colaboração entre os dois países, o que, sublinha, «já devia ter sido feito há muito tempo».

Depois de "Verão 42"
um novo filme de ROBERT MULLIGAN
a sua vida encontra-se
numa grande encruzilhada
...mas ele é dono do seu destino.

A ESTRADA DO AMANHÃ
(BLOODBROTHERS)
Uma Produção STEPHEN FRIEDMAN / KINGS ROAD · Um Filme de ROBERT MULLIGAN
com PAUL SORVINO · TONY LO BIANCO e RICHARD GERE
Realização de ROBERT MULLIGAN · Produção de STEPHEN FRIEDMAN · TECHNICOLOR
Argumento de WALTER NEWMAN · Baseado no novela de RICHARD PRICE · Musica de ELMER BERNSTEIN
Distributed by Warner Bros. A Warner Communications Company

Amanhã estreia no ZODIACO
RUA CONDE REDONDO, 5 • Tel. 570151 LISBOA

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Qualquer semelhança com as nossas "caixas" é pura e simples coincidencia... (?)

VENHAM DIVERTIR-SE À GRANDE COM

O PARTEIRO DA CAIXA
(IL GINECOLO DELLA MUTUA)

Ele não tinha... "mãos"... a medir... mesmo fora da caixa...

RENZO MONTAGNANI
PAOLA SENATORE · MASSIMO SERATO · MARIO CAROTENUTO
Artistas convidados
ISABELLA BIAGINI · ALDO FABRIZI
musica RENATO SERIO
UM FILME DE JOE D'AMATO
MUNDIAL FILMES
AMANHÃ ESTREIA
POLITEAMA

TRESPASSA-SE

Ramo de Indústria Hoteleira. Magnífico local.
Informa este jornal
N.º 26402

VIAGENS ESPECIAIS A RDA
7 dias - 1 a 7 Julho 79
14 dias - 5 a 18 Agosto 79
TUDO INCLUÍDO
DESDE 14.500$
Peça programa detalhado
informações e reservas:
MUNDIRAMA
VIAGENS E TURISMO LDA
R DO CRUCIFIXO, 33
LISBOA 1100 TELEFS
363294 328856
372093 371471
Estab 1948

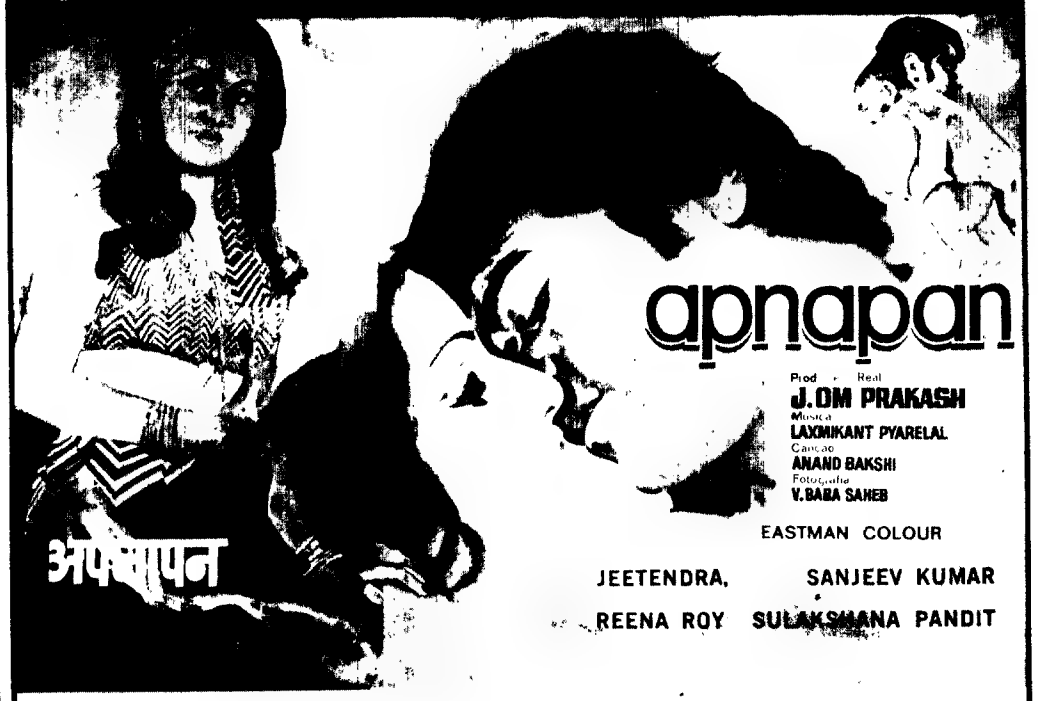
DEPOIS DO FABULOSO EXITO EM "PROVIDENCE"

DIRK BOGARDE
AO LADO DE
ANDREA FERREOL
TRIUNFA DE NOVO EM

A SEGUNDA DIMENSÃO
"DESPAIR"
A OBRA PRIMA DE
RAINER WERNER FASSBINDER
UM DOS MAIS DISCUTIDOS CHEFES DE FILA DA MODERNA CINEMATOGRAFIA
COM
BERNARD VICKY • ALEXANDER ALLERSON
VOLKER SPENGLER
Baseado no romance de Wladimir Nobokov
Re-escrito para o cinema por Tom Stoppard
Produção de PETER MARTHSEINER
EXCLUSIVO DE MUNDIAL FILMES
UM EXITO ENORME

4.a SEMANA
Interdito a menores de 13 anos
Classificado como «Filme de qualidade»
quarteto

UMA VIDA UM DESTINO



apnapan
Prod. e Real. J.OM PRAKASH
Música LAXMIKANT PYARELAL
Canção ANAND BAKSHI
Fotografia V. BABA SAHEB
EASTMAN COLOUR
JEETENDRA, SANJEEV KUMAR
REENA ROY SULAKSHANA PANDIT

Amanhã às 21.30h estreia no MONUMENTAL

Rua Tenente R. Cascais, 1-A 1200 LISBOA Tel. 661515
teatro do bairro alto

CURTA CARREIRA

3ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 17.30

«Que grande espectáculo, senhores!» — R.D., «O Jornal»
Subs. SEC e Inst. Alemão
Desconto Est. e Sind. graças apoio F. Gulbenkian.

SOLILÓQUIO

Foi na manhã deste domingo de Páscoa, vestia-se o céu de azul, enfim Primavera. Dentro da pequena casa mortuária da igreja de São Sebastião da Pedreira, estava deitado o corpo quase sozinho de um velho, o coração descansando dos quase noventa anos sem paragem, pousada enfim aquela mão do jornalista que, durante mais de sessenta, escrevera de touros e toureiros.

E toureiros, contudo, nem um só viera despedir-se de Rogério Garcia Perez – «El Terrible Perez» só porque um dia assim o começaram a tratar por graça os amigos, a darem-lhe o nome do conquistador barato que fazia de protagonista de uma zarzuela popular, e pelo qual ficou conhecido, pois o usava na assinatura das críticas taurinas do «Diário de Lisboa», do seu jornal de sempre. «Do meu querido «Diário de Lisboa», como ele escrevia, ufano por ser autor da primeira crítica de touros saída neste jornal, semanas depois de iniciada a sua publicação, e antes de ingressar definitivamente no quadro da redacção, a 2 de Abril de 1923. E mesmo depois da reforma, em 1960, aqui continuou a colaborar, até que há cinco anos o venceu a idade, a sós com suas recordações ficou o decano dos jornalistas portugueses.

Enviado pelo «Diário de Lisboa» a missões de relevo em Espanha, como a entrevista com Alcalá Zamora em 1934, e as reportagens das eleições de Fevereiro de 36 e depois, em Agosto do mesmo ano, da guerra civil, foi contudo no campo da festa dos touros que Rogério Perez se destacaria, entre os críticos portugueeses de todos os tempos, como aquele que mais viveu as entranhas do mundo taurino, e mais conhecido se tornou das figuras grandes do seu tempo, até para padrinho de casamento o escolheram os sevilhanissimos Pepin Martin Vasquez e Manolo Gonzalez, e outro que em Sevilha podia ter nascido, e se chama Francisco Mendes.

CRÓNICA DE TOUROS

Viagem ao mundo de Terrible Perez

Partidário da corrida integral, não se ficou em defendê-la com a pena, montou as duas que se efectuaram em 1933 no Campo Pequeno, com cartazes de maravilha: Touros de Infante da Câmara para Nicanor Villalta e Marcial Lalanda, e na seguinte Pinto Barreiros para Marcial, Armillita e Ortega, vindo nas quadrilhas peões famosos como Magritas e Rafaelillo.

Crítico apaixonado pelos seus toureiros, dizia-se «gallista», pois para ele era Rafael El Gallo o mais artista de todos, e José, seu irmão, de todos o maior. Mas nem por isso deixou de ser incondicional do rejoneador cordovês António Cañero, tornado seu homem de confiança lhe acompanhou os triunfos por toda a Espanha, organisou a sua apresentação em Lisboa, dele escreveu um livro, por ele chegou às vias de facto com Pepe Luís, colega da crítica, autor de «Cañero nunca existiu»...

Mas nem por isso deixava Rogério Perez de manter o tom dos seus juízos, que era bem mais contemporizador que agressivo, não podiam os toureiros culpá-lo de seu apagamento, com ditos e filigranas disfarçava o amargo do que não deixava esperança, e às vezes não merecia perdão. «El Terrible Perez», sim, mas terrível não era, nem buscava ser.

Rogério Perez nascera em Lisboa, na rua Passos Manuel, à Estefânia, em 8 de Junho de 1890; e marcado ficou para os touros logo na pia do baptismo, onde teve por padrinho o primeiro farmacêutico da praça do Campo Pequeno, de quem seu pai foi ajudante. Não admira por isso que, estando na enfermaria, lhe tivessem posto nos ombros de menino a jaqueta de um toureiro que se tratava de uma colhida. Só que esse toureiro era nada menos que Guerrita. E o menino lembraria ainda, noutra das vezes em que o grande maestro de Córdova veio a Lisboa, o entusiasmo do público, voltado para o camarote, a pedir ao rei Don Carlos que mandasse a lei à viola, e deixasse Guerrita rematar com a espada sua faena, que terminava sentando-se no estribo, tocando as hastes do touro.

Recordações de infância eram também sua entrada na igreja de Arroios quando morreu o bandarilheiro José Peixinho, e em toda a cidade se fez luto; e a admiração com que via Jorge Cadete subindo para a tipóia, caminho da praça. Mais tarde, o desgosto da colhida mortal de Fernando Oliveira ajuda-o a trocar os touros pelo teatro, onde por uns tempos foi actor, antes de regressar à primitiva paixão, feita mais acesa quando viu a primeira corrida em Espanha, na praça de Badajoz, e logo com Rafael El Gallo no cartaz. Aí terá Rogério Perez medido a diferença entre «aquilo» e a tourada portuguesa, dos touros embolados ou serrados, e depois mortos nas argolas do matadouro.

E, tomado o gosto pela corrida de touros, faz-se testemunha de tardes históricas, como aquela de 1914 em que Gallito matou em Madrid os seis touros de Martinez; e, noutra corrida a sós, viu José cortar a primeira orelha na Maestranza, e dele recolheu o autógrafo emocionado, que veio a publicar na primeira página do «Sol e Sombra», de que Rogério Perez foi director no ano de 1916. Com o colosso de Gelves andou depois muitas tardes, como naquela de Salamanca em que na quadrilha levou Daniel do Nascimento, que com Custódio Domingos e Joaquim Moça fazia, entre os bandarilheiros portugueses, a trindade preferida do «Terrible Perez»; e com Joselito tourearia «al alimon», em certa tarde de Tenta na ganaderia de Alves do Rio. Também amigo se fizera entretanto de toureiro bem mais modesto, Alejandro Saez, o pequeno e valente Alé que todo o Portugal conheceu, e aqui havia de viver seu ocaso, já velho bandarilheiro e arrimava-se no Campo Pequeno a tourear à verónica, lembrando os tempos em que, a caminho da alternativa, até da Monumental de Madrid saiu em ombros.

Poupado a assistir à morte de Gallito em Talavera, no ano de 1920, na praça de Madrid estava dois anos depois, no dia trágico em que o touro «Pocapena», do duque de Veragua, destroçou a cabeça de Manolo Granero, cortou para sempre a esperança que chegava de Valencia para suceder a José. Mas não se interrompe a trajectória de Rogério Perez: três anos andou por todas as praças de Espanha com Cañero, admirando o valor com que enfrentava a cavalo esses touros íntegros que sorteava com os matadores, e que com igual valor estoqueava a pé, se preciso era.

Por essa altura recebeu no «Diário de Lisboa» o serviço de entrevistar Juan Belmonte, que regressava do Peru: e num jantar que o fado prolongou, ouviu a fabulosa proposta que o empresário Pagés faria ao «Trianero» – meio milhão de pesetas por vinte corridas! E já de madrugada, descendo com Belmonte o Chiado, Rogério Perez foi testemunha da indecisão do «fenómeno» em aceitar a proposta; e assistiria também, numa manhã de Abril, à prova que Juan quis fazer em segredo, para ver se estava em condições de regressar às arenas.

Viajou com Ricardo Torres, Bombita. Privou com Fuentes. Fez anunciar numa novilhada em Córdova o que havia de ser o genial Cagancho. Doutros toureiros ciganos foi companheiro, o malogrado Curro Puya, e seu irmão Gitanilo de Triana. Viu Manolete subir aos píncaros. Fez a primeira entrevista a Pepe Luís Vasquez, quando ainda andava de alpargatas a ajudar o pai no matadouro de Sevilha. Conheceu como poucos o mundo taurino, dos famosos aos modestos, até um barbeiro português, o Almeida, que em Madrid trabalhava num primeiro andar da «calle sevilla», e que se espantou quando Belmonte lhe mandou cortar a «coleta», pensou que o maestro se ia retirar, mais espantado ficou porque o «pasmo de Triana» entendia que «coleta» de cabelo verdadeiro não era precisa para ser toureiro de verdade. «El Terrible Perez» estava em todos os lugares, no campo com José Vanzeller Palha, daquela vez que tiveram de gritar a um homem baixote, de chapéu de palha, que atravessava pelo meio dos touros, afinal era «Larita», o valente matador, que se apeara do comboio em Vila Franca e vinha comprar uma corrida, dos Palhas terríveis, queria matá-la sozinho, depois de chegar à arena atirando-se de pára-quedas.

Manhã de Domingo de Páscoa. No Campo Pequeno, ondulam bandeiras, sinal de corrida. Nas cortesias se irá calar a música, minuto de silêncio, alguém se vai levantar daquele lugar da barreira, à direita do varandim do inteligente, talvez sem saber que era ali que se sentava «El Terrible Perez». Lá longe, em Sevilha, vai chegando a hora do apartado dos touros de Domecq, que três toureiros andaluzes irão matar, bronca haverá para Curro Romero, e das grandes, tanto faz, que Sevilha o continuará esperando, outro dia dará ao menos aquela meia verónica...

A Rogério Perez não voltará a alegria de esperar a meia verónica de Curro nessa feira de Sevilha a que não sabia faltar, sabia sim falar dela, nestas páginas do seu «Diário de Lisboa», que anos e anos recolheram a história do toureiro que com o jornal ia acontecendo, e que «El Terrible Perez» como poucos viveu, caminho alegre do dia em que tudo acabou, faltavam poucas horas para soar o clarim, domingo de Páscoa, o céu azul, enfim Primavera.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30 H.
SATISFAZENDO INÚMEROS PEDIDOS E SÓ ATÉ 10 DE MAIO

A COMÉDIA DE WILLIAM SHAKESPEARE

As Alegres Comadres de Windsor

Versão Livre e Direcção de Espectáculo de Francisco Ribeiro
Cenários de Patrick Swift
Figurinos de Abílio Matos e Silva
Música de Frederico de Freitas

Preços de 50$00 (3.º balcão) a 100$00 (plateia)
Redução de 50% a estudantes e a associações ou grupos de mais de 20 pessoas.

Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos
Bilheteira abre às 13.00 h – Telef. 322210
SÁBADO ÀS 16 E 21.30 H.
DOMINGO SÓ MATINÉE ÀS 16 H.
DESCANSO DA COMPANHIA ÀS 2.AS-FEIRAS

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Fafe nas meias-finais da "Taça de Portugal"

O Fafe venceu o Penafiel, por 3-1, no jogo de futebol disputado no Estádio Municipal «25 de Abril», em Penafiel, e qualificou-se para as meias-finais da «Taça de Portugal». Ao intervalo, as equipas estavam empatadas (1-1).

Os fafenses iniciaram o encontro em toada de ataque e depressa se adiantaram no marcador: por Daniel, aos 4 minutos, na execução de um «livre».

Reagiu de imediato a equipa do Penafiel, que se instalou no meio-campo adversário e conseguiu, aos 12 minutos, obter o tento da igualdade, também no seguimento de um «livre», marcado por Meireles.

Até ao termo da primeira parte, as duas equipas bateram-se com equilíbrio, embora com certo predomínio do Penafiel.

A ascendência da equipa local acentuou-se no recomeço: mas num lance de contra-ataque (aos 8 minutos) Costeado do lado direito, centrou para Nogueira e este, aproveitando a hesitação da defensiva contrária, rematou para o fundo das redes e colocou de novo o Fafe na posição de vencedor.

Os visitantes liquidaram as derradeiras aspirações do Penafiel quando (aos 16 minutos) Valdemar, a passe de Sousa Pinto, atirou em arco, fazendo um «chapéu» ao guardião Cerqueira, e elevando o «score» para 3-1.

O Penafiel ainda procurou atenuar a diferença, mas o marcador não se alterou até final da partida.

Árbitro Mário Luis, de Santarém.

Penafiel: Cerqueira, Ernesto, Teixeira, (Carriço), Almeida e Quim, Romão, Nené (Virgílio) e Regadas, Meireles, Cartuxo e Abel.

Fafe: José Maria, Costeado, Cândido, Leitão e Manuel Fernandes, Albano, Sousa Pinto e Valença, Nogueira, Daniel e Valdemar (Vítor Martins).

Cartões amarelos: Leitão, aos 8 e Carriço aos 55.

JUVENIS

O feriado de ontem foi aproveitado pela Federação de Futebol para uma jornada das Taças Nacionais de Juvenus e de Iniciados. Nos jogos de juvenis disputados registaram-se os seguintes desfechos.

Zona A – 1.ª Série: Âncora Praia-Sp. Braga, 0-0 e Rio Ave-Vianense, 1-1. Guia: Sp. Braga, 5 pontos – 2.ª Série: Tirsense-Vila Meã. 1-2 e Famalicão-V. Guimarães, 1-2. Guia: Vila Meã, 4 pontos – 3.ª Série: Real-Douro, 3-0 e Torre de Mocorvo-Bragança, 3-0. Guia: Vila Real, 5 pontos – 4.ª Série: Progresso-Arcozelo, 1-0 e FC Porto-Leixões, 1-1. Guia. Progresso, 6 pontos.

Zona B – 5.ª Série: Cracks-Braços, 2-1 e Avintes-Paços Brandão, 3-2. Guia: Avintes, 5 pontos – 6.ª Série: Anadia-Ovarense, 3-1 e Sanjoanense-Feirense, 2-0. Guia: Sanjoanense, 5 pontos – 7.ª Série: Vilar Formoso-Sabugal, 1-0 e Covilhã-Benfica C. Branco, 0-0. Guia: Benfica-Castelo Branco, 4 pontos – 8.ª Série: Marinhense-Coimbra, 1-2 e Académico de Coimbra-U. Leiria, 5-0. Guias: Académico e U. Coimbra, 4 pontos.

Zona C – 9.ª Série: Almeirim-Peniche, 1-0 e U. Tomar-U. Santarém, 3-0. Guia: U. Tomar, 5 pontos, 10.ª Série: Torriense-Alverca, 1-0 e Coruchense-Cartaxo, 0-1. Guia: SL Cartaxo, 5 pontos – 11.ª Série: Alcohetense-Monte Real, 3-0 e Oriental-Futebol Benfica, 0-0. Guia: Futebol Benfica, 4 pontos – 12.ª Série: Atlético do Cacém-Almada, 0-1 e Benfica-Sporting, 0-1. Guia: Sporting 6 pontos.

Zona D – 14.ª Série. Elvenses-Juventude, 1-2 e Lusitano de Évora-Estrela de Portalegre, 4-0. Guia: Lusitano, 5 pontos – 15.ª Série: Zona Azul-V. Setúbal, 1-4 e Montijo-Santoantoniense, 1-0. Guia: V. Setubal, 5 pontos – 16.ª Série: Serpa-Olhanense, 0-1 e Farense-Portimonense, 2-0. Guia: Olhanense, 6 pontos.

INICIADOS

Série A: Mirandela-Friestense, 2-1 e Sp. Braga-Vila Real, 2-0. Guia: Sp. Braga, 6 pontos. Série B: FC Porto-Espinho, 2-0 e Avintes-Leixões, 2-1. Guia: FC Porto, 5 pontos. Série C: Celoricense-Repesenses, 2-1 e U. Coimbra-Anadia, 0-0. Guia: Celoricense, 4 pontos. Série D: Marrazes-Águias de Alpiarça, 3-2 e Académico de Coimbra-Marinhense, 3-0. Guia: Académico, 5 pontos. Série E: Benfica C. Branco-Alferrarede, 2-2 e Eléctrico-Portalegrense, 2-0, Guia: Alferrarede, 5 pontos. Série F: Cascais-Benfica, 2-2 e Vialonga-Belenenses, 1-3. Guia: Belenenses, 6 pontos. Série G: Sporting-Montijo, 4-0 e Juventude-Cova da Piedade, 0-3. Guia: Sporting, 5 pontos. Série H: Portimonense-S. Luís, 0-1 e Moura-Zona Azul, 1-0. Guias: Moura e S. Luís, 4 pontos.

DIVISÃO N.º 3

Também aproveitando o feriado, realizou-se o encontro antecipado da 26.ª jornada do Nacional da III Divisão (Série B), entre o Infesta e o Freamunde. O triunfo pertenceu ao Infesta por 4-1. O Infesta subiu ao sexto lugar, (com 29 pontos) enquanto o Freamunde manteve a nona posição (22 pontos).

BOTELHO NO BENFICA

Aos 31 anos, 12 anos depois de ter passado pelo Benfica, o guarda-redes sportinguista Botelho transfere-se para a Luz, com um contrato por duas épocas.

FRAGUITO EM BOLANDAS

Fraguito (28 anos) ainda não foi abordado pelos dirigentes sportinguistas no sentido de revalidar um compromisso com o clube de Alvalade que se extingue em Julho próximo. Simultaneamente, diz-se que o Benfica (tal como tenta em relação a Laranjeira) entrou na corrida pelo seu concurso.

IBRAIM ESTÁ BEM

Graças a um golo nas redes do Diplomatic, Ibraim cimentou o seu nome no «plantel» principal dos norte-americanos do Rochester.

ZANDONAIDE: MAIS UM ANO EM ALVALADE

As negociações entre o Vasco da Gama e o Sporting, para prorrogação da cedência de Zandonaide aos «leões», estão bem encaminhadas.

SPORTING EM PARIS

Está difícil de levar a cabo a deslocação particulardo Sporting a Paris, dado que Vavic não deseja defrontar o Hamburgo desfalcado de unidades vitais (Keita, Artur, Jordão, Manuel Fernandes, Fraguito e Botelho) e, também, não consegue os pretendidos reforços para a sua turma (o vimaranense Romeu, o belenenses Vasques e o setubalense Mário Ventura).

CARLOS MANUEL VALE MUITO

O Barreirense insiste: para dispensar Carlos Manuel, pretendido pelo Benfica, terá de receber boa maquia e alguns reservistas dos «encarnados».

CGTP-IN

Realizou-se no Estádio Alfredo da Silva (Lavradio) a meia final da Zona Sul da Taça CGTP-IN, entre as equipas do Entreposto (União dos Sindicatos de Setúbal) e da Proconstrói (US Lisboa). O representante de Setúbal venceu por 5-1 depois de 3-0 ao intervalo. Arbitrou Francisco Periquito, auxiliado por Carlos Fernando e Francisco Barão, e as equipas alinharam como segue:

Entreposto: Pratas; Mário, Lino, Abel e Figueiras; Toni, Bobi (Pato e depois Salvado) e Armando (Espada); Galvão, Santana e Tota.

Proconstrói: César; Batalim, (Armando), Albano, Basílio e Teles (Ilídio); Boaventura (José Alberto), Feijão. e Rufino; Rui, Duarte e Avelino.

Marcadores: Armando (2, 35 e 72 m, o segundo de «penalty»), Abel (30), Rui (75) e Ilídio (80, na própria baliza.

A equipa do Entreposto será a representante do Sul na final com o representante do Norte (ainda por decidir) em jogo que se disputará no dia 1 de Maio, no campo dos telefones, em Lisboa.

RESERVAS NO CACÉM

Domingo, pelas 15 e 30, no Cacém, actuam as reservas do Benfica e do Belenenses.

VETERANOS DO NORTE

Efectuou-se a quinta jornada do «II Torneio de Veteranos do Norte», cuja organização pertence ao Infesta. A surpresa veio de Oliveira de Azemeis, onde o Vilanovense venceu a equipa local por 3-2. Nos outros jogos, verificam-se os seguintes resultados: Leixões-Braga, 1-0; Infesta – Feirense, 3-2. A classificação está agora assim ordenada: 1.º – Vilanovense e Oliveirense, 6 pontos; 3.º – Leixões, 4; 4 – Infesta e Braga, 3; 6.º – Feirense, 2.

ATLÉTICO NOS AÇORES

O Atlético venceu, em Ponta Delgada a turma local do Santa Clara (3-0) num encontro integrado na homenagem a Ben David, antigo «internacional» alcantarense, falecido o ano passado.

REGIONAIS: SETÚBAL E FARO

A Associação de Futebol de Setúbal fez disputar dois jogos da I Divisão regional que se encontravam em atraso. Resultados: Racing-Marítimo, 1-2 e Alcacerense-Costa da Caparica, 2-1. O Trafaria comanda com 62 pontos, seguido dos Leais e Arrentela, ambos com 54, Costa da Caparica, com 52, e Beira Mar de Almada e Desportivo Grandolense, ambos com 50. O último é o Alcacerense, com 32 pontos. Pinhalnovense e Alcacerense têm menos um jogo.

Disputaram-se igualmente dois encontros que se encontravam em atraso na I Divisão de Faro: Monchiquense-Lagoa, 1-0 (Barlavento) e Culatrense-Leões de Tavira, 2-1 (Sotavento).

Juvenis: mais um êxito de sportinguistas sobre benfiquistas

Taças europeias decidem finalistas

Disputaram-se os jogos da segunda «mão» das meias-finais dos torneios europeus de futebol. Nottingham e Malmoe, (na Taça dos Campeões), Barcelona e Banik Ostrava (na Taça das Taças) e Moechengladbach e Estrela Vermelha (na Taça UEFA) são os finalistas. Resultados dos jogos de ontem:

Taça dos Campeões: Colónia - Nottingham, 0-1 (3-3 na primeira «mão»); Malmoe - Austria, 1-0 (0-0).

Taça das Taças: Beveren -Barcelona, 0-1 (0-1); Banik Ostrava - Dusseldorf, 2-1.

Taça UEFA: Moechengladbach - Duisburgo, 4-1 (6-3); Estrela Vermelha - Hertha de Berlim, 1-2 (1-0).

«BARÇA» É TENTAÇÃO

O Barcelona (Espanha) pretende assegurar o concurso do técnico jugoslavo Branco Zebec, actual treinador do Hamburgo, da primeira divisão alemã ocidental. A oferta a Zebec, cujo contrato com o Hamburgo termina no fim da próxima temporada, inclui o pagamento de 12,5 milhões de pesetas (cerca de 9 mil contos) por ano, o dobro da verba que actualmente recebe no clube alemão.

TURQUIA AVANÇA

A selecção amadora da Turquia passou à fase seguinte do torneio olímpico de futebol, ao derrotar a Áustria (por 4-3) em grandes penalidades, no encontro da fase preliminar, disputado na cidade turca de Antalya.

BELGAS OLÍMPICOS

A Bélgica venceu a Holanda (1-0) em encontro a contar para as eliminatórias do torneio com vista aos Jogos Olímpicos de Moscovo, em 1980.

ALEMANHA FEDERAL FORTALECIDA

A selecção alemã federal de futebol poderá contar nas suas fileiras com Bonhof e Stielike, no próximo desafio internacional com o País de Gales. Tanto o Real Madrid como o Valência deram já o seu consentimento, embora o encontro País de Gales - Alemanha Federal, no próximo dia 2 de Maio, coincida com a data dos jogos da «Taça do Rei de Espanha».

O Real Madrid decidiu propor ao Saragoça, seu adversário, o adiamento do encontro para uma data posterior a 2 de Maio. Por seu turno, o Valência anunciou que poderia prescindir do concurso de Bonhof no desafio com o Alaves, da segunda divisão espanhola.

Jupp Derwall, treinador da selecção da Alemanha Federal, afirmou que divulga hoje a lista dos jogadores convocados para o desafio País de Gales-RFA.

SELECÇÃO FRANCESA

O seleccionador francês Michel Hidalgo recorreu às figuras populares do futebol do seu país para formar a equipa que defronta a dos Estados Unidos, no próximo dia 2 de Maio. A lista dos convocados é a seguinte: guarda redes - Dropsy e Rey; médios ; Michel, Petit, Lários e Platini; avançados - Amisse, Berdoll, Emon, Lacombe e Six.

No último encontro internacional, em que a selecção francesa perdeu (em Bratislava) perante a Checoslováquia, a contar para o campeonato da Europa, Hidalgo foi criticado por não ter feito alinhar alguns dos princípios jogadores do futebol francês. A selecção agora dada a conhecer corrige em parte esse alegado erro, pois dois dos «esquecidos» (Tresor e Six) voltaram à equipa nacional, mas o extremo do Saint Etienne (Dominique Rocheteau) não obteve o visto do treinador para jogar nos Estados Unidos.

«TAÇA DE ITÁLIA»

Resultados da primeira jornada dos quartos de final da «Taça da Itália»: Juventus - Inter, 3-1; Cagliari - Catanzaro, 2-2; Napoles - Perugia, 2-1; Palermo - Lazio, 0-0. Os jogos da segunda volta terão lugar em 9 de Maio.

CAMPEONATO BRITÂNICO

Resultados de jogos efectuados a contar para o campeonato inglês de futebol na 1.ª divisão: Birmingham - West Bromwich Albion, 1-1; Manchester City -Middlesbrough, 1-0; Southampton - Liverpool, 1-1; Wolverhampton - Derby, 4-0. na 2.ª divisão: Milwall - Fulham, 0-0; Notts County - Leicester, 1-0; Preston - Cambridge, 0-2; West Ham -Burnley, 3-1.

AZAR PARA BARNWELL

John Barnwell, treinador da equipa do Wolverhampton Wanderers, encontra-se internado em estado grave depois de ter sofrido um acidente de viação. Barnwell sofreu vários ferimentos na cabeça quando o seu carro embateu numa barreira, em Allestree.

O treinador dos «wolves» foi internado na enfermaria de Derbyshire, onde os médicos consideraram o seu estado «grave, mas sem perigo». Richie Barker, adjunto de Barnwell, tomará a direcção da equipa enquanto Barnwell permanecer no hospital.

CRISE NO PALMEIRAS

O Palmeiras (Brasil) está a atravessar uma profunda crise, surgida depois de dirigentes do clube terem acusado três dos principais jogadores de serem «mercenários do futebol»

Os visados (Jorge Mendonça, Toninho e Escurinho) anunciaram em resposta que não querem actuar mais no clube e solicitaram a colocação na lista de transferências.

A crise teve a sua origem na eliminação do clube da «Taça Libertadores da América» e, posteriormente, na não qualificação para a fase decisiva do campeonato regional de S. Paulo.

DALLAS CONQUISTA

Frank Worthington, do Boltor Wanderers, (melhor marcador do campeonato inglês da primeira divisão) foi emprestado ao Dallas Tornado, da Liga Norte-Americana de Futebol. Worthington, que já marcou 25 golos esta temporada, parte para o Texas a 10 de Maio, estando prevista a sua estreia para duas semanas depois, frente ao Chicago Sting.

EUA: NÃO, SIM

Sem resultados práticos, terminou mais uma série de negociações entre o holandês Johan Cruyff e o Cosmos (de Nova York) que pretende assegurar o concurso do futebolista. As verbas em jogo não foram divulgadas, mas julga-se que tenha sido astronómica a nova oferta do clube nova-iorquino, mais uma vez recusada pelo holandês.

Gerd Mueller, o ex-«artilheiro» do Bayern, menos exigente, encontra-se já nos Estados Unidos e jogará no próximo sábado pela sua nova equipa, o «Strikers» de Fort Lauderdale.

Para o campeão mundial em 1974 «o adeus à Alemanha não foi triste. Vou simplesmente continuar nos Estados Unidos a minha carreira, aos 33 anos».

ARGENTINA VENCE

A Argentina bateu a Bulgária por 2-1, no primeiro desafio de carácter internacional disputado pela selecção mundial de futebol depois da conquista do título, em Junho do ano passado. Jogando sem cinco dos elementos que contribuíram para a vitória no torneio, a Argentina adiantou-se no marcador logo aos dois minutos de jogo. O extremo direito Rene Housemann recebeu, na zona frontal à baliza, um passe do seu companheiro Jose Reinaldi e nada mais teve que fazer senão empurrar a bola para o fundo das redes.

No entanto, os búlgaros conseguiram restabelecer a igualdade sete minutos depois quando o centro campista Cristo Boney marcou superiormente um «livre», não deixando hipóteses ao guarda-redes Ubaldo Eillol.

Até ao fim da primeira parte o jogo foi um festival de ocasiões perdidas pelos argentinos. Diego Maradona, o avançado centro da selecção (uma jovem «estrela» de 19 anos) exibiu-se a grande altura, com excelentes passes e «dribles», mas os seus companheiros não conseguiram concretizar as várias situações de golo por ele criadas.

No reatamento da partida, logo aos 5 minutos, Maradona e Oscar Ortiz (extremo-esquerdo) fizeram uma jogada de tabelinhas envolvendo a defesa contrária e obrigando-a a cometer falta dentro da pequen área quando passaram a bola a Reinaldi. Este, excelentemente colocado, preparava-se para marcar quando foi derrubado. Chamado a marcar a grande penalidade, o «capitão» argentino, Daniel Passarella, não perdoou e rematou de modo a fazer a bola entrar pouco abaixo da barra.

Selecção desfalcada vence o Feyenoord

Uma selecção federativa esteve na «banheira» de Roterdão, para efectuar um jogo-treino com os holandeses do Jejnoord: graças a um tento de Oliveira (aos 34 minutos) o grupo comandando por Mário Wilson regressou ao estágio no Sintra-Estoril mais fortalecido com vista à próxima (e oficial) deslocação a Oslo.

Árbitro: G. Jonker (Holanda).

Portugal – Bento; Bastos Lopes, Alinho, Humberto e Alberto; Pietra, Eurico, Oliveira e Costa; Gomes e Nené.

Feyenoord – Hiele; Wijnstekrs, Jansen (Noben, na 2.ª parte), Ridoerhof e Brard-Troosht, Stafelo, Van Deinsin; Van Der Lem (Petersson, na 2.ª parte Peters e Melis.

Notas salientes: o excelente exibição de Oliveira (embora tenha desperdiçado golos em série), a bela estreia de Bastos Lopes no conjunto das «quinas» e, como era de calcular, a ausência do sportinguista Artur.

Firmino e Lousa dominaram Torres Vedras

Sem grande vibração e com total conformismo dos concorrentes à supremacia de Firmino Bernardino e da sua equipa (o Lousa) evidenciada desde a primeira pedalada, arrastou-se o «Grande Prémio Ciclista de Torres Vedras» que forneceu as seguintes classificações finais:

Individual: 1.º, Firmino Bernardino, Lousa, 13h 32m 43s; 2.º, Carlos Santos, Lousa, 13.33.56; 3.º, Elias Campos, Lousa, 13.34.04; 4.º, Joaquim Andrade, Sangalhos, 13.34.08; 5.º, Joaquim Sousa Santos, FC Porto, 13.34.14; 6.º Adelino Teixeira, FC Porto, 13.34.30; 7.º, Marco Chagas, Lousa, 13.34.37; 8.º, Lima Fernandes Bombarralense, 13.35.10; 9.º, Rui Azevedo, Sangalhos, 13.35.31; 10.º Floriano Mendes, Sangalhos, 13.35.37; 11.º, José Madeira, Campinense, 13.35.42; 12.º, Francisco Miranda, Bombarralense, 13.35.53; 13.º, Luís Teixeira, Coelima, 13.36.07; 14.º, Alexandre Rua, Coelima, 13.36.15; 15.º. José Sousa Santos, FC Porto, 13.36.35.

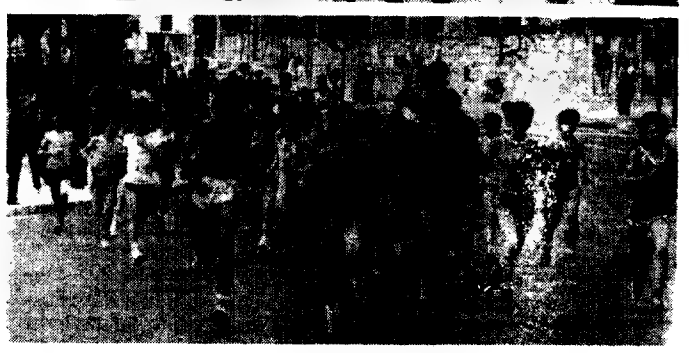
Equipas: 1.ª, Lousa/Trinaranjus, 40h 40m 25s; 2.ª, Sangalhos/Órbitra, 40.44.22; 3.ª, FC Porto, 40.45.02; 4.ª, Bombarralense/Uniroyal, 40.46.49; 5.ª, Coimbrões, 40.49.19; 6.ª, Coelima, 40.49.40; 7.ª, Campinense, 40.55.13; 8.ª, Manique/Abitar, 41.16.03.

Montanha: 1.º, Luís Teixeira, Coelima, 55 pontos; 2.º Carlos Santos Lousa, 33; 3.º, Firmino Bernardino, Lousa, 30.

Pontos: 1.º, Alexandre Rua, Coelima, 31 pontos; 2.º, Carlos Santos, Lousa, 20; 3.º, Manuel Silva, FC Porto, 15.

Metas-volantes: 1.º, Alexandre Rua, Coelima, 14 pontos; 2.º, Elias Campos, Lousa, 12; 3.º, José Maia, Coimbrões, 10.

Concluiram a prova 45 dos 58 ciclistas que a iniciaram. A média-geral deste Grande Prémio foi de 39,526 km/hora, para os 479,800 km do percurso total.



Lisboa: elas e eles

Porto: simbólica partida junto à antiga PIDE

MODALIDADES EM DESFILE • MODALIDADES EM DES

RÂGUEBI

Disputou-se no Estádio Universitário de Coimbra um encontro de râguebi entre as selecções nacionais de juvenis de Portugal e da Inglaterra, jogo que os ingleses venceram por 60-0. Na partida, dirigida por Sílvio Fiúza, as equipas apresentaram as seguintes formações.

PORTUGAL: Rebelo, Lobato e Brinca; Keating e Santos; Dinis, Ferreira e Macedo; Morais e Jalles; Durão, Galvão, Almeida e Gomes; Simões (Borges).

INGLATERRA – Orritt, Letham e Beresford; Wells e Knight; Churchill, Whichello e Bate; Ebsworth e O'Brien; Howe, Evans, Hughs e Garcia; Brown.

Fracasso total dos lusos, como se nota pela simples análise do resultado do jogo.

VELA

A Associação Regional de Vela do Centro associou-se às comemorações do 25 de Abril, organizando um festival com a realização de regatas de várias classes, que decorreu em Belém. Participaram 75 embarcações e 160 tripulantes. Resultados: Snipes – 1.º, Alpes Costa/Margarida Machado, SAD; 2.º, Rui Carvalho/João Figueiredo, CNL; 3.º, Rui Antunes/Hugo Lourenço, SAD. 420 – 1.º, João Mata/João Paiva, CNL; 2.º, António Mata/João Almeida, CSP; 3.º, João Leal Faria/João Paracho, CSP. Vaurien – 1.º, João Conde/António Cêncio, ADV; 2.º, Luís Gil/Manuel Lourenço, CNL; 3.º, António Carneiro/Ana Xavier, CNL. Europe – 1.º, Manuel Cerqueira, ASC; 2.º, Francisco Mourão, CNL; 3.º, Carlos Oliveira, SAD. Cadetes – 1.º, João Fradinho/Tiago Farias, CDPA; 2.º, José Pedro/Manuel Real, COL; 3.º, António Silva/Paulo Faroleiro, COL. Optimist – 1.º, Vasco Pessanha, CNC; 2.º, Miguel Martins, CDPA; 3.º, José Madeira, COL.

XADREZ

O xadrezista soviético Mikhail Tal derrotou o seu compatriota Boris Spassky na 10.ª jornada do Torneio de Xadrez «O Homem e o Seu Mundo», assumindo o comando da prova devido ao facto de três dos cinco jogos da ronda terem ficado por concluir. Na outra partida da sessão que terminou, Ljubomir Ljuborevic (da Jugoslávia) empatou com Bent Larsen (da Dinamarca).

Foram suspensas as partidas entre Anatoly Karpov e Robert Huebner, Vlastimil Hort e Lajos Portisch e Jan Timman e Ljubomir Kavalek. Classificação: 1.º, Tal, 7 pontos; 2.º, Karpov, 6,5 (1 suspenso); 3.º, Portisch, 6 (1); 4.º, Ljbojevic, 6; 5.º, Huebner, 5 (1); 6.º, Timman, 4,5 (1); 7.º, Hort, 4 (1); 8.º, Spassky, 3,5; 9.º, Larsen, 3; 10.º, Kavalek, 1,5 (1).

GINÁSTICA

Quatro ginastas portugueses vão estar presentes no Torneio Internacional da Tunísia, que se disputa nos dias 27, 28 e 29 do corrente. São eles: Paula Santos e José Ucha, ambos do Lisboa Ginásio Clube; Ana Carlota, do Sporting e Paulo Belo, do Benfica. O prof. Miyake, treinador da equipa nacional e os juízes Alda Corte Real Oliveira e Nuno Afonso (este também chefe da delegação), acompanham os atletas.

CICLISMO

O irlandês Sean Kelly foi o vencedor da primeira etapa da Volta à Espanha em bicicleta, disputada entre Jerez de La Frontera e Sevilha. Kelly percorreu os 156 quilómetros do percurso em quatro horas, 36 minutos e 32 segundos, à média de 33,7 quilómetros por hora. Ambos da Bélgica Patrick Friou (França) e Miguel Maria Lasa (Espanha).

Classificação geral: 1 – Juop Zoetemelk, (Holanda), 4h45m 18s; 2 – Alfons de Wolf (Bélgica) a 14 segundos; 3 – Michel Pollentier (Bélgica), a 17; 4 – Jan Van Houwelinge (Holanda), a 18; 5 – Lucien Van Impe (Bélgica), a 18; 6 – Roger de Crijf (Bélgica), a 25; 7 – Jolsoy de Nul (Bélgica), 29; 8 – Joel Gallopin (França), a 32; 9 – Jesus Manzaneque (Espanha), a 33; 10 – Gonzalez Linares (Espanha), a 33.

Hoje disputa-se a segunda etapa, entre Sevilha e Cordoba, na distância de 188 quilómetros.

TÉNIS DE MESA

A Federação Internacional de Ténis de Mesa apoiou totalmente a decisão da Coreia do Norte de excluir Israel da 35.ª edição do Campeonato do Mundo e de impedir a participação da Coreia do Sul, a não ser que fosse com uma equipa unificada com a Coreia do Norte.

A FITM aceitou a posição da Coreia do Norte, segundo a qual Israel constituia um risco de segurança, Apoiou, também, a petição norte-americana, de modo que as duas Coreias apresentem uma equipa unificada.

Israel foi expulso dos Jogos Asiáticos (em Banguecoque, no pssado mês de Dezembro) pelo mesmo pretexto.

Vêm aí campeões de atletismo

Um grupo de atletas dos Sindicatos da União Soviética parte hoje para Lisboa, a convite da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP), para participar nas festas desportivas do «Primeiro de Maio». A delegação soviética, encabeçada por Guennadi Smirnov, (vice-presidente da Associação Voluntária Desportiva «Burevestnik») Vitali Sogrin (técnico senior de atletismo do Clube Desportivo Central dos Sindicatos) inclui seis atletas que fazem parte da Selecção da URSS: Enn Cellik (25 anos) várias vezes campeão e recordista da URSS dos 5.000 metros; Guiana Romanova (23 anos) campeã nacional e da Europa em 1978 nos 3000 metros; Vladimir Ignatenko, (23 anos) campeão nacional em 1977 dos 100 metros; Svetlana Styrkina, (20 anos) recordista da URSS dos 800 metros e campeã mundial de 4x400; Alexandre Putchkov (22 anos) que detêm o terceiro melhor tempo dos 110 metros barreiras em 1978 e Tania Prorotchenko (26 anos) campeã nacional dos 200 metros e medalha de bronze nos 4x100 nas Olimpíadas de Montreal (1976).

Os atletas soviéticos participam, juntamente com atletas de outros países, nas competições despostivas e enquadradas na festa do 1.º de Maio. A delegação soviética conta ainda efectuar vários colóquios com desportistas e trabalhadores portugueses, sobre o desenvolvimento da cultura física e desporto na URSS, sobre a organização das «Espartaquíadas dos Povos da URSS» e sobre a preparação em curso das Olimpíadas-80.

Festa pelas cidades

A 2.ª Corrida da Liberdade, prova de atletismo disputada em Lisboa e integrada nas comemorações oficiais do Quinto Aniversário do 25 de Abril, constituiu, pelo número de aderentes, a maior jornada de atletismo jamais realizada em Portugal. Foi superior a seis mil o número de inscritos, nos vários escalões etários. Mais concretamente (e de acordo com dados divulgados, pela organização) inscreveram-se 6.197 atletas.

Relativamente à prova do ano passado, há a registar que as inscrições quase duplicaram: em 1978 aderiram a esta manifestação 3363 atletas.

Esta 2.ª Corrida da Liberdade constituiu uma verdadeira festa do atletismo, que animou sobretudo a Baixa de Lisboa (a chegada estava instalada junto dos Restauradores), mas também, um pouco, toda a cidade, já que as partidas ocorreram em diversos pontos, todos eles locais simbolicamente ligados às operações militares do «Movimento de 25 de Abril» (Terreiro do Paço, Largo do Carmo, Pontinha, BC5 e ex-Rádio Clube Português).

Correspondendo inteiramente ao espírito que presidiu às comemorações as camadas mais jovens da população participaram em massa na prova. O escalão de infantis teve 3058 inscritos (sensivelmente metade do total), sendo 1071 do sexo feminino e 1987 do masculino.

A corrida foi aberta a concorrentes populares e federados de todas as idades.

parque residencial

terraços do jamor

Habitações confortáveis. Novo conceito de espaço habitacional.
Espaços amplos. Espaços verdes.
Ampla cobertura de transportes. A menos de 20 minutos do centro de Lisboa.
Muito perto da estação do C.F. de Queluz. 220 comboios por dia.
Na área da 2.ª coroa do passe social.
Zonas comerciais, escolares e de convívio.

3 assoalhadas 1.025-C.
4 assoalhadas 1.175-C.

Visite-nos em Terraços do Jamor Queluz Ocidental

icosal

Sociedade de Investimentos e Construções, S.A.R.L.
Sede: Av. Almirante Reis, 131-3.º-4.º
Tel. 55 35 32 — 1100 Lisboa
Centro de Vendas:
Torre Kilimanjaro-Rua F
Tel 95 13 54
Terraços do Jamor
Queluz Ocidental.

Andar modelo da dimensão móveis

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA CAMPANHA ELEITORAL

FACULDADE DE LETRAS,
DOMINGO 29 DE ABRIL, 15 H.

TARDE CULTURAL E DE CONVÍVIO

- ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA fala de «Música, Cultura, Educação».
- Debates sobre **Educação visual, Alfabetização, Ensino Superior** — Presenças de Eurico Gonçalves, Ernesto Fernandes, Fernando Belo, Clara Queirós, Matos Ferreira
- Canto livre — Cinema — Espectáculo para crianças (a confirmar).
- Exposição — Venda de livros e discos — Bar.

O espectáculo «E não se pode exterminá-lo?» de K. Valentín pelo teatro Cornucópia, previsto para sábado 28, foi transferido para data a anunciar em virtude de a companhia ter sido obrigada a interromper os espectáculos.

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

Maestro
ÁLVARO CASSUTO

Solista
CARLOS FRANCO (flauta)

PROGRAMA

Mozart — **Concerto nº 1 para flauta**

Bruckner — **Sinfonia nº 4 «Romantica»**

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

Sábado, 28 de Abril de 1979, às 17 horas

COLABORAÇAO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Bilhetes à venda no Teatro S. Luiz das 14 às 20 horas
ao preço único de 30$00

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS · TURISMO
Para obtenção de passaportes urgentes
RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tels 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg BUISTOUR - Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

o Diário de Lisboa
vende-se no
CAFÉ CENTRAL
DE
António Batista Paquete
Rua Serpa Pinto, 58-60-62
Telef. 42172
CUBA Alentejo

SOBRALINHO-ALVERCA

FRANCISCO DE OLIVEIRA PATO

Sua mulher, filha, netos e genro, agradecem a todos quantos o acompanharam à sua última morada.

AUGUSTO ADELINO PEREIRA TORRES

FALECEU

Sua mulher, filhas, genros e demais família, participam o falecimento do seu ente querido e que o funeral se realizou hoje para o Cemitério do Alto de S. João.

Tratou — FUNERÁRIA LISBONENSE — Tel. 844547

ROTEIRO CULTURAL

Além de não ter muito onde escolher no cinema que por aí corre nos circuitos comerciais e se é um interessado na cinematografia francesa, o Roteiro tem uma proposta a fazer-lhe: **não perca o ciclo de cinema francês que decorre, desde o passado dia 24, na Fundação Gulbenkian.** Para acréscimo de interesse, deverá dizer-se que são filmes de períodos diferentes e que nunca foram exibidos no nosso País em circuito comercial.

Hoje, às 18 e 30, pode ver «Le Corbeau» de Clouzot, dia 27, às 21 e 30, «Le Ciel est à vous» de J. Gremillon; dia 28, às 15 e 30, «Les Portes de La Nuit» de Michel Carné; no mesmo dia, mas às 21 e 30, «Le DiableBoiteaux» de Sacha Guitry. Finalmente, dia 3 de Maio, às 21 e 30, passa «Le Silence de la Mer» de J. P. Melville.

No AR.CO (Rua Santiago, 18), com uma actividade que nunca é de mais realçar, passa hoje, às 21 e 45 (repetindo-se amanhã e depois à mesma hora) «A Grande Corrida À Volta do Mundo» de Blake Edwards.

Também no Instituto Alemão, cujas actividades culturais também devem merecer particular atenção do leitor, decorre até ao dia 30 um ciclo de Heing Rulman, por muitos considerado o maior actor cómico alemão. Hoje às 15 e 30 será passado o «Kleider Machen Leute» (O Hábito Faz o Monge) de Helmut Kautner, realizado em 1940.

No Instituto Britânico, hoje há Peter Sellers, mais exactamente a passagem pelas 18 horas de «The Lady Killers», realizado por A. Mackendrik.

No Palácio Foz, projecta-se cinema de animação, integrado nas comemorações do aniversário da APCA, em duas sessões (18 e 30 e 21 e 15).

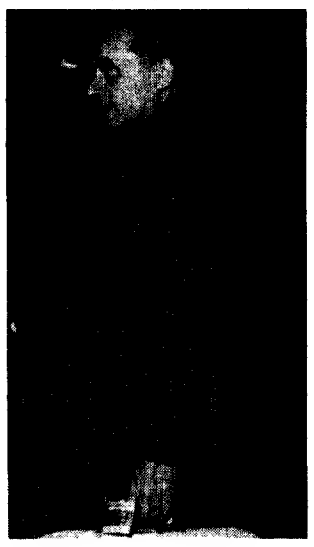
No Porto, organizado pelo cineclube com o nome daquela cidade, passa hoje o filme, já um clássico, «Z» de Costa-Gavras.

Em Coimbra, desde ontem e até ao dia 10 de Maio, às quartas e ás quintas, passa, na Casa da Inglaterra, a série «Civilização» de Kenneth Clark, série já nossa conhecida, pois foi passada na RTP, e, em Abril, no Instituto Britânico em Lisboa.

No Museu Soares dos Reis, no Porto, é inaugurada hoje uma exposição de gravura alemã contemporânea. Tem o patrocínio do Instituto Alemão e integra obras de vários gravadores alemães conhecidos.

Ainda numa rápida ronda pela província, é de não perder a exposição que ontem abriu ao público no Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, sobre «A Criança nas Colecções do Museu de José Malhoa». Integrada no ano Internacional da Criança a exposição está patente ao público até 10 de Junho e pretende – se como a selecção das obras existentes naquele Museu mais ligadas ao dia-a-dia das crianças.

Em Portimão, na Galeri «San Lucas» termina amanhã a exposição de pintura



Hoje na Gulbenkian há Clouzot. Ainda não visto entre nós

dos artistas Adão Rodrigues e Ribeiro Farinha.

Na Gulbenkian (falamos, quanto a nós, dos dois acontecimentos culturais mais relevantes de hoje), são inauguradas duas exposições: uma sobre a **Arte Popular Mexicana;** outra, sobre **Arte Popular da Arménia.** A primeira é inaugurada, às 18 horas (Piso 01), e é constituída pela valiosa doação do antigo embaixador do México, dr. Bernardo Reys, falecido em Portugal. Trata-se de um conjunto de centenas de valiosas peças de arte popular mexicana, livros de arte do México e sobre este país, que aquele diplomata ofereceu à Gulbenkian.

A segunda é organizada pelo Museu de Arte Popular de Crivan (Arménia) e pela Embaixada da URSS em Portugal, e é inaugurada às 18 e 30 nas Galerias das Exposições Temporais daquela Fundação.

Para os melómanos a Gulbenkian apresenta uma alternativa às duas exposições: o trio de Cordas de Paris dá um concerto no Auditório dois, às 18 e 30. Do programa constam obras de Webern, Emmanuel Nunes, Ton That Tiet e Schoenberg.

À noite, no Coliseu, há «Rigolletto» de Verdi, com o coro e a orquestra do Teatro Nacional de São Carlos.

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música variada; **21.00**: 22.º episódio do folhetim «A Passagem», original de Judite Navarro; **22.30**: Forma e conteúdo, quotidiano das artes e das letras; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite (RDP/Norte).

2.º Programa

17.10: Música concertante de Mozart; **18.20**: Música de vanguarda; **19.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **20.00**: Orquestras de câmara; **21.00**: Excertos da cantata n.º 101, «Nimm Von Uns, Herr» («Livra-nos, Senhor»); **21.20**: Música sinfónica; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com a música; **18.45**: O mundo da Fórmula 1; **19.10**: Retrospectiva; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.00**: Diálogo; **21.10**: Mensagens bíblicas; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção; **23.50**: Desportivamente.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; **18.03**: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

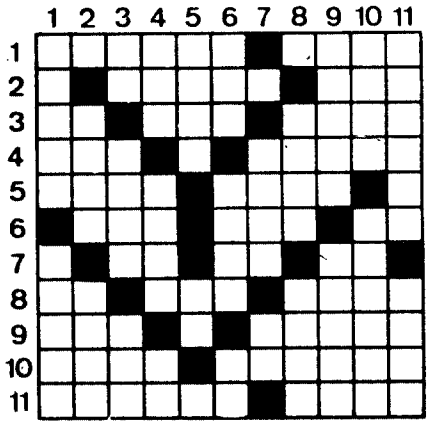
18.06: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Espaço musical; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.55**: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 321

HORIZONTAIS

1 Galas. Vazias.
2 Enrubesceu. Ferro temperado.
3 Em partes iguais. Chefe etíope. Mira.
4 Grande. Concordar.
5 Nome científico do pato. Preposição.
6 Reze. Patrão. Post scriptum.
7 O lado do vento. (inv). Letra grega. Pronome pessoal.
8 Em a. Anel. De alto preço.
9 Rio de Portugal. Conjunção. Classes.
10 Resta. Cibalho.
11 Guarnecesse de asas. Lavras.



VERTICAIS

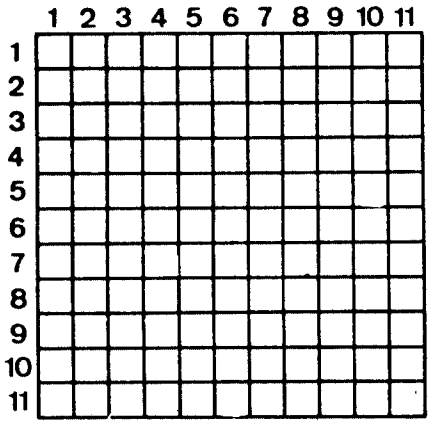
1 Cidade da Polónia. Engorda.
2 Rio da Toscana. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
3 Mil e cem em romano. Ilha do Pequeno Belt. Romancista português autor de «Os Maias».
4 Preposição. Carimba. Artigo definido.
5 Terra nova arroteada de fresco. Nota musical.
6 Solitários. Estaciono. Cério (s.q.).
7 Ramalhete. Nesse lugar.
8 Metal precioso de cor amarela. Vila e sede de concelho (Beja).
9 Bonança. Assolar.
10 Arma antiga. Corsário.
11 Ecoaras. Sufixo que designa abundância.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8381

HORIZONTAIS

1 Nome de jogo. Mulher de baixa estatura. Estima.
2 Encolerizas. Representar por gestos.
3 Antiga unidade monetária da Alemanha. Manuscrito. Clima. Em a.
4 Cidade da Suíça. Sulco.
5 Mau. Nome de pássaro.
6 Albergara por esmola.
7 Pronome pessoal. Medida japonesa igual a dois decilitros. (inv).
8 Preposição. Nome de frutos. Preposição latina que designa movimento.
9 Misturar. Dê marradas em.
10 Exito (fig). Engordurou.
11 O mesmo que raros. Invulgares.



VERTICAIS

1 Rosto. Apelido.
2 Versejar. Olvide.
3 Sufixo que designa estado. Artérias. Solução coloidal com aspecto de geleia.
4 Estimais. Carne de porco metida em tripa de intestino grosso.
5 Avoquei. Cupido.
6 Pátria.
7 Sofre (fig). Paixão.
8 Abrilhantar. Divisão de uma casa.
9 Antes do meio dia. Golfo do mar da China, entre as penínsulas da Indochina e Malaca. Raer.
10 Coxo. Chuvisco (bras).
11 Jarro (planta). Divindade.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado, o vento soprava de norte com rajadas fortes em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	9º
VILA REAL	9º
PORTO	13º
P. DOURADAS	3º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	13º
ÉVORA	9º
SINES	13º
BEJA	11º
SAGRES	13º
FARO	16º
P. DELGADA	15º
FUNCHAL	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.45	4,3 m	8.27	0,7 m
15.08	4,2 m	20.47	0,7 m
Dia 27			
3.28	4,2 m	9.06	0,7 m
15.49	4,2 m	21.26	0,7 m
Dia 28			
4.10	4,2 m	9.43	0,8 m
16.29	4,1 m	22.05	0,8 m

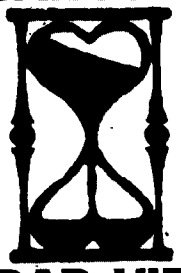
PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Bom tempo com céu geralmente limpo; vento moderado de norte soprando por vezes com rajadas fortes.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.45
OCASO ÀS 20.25

DIA 26 DIA 4 DIA 12 DIA 18

DAR SANGUE



É DAR VIDA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 320

HORIZONTAIS:
1 ARCO. DA. Eon.
2 Cer. Parasse.
3 Olavo. Aspas.
4 Reviras.
5 Aval. Crie.
6 Haia. Aar.
7 Negara.
8 És. Nu. Áreas.
9 Lo. AAA. Oca.
10 Hão. Câmara.
11 Arregaça. Os.

VERTICAIS:
1 Açora. VELHA.
2 Releva. Soar.
3 Crava. Or.
4 Vilhena.
5 POR. ÁGUA.
6 Dá. Afia. Aca.
7 Aras. Ará. AC
8 As. Aroma.
9 ESPERA. Eça.
10 Osa. Ia Aaro.
11 Nésperas. Às.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8380

HORIZONTAIS:
1 Sagorro.
2 Imola. Sural.
3 Cora. Melo.
4 Art. Mês. Ais.
5 Aero. Apre!
6 Sicília.
7 Ia. Marão. Aí.
8 Ária. Rata.
9 Zás. Tal. Sus!
10 Arcar. Urnas.
11 Ari. Asara.

VERTICAIS:
1 Rica. Riazan.
2 Mora. Arar.
3 Sortes. Isca.
4 Ala. Rima. Ar.
5 Ga. Moca. Tri.
6 De. Irmã.
7 Rs. Sala. Lua.
8 Rum. Pior. Rs.
9 Oreara. Asna.
10 Alie. Atuar.
11 Elos. Niassa.

Provérbio: ARCO DA VELHA, POR ÁGUA ESPERA.

farmácias

Lisboa

Permanente

IBÉRIA, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (Alameda-Fonte Luminosa); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (Alvalade); **S. JOSÉ**, R. dos Anjos, 41-A (Anjos-Lisboa Ginásio Clube); **VÉRITAS**, R. da Misericórdia, 135 (Bairro Alto); **MACEDO**, E. Poço do Chão, 69-C (Benfica-Charquinho); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (Campo de Ourique); **GRIJÓ**, R. do Grilo, 25 (Madre de Deus-Poço do Bispo); **CRUZ NUNES**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (Saldanha); **CATELA TAVARES**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (Odivelas); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (Pontinha).

Reforço

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (Alcântara); **DÉLIO**, R. Açores, 32-34 (Arco do Cego-Estefânia); **NOVA LISTOA**, R. Guilhermina Suggia, 12 (Areeiro-Apeadeiro); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (Campo Pequeno); **AURÉLIO REGO**, C. da Estrela, 139 (Estrela); **ALMEIDA DIAS**: L. da Graça, 38-39 (Graça); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (Lumiar); **OLIVAIS**, R Alves Gouveia, 19 (Olivais-Av. de Berlim); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (Palhavã); **FERNANDES**, R. S. José, 187 (S. José-Tivoli); **BRITO**, R. Colégio, lote 32-B (Brandoa); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (Buraca); **NOVA**, R. Açores, 11-A (Olival Basto); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (Prior Velho).

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **ALCABIDECHE: Carvalho**. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Alsir**, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 971023); **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **CAMARATE: Nova**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T 2518726); **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato** (T. 2912038). Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. **Até às 20.30**; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456); **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz (T. 680113); **ALVES MOREIRA**, Av. Rodrigues de Freitas, 167 (T. 51889); **CLÉRIGOS**, R. dos Clérigos, 36 (T. 315394); **CRUZ**, R. de Costa Cabral, 1082 (T. 480041); **MONTE DOS BURGOS**, R. do Monte dos Burgos, 802 (T. 62279); **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2 (T 24203); **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367 (T. 62250); **MENESES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227 (T. 51764).

(De dia e toda a noite)

LIDADOR, R. do Lidador, 265 (T. 683739); **ESTÁCIO**, R. Sá da Bandeira, 120 (T. 22664); **BOTELHO**, R. da Alegria, 863 (T. 480069); **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192 (T. 64450).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107 (T. 22837); **DIAS FERREIRA**, Bairro da Solum (T. 72120;.

teatros

Lisboa

PALACIO GALVEIAS — «Tragedia Infantil», às 21.45 (13 anos)
ABC — «Direita volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES — «Felizardo e C.ª Modas e Confeções» ś 21.30
ÁDOQUE — «1926 — Noves Fora Nada», às 21.45
MARIA VITÓRIA — «E tudo S. Bento levou» às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO DA GRAÇA — «Feliz Natal Avozinha», às 22.00 (13 anos)
MARIA MATOS — «A Família», às 21.30 (13 anos)
COMUNA — «Perdidos Numa Noite Suja», às 21.45 (13 anos)
D. MARIA II — «As Alegres Comadres de Windsor» (13 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero à Esquerda», às 21.15 (13 anos)
MARIA VITÓRIA — «E Tudo São Bento Levou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

CAPITÓLIO — «Sexo na Ribalta» 19, 21 e 23 (18 anos)
OLIMPIA — «Prazeres Raros», sessões permanentes (18 anos)
ROYAL — «S.O.S. Submarino Nuclear», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE — «A Senhora Foi Violada», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA — «Destinos Diferentes», às 21.15 (13 anos)
LUMIAR — «Noivos Sangrentos», às 21.30 (18 anos)

PARIS — «Uma Mulher Fiel», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Buck-town, Cidade Corrupta», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS — Oeiras-Cine — «Ben Hur», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL — Casino — «Superman», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — S. José — «Torso», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS — Impala — «Superman», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Lido — «Ashanti», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «A Enfermeira é de Gritos», às 21.30 (18 anos)
AMADORA — Cine-Plaza — «Os 39 Degraus», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS — Cine-Chaby — «Raparigas Precoces», às 21.15 (18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Sexo Selvagem», às 21.15 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Deusa Cobra», às 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO — Instrução e Recreio — «O Importante é Amar», às 21.15 (18 anos)

PÓVOA DE ST. ADRIÃO — S. José — «O Caso Odessa», às 21.30 (18 anos)

Porto

BATALHA — «Os executores» às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN — «O Segredo de Fedora»
SÁ DA BANDEIRA — «Alô Lisboa, daqui Porto» às 20.30 e 23 h. (13 anos)
TRINDADE — «California Suite» 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS — «E a Felicidade Voltará», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO — «Terramoto», às 21.30 (18 anos)
LUMIERE — «O Expresso da Meia-Noite», às 21.45 (18 anos)
LUMIÈRE — Sala A «A grande carrapata» às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO — «A Ilha do dr. Moreau» 21.30 (18 anos)
RIVOLI — «A Bomba nas Manobras», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT — «SHARAHT Retrato de uma Jovem Alcoólica», as 21.30 (13 anos)
Coliseu — «Jesus de Nazaré» 1.ª parte 21.30 (Todos).
ESTÚDIO — «O Ninho de Espiões em Istambul», às 21.30 (18 anos)
FOCO — «Jesus de Nazaré» (2.ª parte) 21.30 (13 anos).
OLIMPIA — «Orgias Loucas», às 21.30 (13 anos)
Passos Manuel — «Jesus de Nazare» (2.ª parte) 18.15, 21.30 (13 anos).
CARLOS ALBERTO — «Os Olhos de Laura Mars» 21.45 (18 anos)

cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A — 18 ANOS
14.30-16.30-18.30 21.30 e 23.45h
A INVASÃO DOS VIOLADORES
c/Donald Sutherland

SALA B
14.45-17-19-21.30 e 23.45h
O REGRESSO DOS HERÓIS
N. ac. men. 13 a.

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30h
VAMOS A ISTO RAPAZES
Com Bud Spencer, Terence Hill
Int. men. 13 anos
5.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23.30 h
Não acons. men. 13 anos
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
De Satnaley Kubrick

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
Entre o amor e o desespero para alcançar a liberdade!
A INOCÊNCIA E O CRIME
Com Rajesh Khanna e Mumtaz
2.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.30 h
Robert Powell, Anne Bancroft e Ernest Borgnine em
JESUS DE NAZARÉ
Primeira parte
Um filme de Franco Zeffirelli
Para todos — Colorido
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
A ILHA DO DR. MOREAU
um filme de Don Taylor
Não Aconselhável a Menores de 18 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30.

CASTIL 580194
Rua Castilho
15.30, 18.30 e 21.30 h
Juntos Conseguiram o Impossível
CASTELOS DE GELO
uma comovente história de amor de Donald Wrye
(não acons. men. 13 anos
2.ª Semana

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Int. men. 18 anos
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30 h
A nova dimensão do romantismo na história intima de uma mulher
«A HISTÓRIA DE JOANA»
Pornográfico
Às 24.00 — Int. men. 18 a.
ARREFECIDO A 99%

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às, 14.15, 16.30, e 21.30 h.
N. ac men. 13 a.
A ÚLTIMA VALSA
Às 18.45 — Int. men. 18 a.
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30
Um filme sensacional!
«OS DESERTORES»
com Russ Thacher - Brad Sullivan
Int. men. 18 anos
Às 23.45
O ESPANTALHO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
OS COMANDOS DA MORTE
c/ Gregory Peck, Laurence Olivier James Manson
3.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
às 15.30, 18 e 21.30 h
JESUS DA NAZARÉ
Para todos

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial — Damaia
Às 21.15 — N. ac. men. 18 a.
O GOVERNADOR DE FERRO

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 13.30, 16.15, 19 e 21.30
Com Robert Powell, Anne Bancroft, Ernesto Borgnine em
«JESUS DE NAZARÉ»
PRIMEIRA PARTE
um filme de Franco Zeffirelli

ESTÚDIO 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30 — N. ac. men. 13 a.
O GENERAL IDI AMIN DADA
era... o maior chefe de Estado do Mundo (1,96m e 110kg)
Um filme de Barbet Schroeder

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30, 21.30 h.
um homem não pode reconstruir o mundo sozinho
Juiz Fayard
«O XERIFE»
Interdito a men. 13 anos

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30
(Int. Men. 13 anos)
Eles aí estão de novo!
...VAMOS A ISTO RAPAZES
Bud Spencer — Terence Hill

Hoje às 18.15
em «QUINTA-FEIRA À TARDE»
(Não acons. men. 13 anos)
«COMO ROUBAR UM MILHÃO»

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15 18.30, 21.30
Não conc. men. 13 anos
O mais espectacular acontecimento da história do cinema — Marlon Brando Gene Hackman e Christopher Reeve
SUPERMAN
Um filme de Richard Donner

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
O melhor retrato de mulher do cinema americano
com Jill Calyburgh, Alan Bates e Michael Murphy
UMA MULHER SÓ
9.ª semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Atenção ao horário especial para este programa
3 sessões — Às 15.15, 18.15, 21.45 h.
Não acons. men. 18 anos
«OS COMANDOS DA MORTE»
3.ª semana
Gregory Peck, Laurence Olivier e James Mason

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
«CALIFORNIA SUITE»
(Um apartamento na Califórnia)
A mais fabulosa comédia do ano!
com Allan Alda, Michael Caine, Maggie Smith, Jane Fonda
Não acos. men. 13 anos
4.ª semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
AS HORAS DE MARIA
Um filme de António de Macedo

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30 — N. ac. men. 18 a.
Uma voz na garganta e outra entre as pernas
O FENÓMENO AMERICANO
c/ Candice Rialson e Larry Gelman

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
AMANTE MUITO LOUCA
Um filme brasileiro com os ídolos da TV Teresa Rachel, Setpan Nercessian e Jô Soares
3.ª Semana

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men. 18 anos
Perseguição assassina ao homem que sabia demais
«A TESTEMUNHA INVISÍVEL»
Com Bo Svenson — Robert Culp

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
Ursula Andress em
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
(na esteira do famoso «Último Mundo Canibal»)
3.ª semana

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Não acons men. 18 anos)
SEGUNDA DIMENSÃO
Real.: Rainer Wermer Fassbinder
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Interdito men. 13 anos)
O XERIFE
Real.: Yves Boisset
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, e 23.30
(Não acons. men. 18 anos)
CAVALEIROS DO ASFALTO
SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Não acons men. 13 anos)
NOITE DE CHUVA

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30 horas
Interd. men. 13 anos
Em 3.ª SEMANA — Uma aventura espectacular
ASSALTO FINAL
Mico Minardos — Nina Van Pallandt

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. m/18 anos
Uma aventura explosiva!
OS RAPAZES DA COMPANHIA C
O verdadeiro Vietname!

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.
Uma bestial máquina de porrada!
O QUEBRA OSSOS
com Bud Spencer — colorido
Não acons men. 13 anos
4.ª semana

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Donald Sutherland, Brooke Adams, Leonard Nimoy
«A INVASÃO DOS VIOLADORES»
(Invasion of the Body Snatchers)
Uma obra-prima de ficção científica!
Não acons. men. de 18 anos
2.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Hoje e Amanhã 4 sessões: 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Maiores 18 anos
Um filme de Jean Renoir
A REGRA DO JOGO
Marcel Dario Nora Grégor, Roland Toutain

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
a melhor comédia do ano!
A GRANDE CARRAPATA
15.ª semana
co Pierre Richard

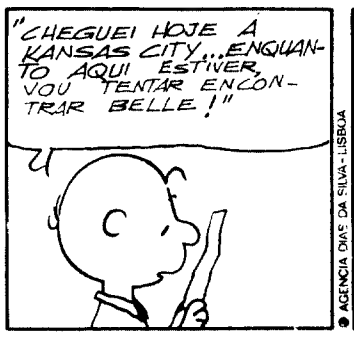
TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
O espantoso Louis de Funés no seu melhor filme de sempre!
«O GENDARME E OS EXTRATERRESTES»
com Louis de Funés, Michel Galabru, Maurice Risch
Não acons. men. 13 anos
4.ª semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Burt Lancaster, Michael York, Barbara Carrera em
A ILHA DO DR. MOREAU
Um filme de Don Taylor
Colorido
Não aconselhável a Menores de 18 anos

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
14.15, 16.30, 19 e 21.45
Louis de Funés no seu melhor filme!
O GENDARME E OS EXTRATERRESTRES
Não acons. men. 13 anos

ZODÍACO Tel. 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37
SESSÕES: 13, 15, 17, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
GRAÇAS A DEUS É SEXTA FEIRA
com Donna Summer Os Commodores
8.ª semana

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES 65453 1/2/3

• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS

RUA LUZ SORIANO 64 TELEFONES 321154/5 328071/2/3 328279 372/81/2 PUBLICIDADE 366748

• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)

PORTEIRO 321154 MENSAGENS GRAVADAS 328279

• ENDEREÇO TELEGRAFICO DIBOA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL

• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA 38 2.º TELEFONES 29954/5

Chuva volta 2.ª feira

A partir de segunda-feira vamos ter de novo chuva e aguaceiros, dizem os meteorologistas que prevêm também ausência de alteração sensível até àquela data. Apenas o fim-de-semana será um pouco mais nublado.

A temperatura no entanto, aproxima-se dos valores normais para a época.

Estas informações são divulgadas no boletim meteorológico para a agricultura, que acrescenta haver um avanço de três a 25 dias em todo o território no desenvolvimento das culturas outono-invernais. Este avanço é mais significativo no Baixo Alentejo, e no barlavento algarvio, e menos acentuado no Alto Alentejo e em Lisboa.

Estudante atira-se da ponte da Arrábida

PORTO, 26 – Esta manhã, pelas 6.30 h. lançou-se da Ponte da Arrábida e caiu junto à água, na margem direita do rio Douro, o estudante António Luís da Silva Cunha Lima, de 16 anos, filho do médico dr. Amadeu da Cunha Lima, da Rua do Lidador, 705.

Cumpridas as formalidades legais o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

ANTES DAS 8, NA LINHA DO ESTORIL

Guarda fiscal colhido por comboio provoca choque e 14 feridos ligeiros

Um guarda-fiscal do posto de Pedrouços foi esta manhã (7 e 55) colhido (veio a falecer no Hospital de S. José) pelo «rápido» da linha do Estoril que onze minutos antes havia saído do Cais do Sodré, quando atravessava a via férrea sem tomar, ao que parece, as devidas precauções. O acidente originaria, escassos minutos depois, um choque entre aquela composição e uma outra que partira da mesma estação às 7 e 44, e que por não ter nenhuma indicação em contrário seguia – no mesmo sentido – à velocidade normal.

O embate desta composição com o comboio que por causa do acidente (do qual perdeu a vida o guarda-fiscal Manuel Inácio Correia, de 53 anos, natural de Brogueira, Torres Novas, por sinal a terra onde nasceu o general Humberto Delgado) se encontrava imobilizado na via descendente, foi relativamente violento, e dele resultou terem ficado feridas 14 pessoas que, depois de assistidas no Hospital de S. José (para onde foram transportadas) seguiram para suas casas por o seu estado não inspirar cuidados. De acordo com um informador daquele estabelecimento hospitalar os ferimentos foram ligeiros: pequenas contusões e escoriações, com elevado susto de permeio.

As identidades dos feridos: José Secundino Gomes da Costa, de 29 anos, da Cova da Piedade, Fernando Marques Serra, de 44 anos, Beco de Miranda (Lisboa), Rui Manuel Pinto Sá Carvalho, de 18 anos, de Corroios, Augusto Carlos Gomes Fernandes, de 34, da Rua das Mercês, em Lisboa, Henrique Costa Monteiro da Fonseca, de 50 anos, da Charneca do Lumiar; Ivone das Dores Silva, de 30 anos; António Moreira Geraldes, de 28, da Rua Guerra Junqueiro, também de Lisboa, Cassiano António Rodrigues Filipe, de 30 anos, morador na Rua dos Sete Moinhos, Maria Águeda Rodrigues, 42, da Avenida Dr. António Oliveira Salazar, António Pinto, com a mesma idade, de Porto Brandão, Maria Fernanda Silva Rebolo, de 24 anos, da Amadora, Manuel Rodrigues dos Santos, 53 anos, da Rua de Pedrouços, Maria da Conceição Albuquerque Gonçalves, de 67 anos, do Bairro da Encarnação, aos Olivais e Francisco José Carrilho, de 46 anos, também da Amadora, que viajavam nas primeiras carruagens do segundo comboio e nas últimas do «rápido» que trucidou o guarda-fiscal.

Consequência imediata do choque: interrupção das duas vias durante cerca de 45 minutos, entre Algés e Belém, período em que os utentes da linha do Estoril viajaram entre as duas estações em autocarros da RN que funcionaram para transbordo dos mesmos. Por volta das 8 e 40 foi possível aos trabalhadores da CP de via e obras restabelecerem a circulação na ascendente (Estoril-Cais do Sodré), continuando por algum tempo, de par com o recurso à via única, o transbordo entre Belém e Algés para os passageiros da descendente. Os comboios passaram a movimentar-se com acentuados atrasos neste caso, por vezes da ordem dos 90 minutos, enquanto ascendente, e após a interrupção das duas vias, se cifraram entre os 15 e os 20. Para minimizar os atrasos a CP pôs em circulação composições sem horário fixo.

A meio da manhã a circulação ainda não havia sido restabelecida entre o Cais do Sodré e Estoril, mas os responsáveis da linha estavam esperançados em que a normalização se processasse de um momento para o outro, e mais concretamente antes do princípio da tarde.

A situação ficaria normalizada por volta das 10.30h, altura em que a circulação nos dois sentidos foi restabelecida — segundo o sector de Relações Públicas da CP.

ESCANDALO JUDICIAL EM ESPANHA

Assassino de advogados foge com a cumplicidade do juiz

MADRID, 26 (do nosso correspondente Fernando Jauregui) – Uma das instituições até agora vedadas à Imprensa espanhola, o Conselho Judicial, vê-se submetida a fortes ataques nos meios da Comunicação Social, a propósito da fuga da prisão de Ciudad Real de um presumível assassino da extrema-direita.

A opinião pública espanhola saltou indignada ante o que pode classificar-se como o «caso judicial do século» em Espanha. O juiz ultradireitista Rafael Gomez Chaparro, conhecido pela sua dureza contra a oposição política durante o franquismo concedeu «autorização de férias» para que o fascista Fernando Lerdo de Tejada saísse, por uns dias, do cárcere.

Lerdo é acusado de ser um dos membros do comando «ultra» que assassinou em Janeiro de 1977, quatro advogados afectos ao Partido Comunista Espanhol, na rua madrilena de Atocha. Agora Lerdo, que esperava ser julgado, fugiu para o estrangeiro graças às «férias» concedidas pelo juiz. O magistrado Chaparro, que conhecia, ao que parece, a fuga do terrorista ultra, não informou do facto, as autoridades. Agora o juiz Chaparro foi retirado do caso, não sendo, contudo, processado como presumível cúmplice na fuga.

Para cúmulo, um jornalista, também de extrema-direita e polícia honorário, chamado Alfredo Semprun, entrevistou Lerdo, em exclusivo, quando este se encontrava já fugido no Sul de França. A entrevista, aparecida no semanário conservador «Blanco y Negro», é publicada sete dias depois da fuga do jovem terrorista. Semprun não comunicara previamente às autoridades que conhecia a fuga de Lerdo. A entrevista apresenta-se como «um encontro casual» entre Semprun e Lerdo, mas ninguém acredita em tal «casualidade».

O próprio ministro da Justiça, o democrata-cristão Inigo Cavero, declarou ontem que «alguns juízes não souberam adaptar-se à mudança política», referindo-se, sem dúvida, ao estrato franquista que ainda prevalece entre uma grande parte dos magistrados espanhóis, considerados até agora «intocáveis», junto com outras duas instituições também bastante ligados ainda ao franquismo: o Exército e a Igreja. Fontes policiais informaram que de Madrid foi já pedida à Interpol a captura de Lerdo, cuja extradição será solicitada. Crê-se que o jovem se encontra já em África, trabalhando como mercenário, ou na Argentina, protegido pelo regime do general Videla.

Dá-se a circunstância, e isto faz supor que o caso tenha podido chegar ainda mais acima do que o previsto, de a mãe de Lerdo Tejada trabalhar como secretária particular do «líder» da ultradireita espanhola, Blas Pinar, presidente da «Fuerza Nueva». Crê-se que a noiva de Lerdo é uma jovem ligada familiarmente a Pinar, actualmente deputado no Parlamento espanhol.

LISBOA, VERBO AMAR

Uma carta de amor

No «atelier» havia naquela altura quatro aprendizas.

Chamava-se «atelier» aquele rectângulo de cimento em subcave. A janela era uma ranhura de três palmos acima do passeio. Era preciso corrê-la quando chovia. Então, mesmo com o tripé do lustre a todo o pano, a penumbra invadia o «atelier».

As duas costureiras mais raparigas sentam-se de frente para a janela. Vêem as pernas dos transeuntes, as rodas dos camiões, os últimos andares do prédio no outro lado da rua, onde funciona um escritório. Vistas da rua, as costureiras parecem mulheres muçulumanas, assim com a luz do nariz para cima.

– Escreve agora – disse a de alfinete no cabelo, quando a mestra saiu – onde é que nós íamos?

A outra retirou de debaixo da obra a folha de carta, cor de violeta, leu: «Também o meu coração bate por si de dia e de noite».

A moça cortou a linha com os dentes.

– Escreve lá: «O meu mais íntimo desejo era encher a sua vida de miosótis.» Já está?

– Ó rapariga, pera lá um bocadinho, pensas que sc uma máquina?

Entretanto, a mestra voltava do andar de cima.

– O senhor Martins quer saber se isso vai ou não vai.

– Oh, diga ao senhor Martins que...

A escrivã fez um gesto obsceno. A mais nova assustou-se. A mestra fez que não viu.

– Quanto mais a gente se abaixa... – sussurrou a escrivã.

Alargou-se a pausa enquanto a mestra cortava a obra em cima da mesa. Ai, ela não queria barulho nem tanto como o voo de um moscardo. A mestra suspirou. Era o sinal.

– Olha lá – murmurou a escrivã – que ideia foi essa do miosótis?

– Eu sei? Lembrou-me.

– O que são?

– O que são o quê?

– O que são miosótis?

A mais novita riu:

– Já te disse que não sei.

– Então por que é que puseste?

– É uma palavra bonita. Devem ser coisas boas.

Depois da nuvem, rompeu uma claridade que transbordou, como um rio, para dentro do «atelier».

MÁRIO CASTRIM

Ponte do Sorraia abateu à passagem de um camião

Foi a meio da manhã de anteontem: o tabuleiro do lado sul da ponte General Teófilo Trindade, sobre o rio Sorraia, abateu e mergulhou nas águas, quando sobre ele passava um camião-zorra transportando uma escavadora. O desastre processou-se de forma lenta, o que permitiu ao motorista travar e abandonar o veículo, evitando assim que ele e os seus companheiros fossem também parar ao rio. Para lá do susto, sofreram apenas ferimentos ligeiros.

As causas do desabamento vão ser objecto de investigação pelos serviços competentes do MHOP. No entanto, segundo as primeiras indicações, a grua da escavadora teria batido nos ferros superiores da ponte, deslocando primeiro o tabuleiro e causando depois a sua queda e a do camião. Esta é a opinião generalizada, embora se ponha também a hipótese de a estrutura metálica ter abatido devido aos longos anos de utilização.

Em consequência do acidente registou-se uma avaria geral nos telefones da área e a falta de electricidade em algumas zonas de Coruche.

Para o comandante dos bombeiros de Corcuhe o desabar é inexplicável: embora a escavadora seja pesada, outros veículos têm passado pela ponte, inclusivamente tanques de guerra, sem problemas. O mesmo diz o motorista do camião, o qual afirmou que o desastre poderia ter sido mais grave, se ele não se tivesse apercebido a tempo de que o tabuleiro sul se estava a deslocar. A esse facto ficou a dever a vida, ele e os seus companheiros.

Entretanto, segundo informação que acabamos de obter junto do MHOP, vai proceder-se imediatamente à construção de uma ponte provisória, de colaboração com a engenharia militar. Tal construção deverá estar concluída no prazo de seis a oito semanas. Por outro lado, vão ter início os estudos técnicos para reconstrução de um tramo definitivo.

Situação de refugiados vietnamitas em Macau

O embaixador itinerante norte-americano para os refugiados Dick Clark, esteve em Macau, onde teve conversações com o governador Melo Egídio, sobre a situação dos refugiados vietnamitas naquele território.

Em declarações à ANOP, Clark afirmou que só depois de visitar todos os locais onde se encontram refugiados do Vietname, o governo norte-americano poderá tomar decisões sobre o problema.

Por sua vez, o secretário adjunto para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau, Mercier Marques, afirmou à agência noticiosa nacional que Macau acordou em estabelecer em dois mil o número máximo de refugiados vietnamitas, desde que as entidades empenhadas no processo da colocação dos refugiados noutros países criassem condições para que os mesmos fossem abandonando Macau a curto prazo, permitindo a recepção de mais refugiados do Vietname até ao número agora acordado.

Actualmente, ultrapassam aquele número os refugiados vietnamitas em Macau, tendo a polícia fiscal e marítima, macaense impedido, desde o começo deste ano, a entrada no território a mais de cinco mil refugiados. As entidades têm-lhes, no entanto, concedido apoio para a recuperação dos seus barcos e fornecendo alimentos e água para continuarem viagem.

(Hoje 32 páginas)

Mário de Sá Carneiro homenageado em Paris

É hoje descerrada uma lápide, no Hotal de Nice, em Paris, onde se suicidou Mário de Sá Carneiro, há 64 anos. A cerimónia é presidida pelo embaixador português em Paris, Coimbra Martins.

Mário de Sá Carneiro, um dos maiores representantes do movimento pós-simbolista, foi contemporâneo de Almada Negreiros e de Fernando Pessoa. Uma das obras do poeta vai constituir o primeiro volume da recém-criada sociedade editora «Les Éditions Portugaises», com sede em Paris. A editora projecta publicar três colecções: uma bilingue, uma colecção «prestígio» (dedicada às mais significativas obras da literatura portuguesa) e ainda uma colecção de estudos, ensaios e trabalhos sobre a cultura lusíada.

Participam na homenagem a Mário de Sá Carneiro autoridades diplomáticas e consulares dos dois países e estudiosos franceses da cultura luso-brasileira, entre os quais Léon Bourdon, director de um instituto da Sorbonne, e o professor Castex, antigo professor das Universidades de Coimbra e Lisboa.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 60 940 – 18 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 1 553 – 3 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 22 245 – 1 500 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a lista oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA-PORTO-COIMBRA-BRAGA-SETUBAL

VIAGEM À RDA

Aproveitando os feriados de Junho
(dias 13 e 14)

Partida: 10 de Junho
Regresso: 16 de Junho

Visitando Berlim, Potsdam, Leipzig, Meissen, Dresden e o antigo campo de concentração de Sachsenhausen.
Preço: 15 900$00 (tudo incluído)

INSCREVA-SE JÁ na
Associação Portugal-RDA
Praça José Fontana, 17-4º
Tel. 539821/2 das 15H às 19.30H
Em colaboração com a Agência ABREU

abreu

N.º 7/79 ● Quinta-feira, 26 de Abril de 1979

MESA REDONDA

Contraponto de opiniões

NESTE SUPLEMENTO

A propriedade social e suas dificuldades

participam

Luís Cardoso
Carlos Romão
Fernando Farinha
José Carlos Albino
Henrique de Brito

No próximo dia 19 de Maio realiza-se em Lisboa o I Encontro de Cooperativas Operárias de Produção e Serviços e Empresas em Autogestão que irá fazer uma análise à situação do sector e preparar um caderno reivindicativo a ser apresentado ao Governo.

Os sectores cooperativos e autogestionário são hoje uma realidade importante em Portugal, especialmente protegidas na Constituição da República, e abrangendo muitos milhares de trabalhadores e algumas centenas de empresas.

A propósito da realização do Encontro participam hoje na Mesa Redonda diversos membros da respectiva comissão organizadora – Luís Cardoso (da Liga das Cooperativas de Transporte), Carlos Romão e Fernando Farinha (do Secretariado das Empresas em Autogestão) e José Carlos Albino e Henrique de Brito (da União das Cooperativas de Construção Civil).

As dificuldades das empresas, derivadas fundamentalmente da falta de apoio estatal, e o seu futuro, enquanto elementos importantes da vida económica portuguesa e formas exemplares de relacionação dos trabalhadores, são passadas em revista por pessoas directamente ligadas às cooperativas e empresas em autogestão, às dificuldades e aos êxitos do sector da propriedade social.

INDEFINIÇÃO DO GOVERNO IMPEDE APOIO ÀS COOPERATIVAS

«DL» – Esta mesa-redonda tem como pretexto a realização do Encontro Nacional das Cooperativas Operárias e de Produção Industrial e Empresas em Autogestão. Para já gostava que vocês, que são todos membros da comissão organizadora do encontro, explicassem quais os principais objectivos desse encontro.

Luís Cardoso – Este encontro tem dois objectivos centrais. Um será dar uma resposta eficaz aos órgãos do poder face às exigências formuladas pelas Cooperativas Operárias de Produção e de Serviços e Empresas em Autogestão. Exigências que têm sido feitas, mas que não têm sido atendidas até aqui pelos órgãos do poder.

Um outro objectivo é a mobilização das C.O.P.I.S. e E.A.G. para uma maior participação em jornadas deste tipo e noutras organizações ligadas com o sector.

A nível de realização deste encontro pretendemos, por um lado fazer o ponto da situação, bem como a análise do desenvolvimento das C.O.P.I.S. e E.A.G. depois do 25 de Abril. Por outro, fazer o balanço das actividades dos vários órgãos do poder face às C.O.P.I.S. e E.A.G. e sensibilizar os trabalhadores das C.O.P.I.S. e E.A.G. para o correcto funcionamento das suas unidades, focando alguns aspectos bastante importantes da sua vida interna, que se prendem com certas normas de funcionamento qualitativamente diferentes das normas de funcionamento de uma empresa privada.

E por outro lado queremos também fazer uma definição de objectivos das cooperativas e empresas em autogestão á luz da Constituição da República, e elaborar um caderno reivindicativo face aos órgãos do poder, que seja apresentado ao Governo e que leve em linha de conta as necessidades das Cooperativas e Empresas em Autogestão.

«DL» – Quais são os principais pontos do caderno reivindicativo?

José Carlos Albino – Eu, antes de entrar nesse ponto, queria dizer que este encontro pretende responder a uma necessidade e a um anseio que os trabalhadores em geral e, nomeadamente, os trabalhadores que estão envolvidos nas Cooperativas e nas Empresas em Autogestão sentem de estar unidos e organizados, de fazerem um trabalho comum. Este encontro poderá ser o momento de maior compreensão, de maior entreajuda e de definição de uma acção mais conjunta, já que as cooperativas sabem que isoladas, uma a uma, não poderão responder aos muitos entraves e boicotes que diariamente lhe são postos e aos muitos inimigos que as querem destruir.

Os pontos fundamentais que poderão constar dum caderno reivindicativo, prendem-se, por um lado, com aspectos de ordem legislativa, de leis, que venham defender e apoiar toda esta realidade em que estão envolvidas as Cooperativas e Empresas em Autogestão. Legislação que dê continuação ao que vem disposto na Constituição, e que não tem sido feito até agora. Mantemo-nos com uma legislação antiquada que não responde às novas realidades do cooperativismo e das empresas em autogestão pós-25 de Abril. Neste aspecto da legislação há questões concretas, como a isenção das cooperativas de todos as cargas fiscais, que pensamos que têm de ser consagradas na lei.

FINANCIAMENTO

Temos, por outro lado, questões relacionadas com o financiamento. As cooperativas são, por definição, empresas e unidades sem capital próprio. Só sobrevivem como tal, com linhas de apoio financeiro, linhas de crédito estudadas e em condições tais que permitam o harmonioso desenvolvimento das cooperativas. Estas não poderão estar sujeitas às cargas de juros que são altíssimos e afectam na generalidade todas as pequenas e médias empresas. No caso das cooperativas e empresas em autogestão as dificuldades são mais acentuadas no que se refere aos problemas dos capitais. Pois não é possível planear, ter uma acção planeada, uma acção virada para o futuro sem capacidade financeira.

Por outro lado, temos questões relacionadas com o apoio técnico. Muitas dessas unidades surgiram de acções de boicote, fugas de entidades patronais no pós-25 de Abril e ficaram muito descapitalizadas sem o mínimo de estruturas técnico-administrativas e, por isso, o Estado, cumprindo a Constituição, tem de apoiar a formação de técnicos e, mesmo, fornecer técnicos, ou apoio financeiro para haver técnicos à altura nas cooperativas.

Podemos ainda salientar outro aspecto que é os organismos de apoio que foram entretanto criados. No caso das cooperativas foi criado em 77 o Instituto António Sérgio do sector cooperativo (INSCOOP), por uma Lei aprovada por unanimidade na Assembleia da República. Esse organismo tinha como objectivo coordenar a administração pública e os organismos estatais para um apoio ao fomento do cooperativismo, e até hoje não tem cumprido cabalmente esse papel devido à insistência duma indefinição política por parte dos órgãos superiores, como seja o Governo. Os governos, nestes anos todos, não têm definido perspectivas de apoio e desenvolvimento às cooperativas e o organismo, que depende desses Governos, torna-se inoperacional e não ganha força face à administração para poder negociar e ser um interlocutor válido na administração pública.

«DL» – Como é que tem funcionado o INSCOOP?

J. C. A. – Podemos dizer é que o INSCOOP tem funcionado, desde 77 até hoje. Tem, nomeadamente, um conselho coordenador que é o órgão consultivo do conselho directivo (este nomeado pelo Governo), onde estão representadas as cooperativas, embora de forma não muito correcta.

Esse conselho coordenador não tem eficácia para um controlo e uma definição de perspectivas para o INSCOOP. O INSCOOP, embora com boas intenções e muitas vezes dando apoio a algumas propostas e reivindicações das cooperativas, como não tem capacidade de resposta, para dialogar com outros organismos e com ministérios, depara-se, na maior parte dos casos com uma resposta negativa, ou ausência de resposta, que no fim de contas leva à ausência de soluções para os problemas. Nós, resumindo e concluindo sobre o INSCOOP pensamos que o problema não está no INSCOOP em si, mas, no fim de contas, no governo e na própria ligação do governo-INSCOOP, que não dos dá perspectivas, não nos dá a linha de trabalho que só ele pode definir para um apoio às cooperativas.

A AUTOGESTÃO

Carlos Romão – Relativamente ao Instituto Nacional das Empresas em Autogestão o mínimo que se poderá dizer da sua não instalação tantos meses depois da sua criação por uma lei aprovada na Assembleia da República...

D.L. – Vocês não estavam de acordo com essa lei, pois não?

C.R. – Nós consideramos que essa lei não serve de facto o interesse dos trabalhadores das empresas em autogestão. No entanto considerámo-la sempre como um mal que seria preferível ao péssimo de não haver lei nenhuma em Portugal que definisse o estatuto das empresas em autogestão.

Ele não está ainda instalado, e nós consideramos que o mínimo que se poderá dizer é que é um escândalo o facto de o governo continuar a persistir naquilo que nos parece ser uma intenção, de facto, de, pelos menos, protelar o mais possível a criação desse instituto. Inclusivé, a lei que dava vida a esse instituto diz que no seu artigo 3.º que são atribuições do INEA dar e promover formas de apoio técnico, económico e financeiro às empresas em autogestão, sem prejuízo da competência conferida na lei, etc, etc. Nós pensamos que efectivamente só com a criação do INEA é que efectivamente se vão solucionar muitas situações gravíssimas que estão a ocorrer nas empresas em autogestão.

Sabe-se que vivemos num país em que os últimos governos tudo

MESA REDONDA

Sem financiamento não há desenvolvimento

têm feito para contrariar a autogestão. No mínimo poder-se-á dizer que a autogestão incomoda muita gente neste país e por isso não tem qualquer espécie de apoio, nem inclusive, e talvez o que seja mais grave, nem uma forma jurídica absolutamente definida para além daquilo que a lei diz. Naturalmente que sem comissões de gestão eleitas, sem sequer, em muitos casos, regulamentos eleitorais aprovados pelo governo é difícil funcionar. E há meses, pelo menos cerca de dois meses, aqueles foram apresentados nos ministérios da tutela. As comissões de gestão actualmente ainda a gerir essas empresas, e que foram eleitas pelos trabalhadores há bastante tempo, têm uma certa dificuldade, inclusive em termos jurídicos, porque não estando reconhecidas pelos ministérios têm problemas com a banca, com os tribunais, enfim surgem problemas de toda a ordem.

Nós pensamos que compete aos trabalhadores da autogestão fazerem força no sentido de obrigarem o governo a instalar o INEA. Está mais que visto que se o governo não for obrigado, não estará interessado, por modo próprio, em avançar com a sua instalação.

L.C. – Ainda relativamente à legislação geral existem neste momento dois projectos-lei na Assembleia da República, o 120/1 e o 583/1 sobre cooperativas. Esses projectos-leis, o 120/1 é do grupo parlamentar do Partido Socialista e o 583/1 é do grupo parlamentar do Partido Comunista, são dois projectos-leis complementares. Um aborda fundamentalmente questões relacionadas com a revogação da actual legislação contrária ao espírito constitucional. O outro aborda sobretudo problemas de âmbito mais geral, problemas que se relacionam duma maneira muito genérica com o funcionamento das cooperativas, com a definição de cooperativa, etc.

Depois temos o problema do código cooperativo, que está a ser elaborado no Instituto António Sérgio, com uma comissão coordenadora cooperativa, a qual tem uma actividade bastante reduzida ou praticamente nula neste momento por não ser apoiada pelo INSCOOP. Esse código cooperativo é fundamental, para que, se possa regulamentar um sem número de questões. Como sabe, as cooperativas ainda se regem pelas disposições do Código Comercial, tal como as sociedades anónimas, o que é extremamente incorrecto face à Constituição, que dá um papel relevante ao sector cooperativo, no campo económico e social.

ISENÇÃO DE IMPOSTOS

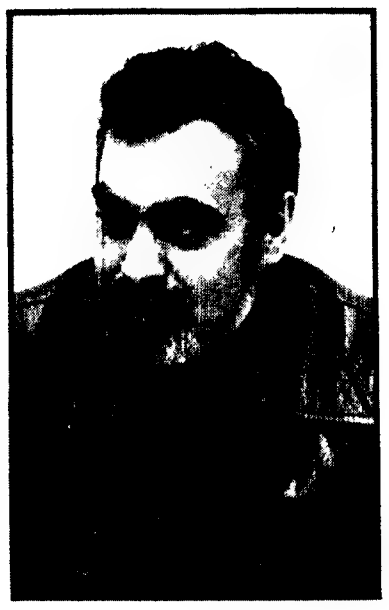
Por outro lado, temos problemas de ordem fiscal, problemas que se podem enquadrar a dois níveis fundamentais. Primeiro a questão do Fundo do Desemprego. Ainda hoje, os fiscais estão constantemente a assediar as cooperativas com o problema do Fundo de Desemprego, quando nem sequer é possível de acordo com a legislação do próprio Fundo que um trabalhador que saia duma cooperativa venha a beneficiar dele. Os benefícioa do Fundo de Desemprego são fundamentalmente dirigidos dos trabalhadores assalariados, enquanto que os trabalhadores das cooperativas não têm o estatuto de assalariados, são trabalhadores sem contrato de trabalho.

Por outro lado, não é correcto que as cooperativas que se criaram fundamentalmente para criar novos postos de trabalho, e para manter os postos de trabalho já existentes, nos casos de abandono das entidades patronais, descontem para um Fundo no qual não têm qualquer tipo de interesse imediato.

Um outro problema fiscal é a questão da contribuição industrial, da qual, segundo o que já está legislado, apenas algumas cooperativas estão isentas.

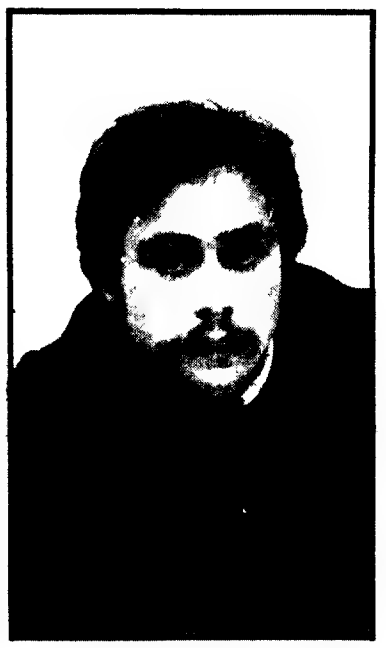
Pretende-se que essa isenção seja, pelo menos, extensiva a todas as cooperativas, porque segundo a Constituição, deverão haver isenções fiscais ao sector cooperativo como forma de o apoiar.

José Carlos Albino



Carlos Romão

Fernando Farinha



Luís Cardoso

Relativamente ainda aos problemas de crédito e financiamento, foi criada em 77, num despacho oriundo na altura do ministro do Estado o prof. Henrique de Barros uma comissão técnica para estudar o problema, e para elaborar planos financeiros e acompanhar a sua execução. Deveriam ter sido tomadas medidas para dar seguimento a esse despacho, mas só em Outubro de 78, quase um ano depois, é que aparece de facto uma linha de crédito específica para o sector cooperativo. No entanto, essa linha tem bastantes irregularidades. Quando falamos em irregularidades referimo-nos a de terminados aspectos que não estão muito correctos, como o investimento por posto de trabalho. Calculam-no na ordem, dependendo evidentemente de várias situações, de duzentos contos por posto de trabalho, se não estou em erro. O que é manifestamente baixo. Podemos focar alguns casos. As escolas de condução que se formam em cooperativas, e em que é necessário, por exemplo, comprar um carro para cada elemento da cooperativa – e um carro para uma escola de condução pode orçar em 500 ou 600 contos – não vai satisfazer essa necessidade com os tais 200 contos.

Por outro lado, o aumento dos juros chegou aos 81,6 por cento e isto reflectiu-se sobre as cooperativas que não têm capitais próprios, e estão descapitalizadas em muitos casos, criando uma situação perfeitamente inviável do ponto de vista de aparelhos produtivos.

D.L. – As cooperativas beneficiam de algum juro bonificado?

J.C.A. – O que acontece é o seguinte; até Outubro 78 não havia qualquer linha de crédito ou de financiamento especial para as COPIS, apesar de, noutros casos, como cooperativas de habitação, ou cooperativas agrícolas, existirem, de facto, linhas próprias. Mas para Cooperativas Operárias de Produção Industrial e Serviços não havia qualquer esquema próprio e bonificado. Ele foi criado em Outubro de 78 por um despacho do Secretário de Estado de População e Emprego com uma verba atribuída, para o ano 1978 de cerca de cem mil contos.

Ora é fácil de compreender o que significam 100 mil contos quando hoje temos cerca de 600 a 700 cooperativas neste ramo ... é uma gota de água, no oceano de financiamento que as cooperativas precisam.

Nós esperávamos que viéssemos a ter mais no ano seguinte e que estes cem mil contos fossem aproveitados rápida e eficazmente. O que tem acontecido é que apesar dos muitos projectos entregues e solicitando com participação financeira, até hoje nenhuma cooperativa conseguiu obter financiamento. Este facto tem trazido grandes problemas, e o problema do financiamento o problema de falta de meios financeiros e de crédito continua a pôr-se, o que obriga as cooperativas a continuarem a recorrer à banca, com juros elevadíssimos, e com os problemas grandes que isso acarreta.

O mais grave ainda é que, embora o Orçamento Geral do Estado felizmente tenha sido rejeitado, ele não contemplava qualquer verba que desse algum sentido ao despacho. O despacho, no fundamental, tem uma filosofia e uma proposta quanto a nós ajustada, correcta e pensamos que se houvesse meios, capacidade e vontade de o executar isso seria positivo. Mas sem dinheiro nada se conseguirá. Esperamos que no orçamento que por aprovado sejam contempladas as verbas para as cooperativas de forma a que esse despacho tenha algum seguimento.

C.R. – Eu agora queria completar essa visão sobre problemas do financiamento com a situação das empresas em autogestão. Ela, no aspecto económico, não é uma situação boa. Não é, porque é impossível que com todas as dificuldades que elas encontram os trabalhadores possam jogar com as mesmas armas com que jogam as empresas de capital privado. Por exemplo, só para ilustrar esta ideia, poderei dizer que não é a mesma coisa uma empresa em autogestão pedir crédito à banca, ou ser um empresário doutra empresa, a fazê-lo. Há um tratamento completamente diferente.

Outro aspecto é que as EAG, como já aqui foi focado, não têm qualquer situação beneficiada, relativamente ao capital privado, em termos de juros: não têm bonificações, não tem absolutamente nada e vê-se ainda assoberbada com uma situação que é extremamente difícil ou mesmo paradoxal. É que tem que neste momento liquidar dívidas que as entidades patronais deixaram, na altura em que abandonaram as empresas. Há empresas, por exemplo, que neste momento têm larguíssimos milhares de contos a pagar à banca por empréstimos que foram concedidos, há quatro anos, aos empresários da altura.

Por outro, há muitos sectores em que a autogestão tem dificuldades motivadas pelo facto de haver contra elas uma certa má vontade. É um facto que se generalizou em determinadas camadas, onde imperam naturalmente os capitalistas, a ideia de que as empresas em autogestão foram assaltadas, foram roubadas, e que os trabalhadores da autogestão são todos uns ladrões. Já o ouvimos dizer, na própria Assembleia da República, a alguém que devia ter a responsabilidade de não dizer uma coisa dessas, mas a verdade é que o disse ao pé de toda a gente. E naturalmente essa ideia faz com que a autogestão seja contrariada por quem poderia efectivamente fazer encomendas e ajudar as empresas em autogestão.

VIDA INTERNA

DL – Um dos pontos do encontro é sobre o funcionamento das empresas cooperativas e em autogestão, nomeadamente o aspecto de que as empresas cooperativas devam ter um funcionamento diferente das empresas privadas, contrapondo o sector da propriedade social ao sector privado. Em que termos é que isso se faz?

J.C.A. – Pois já agora, para ter uma linha de sequência melhor, ainda sobre o encontro diria que ele está a ser preparado pela comissão organizadora, que pretende trabalhar com o maior número de cooperativas e está aberto a todos os interessados – cooperativas de produção e serviços e empresas em autogestão –, para que participem da forma que acharem mais conveniente, pois o seu regulamento é um regulamento completamente aberto.

Nesse sentido a comissão organizadora irá elaborar alguns documentos-base que poderão servir de base de apoio, para a discussão, para a análise e para as definições das conclusões do encontro.

Agora, sobre essa questão da vida interna. Achamos que é um aspecto fundamental, quanto a nós. Não é só formar uma empresa em autogestão ou uma cooperativa. É preciso dar-lhe vida cooperativa, e dar-lhe vida autogestionária, se assim lhe poderemos chamar.

Eu queria dar alguns dados do que é a realidade cooperativa em Portugal. E por eles se poderá ver o muito de positivo e de importante que as cooperativas fizeram. Falando nas cooperativas (o caso das empresas em autogestão ainda será mais flagrante) operárias de serviços, em 25 de Abril havia 15 unidades. Não chegava a ser uma realidade, tão escasso era o número. Assistimos logo em 74, 75, 76, a uma grande expansão, são os anos de grande formação.

As cooperativas e as empresas em autogestão apareceram com uma resposta concreta, em que os trabalhadores asseguraram o seu posto de trabalho, asseguraram que as unidades de produção se mantivessem e outras fossem criadas, não permitindo que se chegasse a uma situação que traria graves inconvenientes e grandes dificuldades, ainda maiores, para os trabalhadores.

E agora, como que dando abertura para a resposta à pergunta, também criaram relações de trabalho mais justas e participadas.

EAG

Numa empresa privada, quem manda, quem pode, é o patrão, ou é o conselho de gerência, há formas mais sofisticadas para mandar sem os consultar e sem ouvir, e sem uma palavra decisiva da parte dos trabalhadores.

Nas cooperativas de produção e nas empresas em autogestão são os próprios trabalhadores que democraticamente controlam, dirigem e gerem as suas unidades produtivas. Aqui queria referir o seguinte: no ano de 75, duzentas cooperativas deste sector já estavam formadas e em 76 formam-se mais du-

zentas ou seja, no fim do ano de 76 tínhamos 400 cooperativas neste sector. Para as 15 de antes do 25 de Abril bem vemos a diferença.

E hoje são cerca de 600 ou 700 o que mostra que o período entre 75 e 76 é um ano de grande desenvolvimento. A partir daí, 77, 78, 79, abranda claramente o ritmo de formação, o que de certa forma se explica pois entramos então numa fase de maior consolidação das cooperativas já formadas. Mas o que acontece, para além disso, e que em 75/76 as cooperativas que se formaram não foram ilhas no seio do movimento dos trabalhadores. Foi de facto inseridos num processo mais geral que os trabalhadores desenvolveram no pós 25 de Abril, que essas unidades aparecem. Aparecem como resposta positiva dos trabalhadores às situações, que eles consideravam, e correctamente, que só através da sua capacidade e dos seus próprios esforços poderiam resolver avançando para a construção de um futuro melhor.

Podemos considerar também que nesta fase, embora não houvesse legislação formal de apoio, em muitos momentos por parte dos organismos estatais, nunca houve obstrução e houve mesmo um certo apoio.

A partir de 77 até aos nossos dias, começamos a ver, que, apesar de aprovada a Constituição, que é bastante favorável às cooperativas, quando tudo levava a crer que teríamos por parte dos organismos oficiais e dos governos um apoio maior, pois é a partir daí que os entraves aparecem mais, a falta de apoio começa a aparecer com maior frequência e isso acompanhado de uma maior restrição à capacidade e ao livre desenvolvimento da luta dos trabalhadores leva, inevitavelmente, a um decréscimo da formação das cooperativas.

20 MIL TRABALHADORES

«DL» – Quantos trabalhadores existem nas cooperativas?

JCA – Nós pretendemos no próprio encontro fazer um levantamento bastante mais profundo sobre todos os números, números de cooperativas, números de postos de trabalho, etc.

Podemos dizer no entanto que dentro das cooperativas, que são 600 a 700 unidades, teremos em números redondos, 20 a 30 mil trabalhadores.

Ainda sobre o fundo de desemprego, importa realçar que de facto chegou a estar elaborada uma proposta para isentar as cooperativas do Fundo de Desemprego, da responsabilidade do ministro de Estado Henrique de Barros na altura do 1.º Governo. Ela estava elaborada na Secretaria de Estado da População e Emprego mas, a partir do 1.º Governo já passaram quatro, e continuamos à espera. Fazemos diligências no INSCOOP, na Secretaria de Estado, na Assembleia da República, e continuamos sem ver essa questão resolvida.

Ainda ligado à questão fiscal, é de referir o caso da contribuição industrial. Não é que nós consideremos que por sermos melhores ou piores que os outros, não devemos pagar contribuição industrial. É que a contribuição industrial é sobre lucros, é um imposto sobre lucros, e as cooperativas não têm de facto objectivos lucrativos. As cooperativas, não têm lucro por uma razão simples: que os trabalhadores recebem segundo a sua produção. Se eles consideram necessário ter fundos de reserva é para permitir que a sua cooperativa esteja forte e possa reinvestir e possa ter planos para o futuro. Mas nunca existem lucros. É por isso que, de facto, não tem qualquer fundamento a exigência de pagamento de contribuição industrial.

Sobre a vida interna eu só queria dizer o seguinte: pensamos que muito já se fez no sentido dessas unidades funcionarem duma forma participada. Nas cooperativas e nas empresas em autogestão os trabalhadores têm em qualquer momento hipótese de dirigir e controlar as suas unidades, através dos seus órgãos, podem dizer a cada momento o que querem, discutir sobre todos os aspectos da actividade das unidades. Esse aspecto, digamos, é um aspecto consolidado, fundamental nas cooperativas. Mas pensamos que isto não chega. Pensamos que há que lubrificar melhor os sistemas de interligação entre os órgãos directivos, pois sem organização, sem direcção, nada é possível. E pensamos que há-de haver um esforço cada vez maior, caso que as relações de trabalho, nas relações de produção tenham um carácter mais justo, onde se ponha um pouco em causa todo o sistema a que os trabalhadores foram obrigados durante muitos anos nas empresas privadas.

LC – Ainda em referência ao encontro nacional, convém também frisar, que tem havido da parte do movimento sindical um claro apoio a toda esta iniciativa.

Um dos objectivos da comissão organizadora, foi de facto que o movimento sindical seguisse a par e passo, não fosse de maneira nenhuma, o motor, mas que seguisse a par e passo a iniciativa, porque achamos que, no essencial, as cooperativas devem continuar de certa maneira, ligadas, em termo de objectivos, ao próprio movimento sindical.

Por outro lado, relacionado com a questão de organização interna, há um problema que nos parece também bastante importante dentro do novo tipo de relações criadas.

É o problema dos assalariados numa cooperativa. Como é claro, o trabalho assalariado é um trabalho existente na base de relações de produção de tipo capitalista, relações de produção privada, é um trabalho inerente a essas condições de produção. É um trabalho que gera um determinado valor, uma mais valia, e essa mais valia é apropriada individualmente pela entidade patronal.

Numa cooperativa as relações são completamente diferentes e também o trabalho assalariado deve ser visto de uma outra maneira.

Henrique de Brito – Na nossa cooperativa e na maior parte das cooperativas de construção civil...

«DL» – Qual é a sua cooperativa?

H.B. – É a Uniurba. São os próprios estatutos aprovados na Assembleia Geral que impõem que nenhum candidato a sócio pode trabalhar mais que X tempo sem ser sócio. Não é uma imposição digamos, mas o próprio trabalhador tem possibilidade de ver dentro de um determinado tempo, como é trabalhar numa cooperativa. Porque em princípio o trabalhador não sabe qual a experiência que vai encontrar. Na generalidade eles aceitam de boa vontade, vêem que há vantagens em trabalhar na cooperativa em relação à entidade privada em que têm trabalhado.

Em princípio têm dificuldade, pois os trabalhadores nunca foram chamados a gerir o seu próprio trabalho. No entanto neste momento, devido já às estruturas que há de organização das cooperativas, todos estes problemas têm sido ultrapassados, e neste momento a coisa já anda.

Ali aquele camarada falou do apoio do movimento sindical que tem sido de primordial importância. Em determinada altura eram os próprios sindicatos que, face aos conflitos de trabalho em certas empresas, despedimentos colectivos ou mesmo individuais – sugeriram mesmo aos trabalhadores quais as formas para eles fazerem face a essa situação em que estavam. Indicavam mesmo as formas de se organizarem em cooperativas, e remetiam-nos também neste caso, para a Uniurba. Recebemos lá vários grupos de desempregados por indicação do sindicato. Também é necessário que os sindicatos tenham comissões para tratarem questões sobre cooperativas porque nalguns casos ainda se dá um género de conflitos entre sócios produtores, que saem da cooperativa e entram em conflito com a cooperativa e o sindicato, por falta de esclarecimento, ou por não ter informação que o conflito é com uma cooperativa, julgam que são conflitos entre trabalhador entidade patronal e tal não acontece.

AS ORIGENS

«DL» – Em relação às cooperativas, tenho um bocado ideia que a maioria delas foram criadas depois das empresas terem sido sabotadas pelos patrões, ou abandonadas. Isto corresponde à realidade ou não?

J.C.A. – Há dois grandes blocos de razões e de formas como as cooperativas apareceram. Um é o caso de empresas que os patrões abandonavam ou sabotavam as unidades, e os trabalhadores tomavam conta delas. Na altura, como já referi, com apoio do movimento sindical, com apoio doutras organizações, com apoio, na fase 74/75, do próprio Ministério do Trabalho, tomavam conta das empresas para garantir os seus postos de trabalho. Viviam, vamos lá, numa fase inicial num regime de autogestão, e criavam no seio da antiga unidade produtiva patronal uma nova unidade que era a cooperativa.

Muitas vezes têm adquirido através do seu trabalho as próprias unidades, não querem de maneira nenhuma ter uma situação que se pode chamar de roubo. Nunca foi essa a perspectiva. O que acontece de facto é que quem sabotou, quem não quis responder aos anseios dos trabalhadores, não tem de facto direito às unidades. Isto é um tipo de formação de cooperativas, principalmente unidades fabris.

Outro caso é o de núcleos de desempregados, muitas vezes provindos todos de uma mesma empresa, que perfeitamente à parte das antigas entidades patronais formam a sua cooperativa. Começando muitas vezes do zero, sem qualquer capital, sem qualquer maquinaria, sem qualquer instrumento de produção, progressivamente a foram criando. Este e o caso de 90 por cento ou mais de firmas de construção civil onde isso aconteceu. Podemos dizer que neste momento só cooperativas de construção civil são cerca de 150. Neste caso os trabalhadores formam a sua cooperativa, muitas vezes a partir de instrumentos rudimentares e hoje podemos dizer que todas elas já têm o equipamento mínimo, que compraram à sua custa, têm uma organização na produção já razoável e a luta é para melhorar todos estes aspectos.

H. B. – Queria chamar aqui a atenção de uma nova modalidade de formação de cooperativas que tem surgido recentemente. Isto é um alerta para alguns trabalhadores que podem cair nesse engodo. É a formação de coperativas a partir de diversos sectores de empresas.

Ultimamente têm surgido cooperativas em empresas que têm vários ramos de actividade e por vezes é a própria entidade patronal a dinamizar a formação de cooperativas. Os trabalhadores, dez, vinte ou trinta que pertencem por exemplo a um ramo de pintura, formam uma cooperativa de pintura, a empresa faz-lhes contrato de trabalho por um certo tempo. Depois de os trabalhadores estarem organizados em cooperativas, esse sistema pode funcionar durante algum tempo e, em qualquer altura, a entidade patronal pode suspender as ecomendas. E deste modo temos é um tipo de despedimento colectivo em que a entidade patronal fica sem responsabilidade alguma.

Isto está a acontecer com frequência nalgumas empresas. Em algumas já existem três ou quatro cooperativas de vários ramos de actividade. Ora é bom que os trabalhadores não caiam nesse engodo. É uma forma de exploração diferente, em que o trabalhador, em vez de ser explorado individualmente, é explorado no colectivo, sob uma capa de cooperativa.

J. C. A. – Sobre esta questão, que talvez para os outros camaradas fosse desconhecida, e que é uma realidade, é preciso que se veja que há formas de os trabalhadores darem a volta ao texto. Ou seja, e temos casos desses na nossa união, os trabalhadores, embora formando as cooperativas, tomam consciência dos perigos que correm e criam as condições para começarem a ter uma vida independente da antiga empresa.

De maneira a que, de facto, se se concretizar uma situação de sabotagem, de ruptura, por parte da antiga empresa, eles tenham já o caminho aberto para uma produção e uma actividade exterior e independente da antiga empresa.

Para isso é necessário que não fiquem isolados. Pois as cooperativas isoladas, estão condenadas. Isto é uma questão fundamental, e é para issso que o encontro também se faz, para as unir cada vez mais. O meio que as envolve, podemos dizer que as quer sempre engolir e a usar um grão de areia é muito mais fácil de engolir do que uma rocha já bastante grande.

L. C. – Duas questões também que me parecem importantes, para além daqueles dois tipos de cooperativas de que já se falaram aqui, as cooperativas formadas a partir de núcleos de empregados – e isso verifica-se sobretudo no sector da construção civil, em que de facto os investimentos em capital fixo são relativamente baixos, o que dá hipóteses de avançar para essa formação – e das cooperativas formadas a partir de empresas em autogestão, é um outro tipo de cooperativas onde há problemas concretos, regularizações patrimoniais, etc., os amigos da autogestão conhecem até melhor do que eu a situação.

Mas temos, também, dois outros tipos de cooperativas que não estão muito divulgados mas que se constituíram e até com alguma força. São as cooperativas em que os trabalhadores embora estejam empregados em entidades patronais, sem qualquer situação de desemprego, optaram claramente pela formação de uma cooperativa, abandonaram a entidade patronal, o que aconteceu sobretudo no caso das cooperativas de transportes, nomeadamente nas cooperativas de táxis e de ensino de condução automóvel.

E também há que frisar aqui um outro tipo de cooperativas: são

2º ENCONTRO NACIONAL
das Cooperativas Operárias de Produção Industrial e Serviços e Empresas em Autogestão

MESA REDONDA

Relações de trabalho mais justas e mais participadas

aquelas onde as próprias entidades patronais por razões que talvez não se prendam com oportunismo, mas por uma opção de classe definida em determinada altura do próprio processo revolucionário acompanharam o processo de formação de cooperativas...

C.R. – Gostaria de acrescentar a isso que mesmo dentro da autogestão, acontece pelo menos num caso de que nós temos conhecimento, esta situação anómala, em que numa empresa pequenissima os patrões estão em autogestão, ao lado dos trabalhadores.

D.L. – E isso funciona?

C.R. – O facto é que eles se entendem bem. Pessoalmente já tive oportunidade de falar com um dos patrões e efectivamente eles estão encantados porque parece que agora a empresa está a singrar. Porque o facto é que ele verificou, em determinada altura que não tinham qualquer viabilidade económico-financeira. E então, naturalmente, não viram a possibilidade ou entenderam que era preferível não formar uma cooperativa e deixaram andar, entretanto, o tempo. Até, naturalmente, formarem essa cooperativa.

Entretanto entraram em autogestão com os patrões a trabalhar ao lado de toda a gente, todos em igualdade de circunstâncias.

D.L. – A evolução prevista das empresas em autogestão é transformarem-se todas em cooperativas?

C.R. – Naturalmente, isso é um assunto que se irá resolver, agora que terminou o prazo de reivindicação das empresas e que muitas delas não form reivindicadas.

D.L. – O prazo terminou quando?

C.R. – No dia 19 de Fevereiro. Muitas não foram reivindicadas. Segundo julgamos saber, a maioria esmagadora das empresas em autogestão não foi reivindicada. Portanto, agora tudo dependerá dos trabalhadores dessas empresas e, por outro lado, do tal Instituto Nacional das Empresas em Autogestão, que irá definir com o colectivo dos trabalhadores o que se irá fazer, a escolha do futuro para essas empresas.

Aliás, já agora aproveito apenas para chamar a atenção de que está criado um tal MNEU, que é o Movimento Nacional dos Empresários Usurpados, que nós não entendemos bem o que pretende. Porque, uma vez que há uma lei em vigor, eles poderiam ter reivindicado judicialmente a posse da propriedade e não o fizeram. Agora vêm juntar-se no movimento chamando-se «usurpados», depois de admitir que não tinham razão, que não tinham hipótese de ganhar as causas em tribunal. Dá-nos a impressão de que estão apenas e unicamente a aproveitar-se de pressões políticas sabendo que este Governo eventualmente os poderá favorecer...

Fernando Farinha – Uma das coisas a que eles se agarram mais é a considerar que a lei é inconstitucional. Estão à espera que ela seja anulada para que lhe sejam devolvidos os bens, já que eles consideram-se usurpados e espoliados. São os termos que eles utilizam.

D.L. – Qual é o volume de emprego nas empresas em autogestão?

C.R. – Nós calculamos em cerca de 10 mil trabalhadores e pouco mais de duzentas empresas neste momento.

FORMAÇÃO

D.L. – Que tipo de apoio têm tido as cooperativas para a formação dos seus quadros e que importância têm concedido a este tema?

J.C.A. – Nós no seio das cooperativas temos consciência da grande importância que a formação tem para as cooperativas e para os trabalhadores envolvidos. Formação profissional, formação básica pois infelizmente pouco se tem feito. Os grandes problemas ainda são o analfabetismo e a falta de uma informação cooperativa. Porque a memória que havia em Portugal, antes do 25 de Abril, de cooperativas operárias de produção era muito pequena.

Não havia uma experiência acumulada nem uma divulgação do espírito cooperativo. É de salientar que as cooperativas de produção são uma realidade, com características muito diferentes das outras cooperativas, porque são aquelas onde a transformação das relações vai ao cerne, do sistema económico, isto é à produção.

A formação por isso mesmo é fundamental. Muitas cooperativas em conjunto, através de órgãos coordenadores, têm tentado suprir essa carência mas queria aqui chamar a atenção para o seguinte: o INSCOOP, tem-se destacado como um instituto que tem desenvolvido muitas acções de formação. Nós congratulamo-nos com isso. É uma das obrigações que estão nos seus estatutos, segundo a lei que o criou. Mas pensamos que essa formação só tem sentido em articulação com as cooperativas. Isso não tem acontecido. Podemos dar dois exemplos. Um curso de técnicos de desenvolvimento colectivo que foi uma iniciativa importante, já que depois os técnicos iriam para as cooperativas estagiar. Ora toda a programação da fábrica, de trabalho no seio das cooperativas e com as cooperativas, foi feito à margem das próprias cooperativas.

Outro exemplo, é o curso de altos estudos cooperativos, lançado pelo núcleo de altos estudos, do INSCOOP que trouxe cá muitas personalidades do cooperativismo a nível mundial. Simplesmente o que aconteceu é que ele foi organizado para afastar de facto a participação daqueles que mais estariam interessados. Foi organizado intensivamente, durante um mês e meio, durante as horas de trabalho, quando todos os cooperantes, que estivessem em unidades de base ou em órgãos coordenadores, não poderiam comparecer.

D.L. – Poderá sair alguma directiva do encontro nacional no sentido de se criarem órgãos nacionais das cooperativas encarregados de tarefas de planeamento e coordenações?

J.C.A. – Não. Enfim, nós não queremos antecipar-nos ao que o encontro disser, mas não é nesse sentido que apontamos. Pensamos de facto ser essa uma tarefa que as cooperativas têm que tomar em mãos. Mas este encontro tem fundamentalmente como objectivo mobilizar, discutir conjuntamente, analisar os problemas e apresentar as propostas e reivindicações comuns das cooperativas e empresas em autogestão aos órgãos de poder.

Outras iniciativas poderão posteriormente ser tomadas. Pois este encontro não pretende ser um momento de chegada, mas sem um ponto de partida que dê força e capacidade para outras iniciativas.

Acho que será unânime no seio da comissão organizadora, e mesmo quase que me atreveria a dizer no seio das cooperativas, que o seu objectivo é estarem organizadas da forma mais correcta. Simplesmente pensamos que essa questão, como foi referido, ser muito importante, deve ser muito bem analisada, bem equacionada e ter o seu momento próprio para ser decidido e encontrar as suas vias, que podem ser diferentes de região para região, de sector para sector, de ramo para ramo.

As formas não deverão ser precisamente todas iguais porque a organização terá de responder aos problemas concretos, e não a questões abstractas.

SATISFAZER AS NECESSIDADES

«DL» – Gostava, agora, que fizessem um balanço dos principais êxitos do movimento cooperativo.

J.C.A. – Penso que os êxitos estão nos números, em alguns dos números que nós aqui já adiantámos. Ou seja de 15 cooperativas e zero empresas em autogestão a 25 de Abril, hoje existem, entre cooperativas e empresas em autogestão, cerca de 1000 unidades, envolvendo mais de 30 mil trabalhadores.

Não temos tido só uma preocupação de manter os postos de trabalho mas mesmo em termos do serviço que prestamos, seja com uma cooperativa de táxis, seja com uma cooperativa de construção civil, seja uma empresa em autogestão metalúrgica, nós pretendemos principalmente responder acs anseios dos trabalhadores.

Ou seja, a nossa produção não tem sido feita com objectivos de lucro mas sim para a satisfação de necessidades. Não quero aqui salientar um sector, mas só um exemplo, da construção civil: as cooperativas podiam ter optado por construir o que quer que fosse, mas não, elas têm tido uma opção clara de construção de habitação económica e de habitação tipicamente social.

Sabemos que há outros tipos de habitação, de construção, que poderiam ser mais rentáveis com maiores valores de especulação. Mas não é esse o nosso interesse, especular ou ter grandes lucros.

O que se pretende é que os trabalhadores produzam, de forma autónoma, de forma participada e para servir de facto os interesses dos trabalhadores. Penso que já serão muitos os trabalhadores, a população em geral, que têm uma casa que foi construída por uma cooperativa, que adquire um produto produzido em cooperativa, que anda num transporte de cooperativas.

Podia-se salientar aqui também o aspecto inovador da Autocoop em Lisboa, que foi a primeira que teve serviço radiotelefónico, fundamentalmente para servir melhor os interesses do público.

No caso da construção civil, construimos muito para o projecto SAAL, com os trabalhadores das próprias zonas que até hoje viviam em barracas. Temos também construído creches, infantários, escolas, etc.

Isto demonstra uma opção declarada do ponto de vista de produção. E se mais não tem sido feito é porque não existe planeamento neste País. Muitos esforços têm sido feitos pelas cooperativas para se integrarem nos planos, com definição dos objectivos de satisfação das necessidades.

Podíamos dar aqui exemplos de cooperativas que se formaram a partir de unidades perfeitamente degradadas que hoje são unidades fortíssimas do ponto de vista económico, do ponto de vista social. Podíamos dar dezenas de exemplos em que trabalhadores sem nada, sem absolutamnte nada, construíram unidades que estão hoje consolidadas. Trabalhadores que aprenderam a viver por sua conta, sem depender duma entidade. Isso é que penso eu que foi uma grande conquista que funcionou também como exemplo para os trabalhadores, que hoje vivem fundamentalmente para empresas privadas, que trabalham em empresas privadas.

«DL» – **Que perspectivas se vêem para o futuro do movimento cooperativo, para o futuro das empresas em autogestão, para além do que aqui já foi dito?**

J.C.A. – Aqui temos que ver a questão enquadrada em duas perspectivas: nós estamos, a nível das cooperativas, conscientes de poder avançar e esta realidade que foi construída no pós-25 de Abril, não poderá ser destruída completamente.

Pensamos que as forças que se ganharam, quer internamente quer externamente não permitirão que esta realidade seja destruída. Nestes próximos anos, as unidades vão consolidar-se e vão desenvolver-se.

Mas, por outro lado, e é por isso também que este encontro se vai realizar, pensamos que isso também depende muito dos organismos oficiais, dos órgãos de poder, dos governos.

É nesse sentido que iremos reforçar a nossa linha de combate, a nossa linha de propostas, a nossa linha de comunicação, para mostrar a nossa razão e que estamos cada vez mais confiantes de que esta causa não será só tomada nas mãos das cooperativas, mas também dos trabalhadores em geral, através dos seus sindicatos, das suas organizações. Porque eles compreendem que o reforçar e o manter esta realidade das cooperativas e empresas em autogestão será certamente uma forma de os seus problemas também virem a ser resolvidos, será um exemplo para o trabalho futuro.

H.B. – Em minha opinião concordo com o que o Albino disse. O movimento cooperativo irá ser cada vez mais forte e reforçado. Até porque a política dos governos que se avizinha, pelo menos para aí tendem, será mesmo de aumentar o desemprego e quando o desemprego aumenta também a formação de cooperativas aumenta. Tem-se verificado essa constante.

C.R. – As perspectivas para as empresas em autogestão é a de que nos próximos meses vai definir-se o destino de muitas delas.

Isto é, se o Governo decide executar a lei estamos convencidos de que muitas empresas hoje em dificuldade vão melhorar e prosseguir. Se o Governo, como parece pretender, continuar a não dar cumprimento às leis e a desrespeitar a intenção dos representantes do povo na Assembleia da República, naturalmente muitas empresas cercadas por todos os lados, vão efectivamente terminar.

J.C.A. – Num caso e noutro, os governos e os órgãos de poder têm de ter consciência de que não apoiando as cooperativas e as empresas em autogestão, estão de facto a criar desemprego e a criar maiores dificuldades, ao contrário do que vêm apregoando nos últimos tempos, de que pretendem mais emprego, mais produtividade, mais produção nacional.

Se assim é apoiem as cooperativas e as empresas em autogestão.

É possível que com esse apoio o desemprego não só não aumente mas ainda diminua, e a produção e o bem-estar dos trabalhadores seja cada vez maior.

(Mesa redonda conduzida por JOSÉ VILAÇA)

ANO 20.º DOMINGO, 21 DE JULHO DE 1940 N.º 6544

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0278

A' espera do ataque alemão

Tomaram-se novas providencias

para reforçar a defesa da Inglaterra

Aspecto flagrante do lançamento de paraquedistas de bordo dum avião germanico

LONDRES, 21.—Eis algumas das medidas adoptadas para tornar mais forte e eficaz a preparação militar e industrial da Inglaterra, perante a ameaça alemã: em muitos distritos da costa foi alargada a zona de defesa vedada ao transito de excursionistas e outras pessoas estranhas; transferencia de todas as requisições de aluminio para o Ministerio da Aviação; proibição de compra de quaisquer novos veiculos automoveis sem uma licença especial do Ministerio dos Transportes; concessão de poderes especiais ao Ministerio do Trabalho para a requisição de medicos em casos de utilidade publica.

Os ministros cujos serviços estão em mais estreita ligação com os trabalhos de defesa dormem nos respectivos ministerios.—(E. T.).

A AVIAÇÃO ALEMÃ

continua a bombardear a Inglaterra

LONDRES, 21—O ministerio do Ar comunica que a aviação inimiga bombardeou na noite passada varias regiões da Inglaterra e do pais de Gales, causando estragos em edificios e propriedades numa cidade do noroeste da Inglaterra, bem como num dos distritos do sudoeste, onde ha a lamentar algumas vitimas.

Informações mais pormenorizadas sôbre os «raids» diurnos inimigos de ontem dizem que a aviação britanica perdeu dois aviões de combate, tendo destruido 12 aparelhos inimigos.

Nos «raids» levados a cabo na noite de sexta-feira para sabado sôbre a Alemanha, os aparelhos da R. A. F. danificaram fabricas de aviões nas regiões do noroeste daquele pais, em vias de resguardo nas estações de Essen e Oldenburgo, tendo cortado a via principal entre Recklinghausen e Lunen.—(Exchange Telegraph).

As vitimas dos ataques aereos

LONDRES, 21—O Ministerio do Interior publicou a primeira lista oficial das vitimas causadas pelos ataques aereos alemães á Inglaterra, referente ao mês que vai de 18 de junho a 18 de julho.

Durante este mês que foi aquele em que os alemães realizaram «raids», em grande escala, contra a Inglaterra, morreram 336 civis e ficaram seriamente feridas 476 pessoas.

Os números acima descritos são fornecidos segundo a nova politica adoptada pelo Ministerio do Interior, que resolveu que o numero de vitimas causadas pelos ataques aereos do inimigo, seja sempre fornecido mensalmente.—(United Press).

A aviação inglesa

atacou Wilhelmshaven mas foi repelida, segundo dizem os alemães

BERLIM, 21.—Comunicado do Supremo Comando do Exercito Alemão: «No dia 20 de julho e durante a noite de 20 para 21, aviões de bombardeamento alemães atacaram os campos de aviação, instalações de portos e depositos de essencia da Inglaterra central e meridonal, assim como fabricas dos arredores de Newcastle. As bombas provocaram incendios e explosões.

Durante ataques contra «comboios», foram seriamente avariados um cruzador e dois contratorpedeiros inimigos. Nessa ocasião, os nossos «caças» abateram, em combates aereos, sobre a Mancha, oito aparelhos inimigos. Foi derrubado outro avião inglês perto de Rotterdão.

A noite passada, os aviões britanicos voltaram a lançar bombas sobre a Alemanha setentrional e ocidental, bem como sobre a Holanda. Os estragos materiais são de pequena importancia. Muitos projecteis cairam numa vila da Alemanha do Norte, matando sete civis. Durante estes ataques nocturnos, foram abatidos nove aeroplanos inimigos, sete dos quais pela D. C. A. e dois pelos «caças».

Aviões inimigos tentaram levar a efeito um ataque contra Wilhelmshaven mas, devido á violenta actividade da defesa anti-aerea, foram obrigados a voltar para trás, antes de terem atingido o seu fim. Foram derrubados quatro desses aparelhos pela D. C. A. da Marinha de Guerra.

As perdas totais do inimigo elevaram-se ontem a 22 aviões. Faltam cinco aparelhas alemães.—(D. N. B.).

A posição de Portugal

reconhecida e elogiada nos Estados Unidos

WASHINGTON, 21. — Os Departamentos do Comercio e da Economia publicaram uma interessante estatistica em que reconhecem a Portugal a maior importancia por ser um centro neutral de comunicações na Europa e um grande centro internacional para o trafego aereo.

Os mesmos Departamentos acrescentam que Portugal disfruta hoje de uma situação privilegiada, mercê não só da sua magnifica posição geografica na Europa como tambem da firme posição internacional que conseguiu alcançar devido á grande obra de reconstrução economica que levou a cabo com os seus proprios recursos.—(United Press)

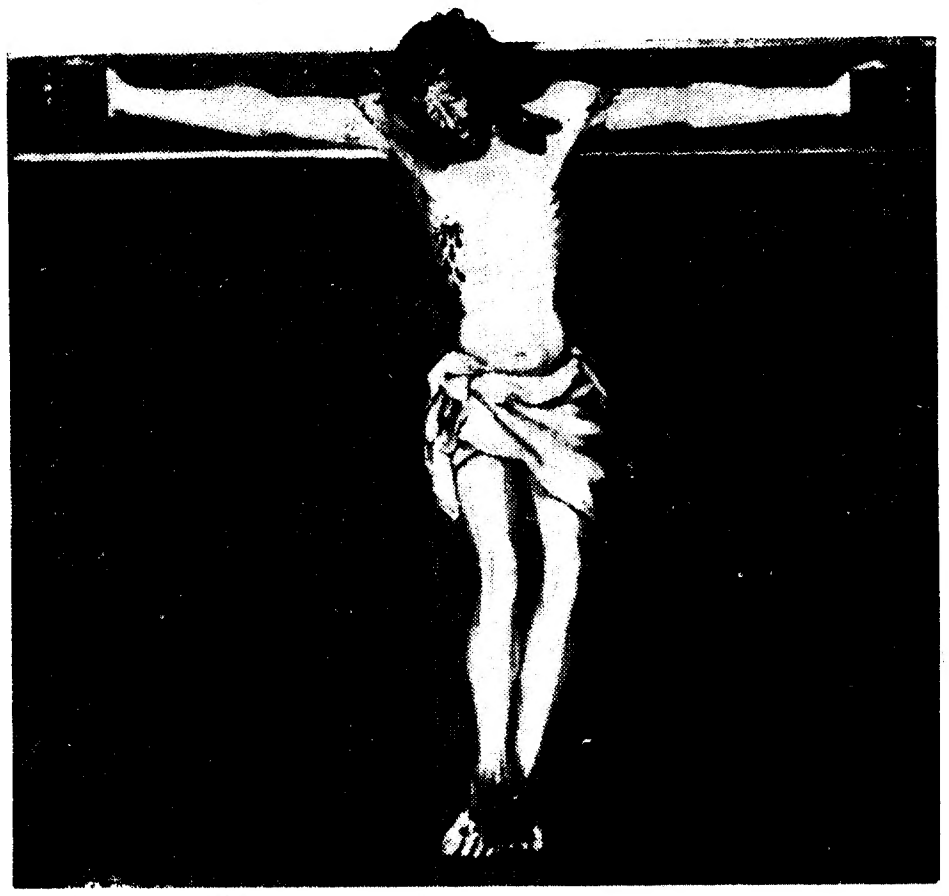
Os ingleses preparam-se para uma possivel invasão de paraquedistas, utilizando armas especiais que empregam contra pombos — emquanto os paraquedistas não chegam

PATRIMONIO NACIONAL

O Estado adquiriu

um Cristo de oiro atribuido a Gil Vicente

e uma tela do mestre flamengo Mabuse



O [illegible] oiro que fazia parte da famosa Cruz do convento de Tomar

A direcção do Museu de Arte Antiga, enriqueceu o patrimonio nacional com duas admiraveis aquisições. A primeira é uma tábua do mestre flamengo Mabuse, na pose dum particular, que ha muito a pretendia vender ao Estado; a outra é um precioso Cristo de oiro esmaltado, que fazia parte da famosa Cruz do convento de Tomar, e que pertencia a uma respeitavel familia daquela cidade.

Cada uma destas peças tem a sua historia—longa e pitoresca. A tela de Mabuse foi comprada por cinquenta contos, embora o seu valor seja o triplo daquela quantia. Trata-se duma Virgem com o menino, pintada em tons sombrios, duma intensa expressão lirica. Mabuse, terra flamenga, onde viveu mestre Gossart que, como muitos outros, é conhecido na historia da arte pela localidade, onde habitou durante largos anos, é dos maiores pintores do seculo XVI. A-pesar disso não estava ainda representado na nossa pinacoteca nacional. A tábua é relativamente, pequena, medindo cêrca dum metro de altura, estando muito bem conservada.

O semblante da Virgem é duma grande emoção mistica e as roupagens bem tratadas em tons de terra siena. O anjo, gracioso, reboludo, acusa bem, nas formas, o estilo planturoso dos flamengos, sempre solicitados pela realidade da vida. O seu possuidor comprou-a, ha anos, a um ferro-velho, por um preço, que se pode classificar de insignificante. O homem não sabia que levava uma das obras mais expressivas de Mabuse. Aquilo para ele não passava duma pintura de santeiro.

O particular, porém, bom conhecedor, verificou logo que estava na presença duma maravilha, e a operação fez-se por algumas dezenas de escudos. Da tábua foram mais tarde enviadas fotografias para os museus da Flandres, que reconheceram nela, uma das melhores produções de mestre Gossart. Supômos mesmo que está assinada.

O Cristo de oiro foi adquirido por vinte e cinco contos, muito embora o seu possuidor pedisse o dôbro. Sobre ele, ha numerosos elementos de estudo, sobretudo, um pequeno livro, deveras elucidativo do sr. Garcez Teixeira. Pertencia, como dissemos, á Cruz manuelina do convento de Tomar, obra preciosa da nossa renascença, avaliada na epoca em 24 mil cruzados.

Dessa cruz conhecem-se hoje, apenas, um relicario de oiro, que D. aMnuel, o Venturoso, usava, constantemente, que se encontra no tesouro da Sé, e este Cristo, de extraordinario valor artistico, que alguns atribuem ao cinzel de Gil Vicente, o mestre dos autos e lavrante da custodia de Belem, e outros a um artista alemão, da escola de Augsburgo. A imagem, duma perfeição maravilhosa, mede 89 mm. de alto por 90 mm. a toda a largura dos braços, pesando 45 gramas e 21 decigramas. O seu oiro esmaltado a branco deve provir das famosas «quiloas» da India, isto é, o primeiro que chegou a Portugal. A expressão do Nazareno é prodigiosa de patetico. A dôr e a agonia estão profundamente vincadas na face, com uma minucia que o dão como vivo, sofrendo ainda. No tronco, sem externo, ao estilo gotico, com as costelas descarnadas, o sangue corre, em gôtas de fino esmalte purpurino. O cabelo é esmaltado a sepia e a corôa de espinhos, a verde. A anatomia é perfeita, especialmente os ossos dos braços, estando as mãos, onde o cinzel foi ainda mais caprichoso, cravados numa cruz de prata dourada a que a imagem, posteriormente, foi cingida com brilhantes lapidados em octaedro.

Supõe-se que o crucifixo a que pertencia foi desmantelado nos principios do seculo XIX. Era riquissimo, além do seu valor artistico. Tinha oitenta e seis perolas, rubis e diamantes, bem como seis apostolos, em volta, de oiro esmaltado, segundo rezam antigos descritivos.

Ficou o lindo Cristo, que o Estado agora adquiriu, em verba especial, bem com a tábua de Mabuse, graças á intervenção do sr. dr. Oliveira Salazar, a quem a nação fica devendo mais este notavel gesto em prol do patrimonio nacional.

Sobre esta ultima peça publicou o *Diario de Lisboa*, em 3 de novembro de 1939, um artigo sugerindo a sua aquisição por um dos nossos museus.

EMBAIXADA DO BRASIL

O embaixador do Brasil em missão especial, sr. general Francisco José Pinto, e sua esposa, dão hoje recepção na Embaixada do Brasil, pelas 22 horas—recepção a que devem assistir o sr. Presidente da Republica, ministros, dignitarios, eclesiasticos, representantes do Exercito, Marinha e Aviação.

Três entrevistas

Hitler e Franco encontraram-se no dia 23 de outubro, numa estação fronteiriça da zona francesa ocupada, onde tiveram uma entrevista em que se tratou, segundo os comunicados oficiais, da solidariedade da Espanha com as potencias do «eixo

O chanceler do Reich teve, no dia seguinte, uma entrevista demorada com o marechal Pétain, que foi ao seu encontro a uma estação de caminho de ferro da zona ocupada, e os dois trataram, na presença de Laval e de von Ribentropp, duma possivel colaboração franco-alemã, cujos pormenores serão com[illegible]

O Fuehrer dirigiu-se depois a Florença, onde chegou no dia 28, a-fim-de conferenciar com Mussolini. A' entrevista assistiram von Ribbentrop e o conde Ciano. O comunicado oficial limitou-se a registar o facto como uma nova afirmação do bom entendimento que reina entre as duas potencias do «eixo»

UM CASO DE FECUNDIDADE

Uma mulher de 39 anos

já deu á luz 15 filhos

dos quais três pares de gemeos

e teve esta madrugada mais tres

A parturiente com os seus três filhos

Cêrca da 1 hora da madrugada de hoje deu entrada na Maternidade Dr. Magalhães Coutinho, em S. Lazaro, uma mulher em transe de parturiente, e que para ali foi conduzida num carro da Cruz Vermelha, de urgencia, acompanhada apenas por uma vizinha, condoída da sua sorte.

Gravida de sete meses, a pobre mulher, mercê de um susto recebido no tugurio onde habita, sentiu apressar-se a hora em que Nossa Senhora do Parto vela pelas heroinas da maternidade.

E Suzete Julia dos Santos Alves é, de facto, uma heroina. Tem 39 anos e casou aos 21. E' um tipo de mulher que acusa ainda uma certa gracilidade antiga — o que bem se lhe distingue nos olhos, que vimos ainda cheios de lagrimas — estafadinha de dar á luz.

Em 1923 teve o primeiro parto, em 1925 outro, em 1927 um par de raparigas, em 1929 outro par, desta vez rapazes, depois um abôrto natural, logo, em 1930, um outro parto que lhe deu um rapaz, a seguir dois abôrtos, tambem expontaneos, e em 1937 outro par de gemeos.

Bonito «récord», do qual restam três meninas e um rapazinho, pois algumas das crianças não sobreviveram muito.

A Maternidade do Dr. Magalhães Coutinho, dirigida pelo professor dr. Costa Sacadura, pertence ao numero dos estabelecimentos hospitalares chamados «populares», com uma clientela enorme, o que não impede que gradualmente se tenha tornado uma casa de assistencia, quasi modelar no seu genero, assistida com carinho, que chega a ser dedicação evangelica, pelo director, medicos, internos, enfermeiras.

Paira ali uma especie de sentido mistico e fraterno da pobreza de S. Francisco de Assis, defendida no possivel pela boa vontade da direcção dos Hospitais Civis, dos quais depende.

«Mãi Suzete» foi logo internada.

Pouco depois das 2 horas estavam á sua roda a parteira titular D. Ester de Oliveira, que, com a sua colega D. Nazaré Matos Dias pertence ao estado maior da Maternidade, e os quintanistas estagiarios, drs. Mario Marques da Gama, Francisco dos Santos Pereira, Luiz Bivar Weinholtz, Manuel Joaquim de Oliveira e Raul Baeta Henriques.

O «caso» não era vulgar. Parteira, estagiarios, enfermeiras trabalharam até ás 4 horas.

E antes do dealbar vieram á luz, que ainda não era do sol, duas raparigas e um rapaz. De uma assentada!

Em qualquer Maternidade, mesmo das mais felizes de dotação, o nascimento de uma criança é um facto «lugar comum», como uma alvorada; o medico nesse momento não cura de ler os nomes e as profissões dos pais. Todos os Meninos-Jesus são iguais.

Contudo sucederam-se do mesmo ventre três infantes, «um, outro, ainda outro» — é cousa de conturbar a placidez dos assistentes operadores.

Toma-se então a camara da parturiente como um ceu velado no qual despontam três sois, timidos de nascer, e por isso mesmo objecto de atenções que não são apenas tecnicas, mas sentimentais.

A pobre Suzete resistiu. Um grande treino de ser mãi dava ás suas faces macilentas, de olhos arroxeados, na maceração da dôr comum a todas as mãis, um ar de resignada heroicidade.

As crianças nasceram bem. Tudo se aprestou para que lhes não faltasse calor. E choraram! — santa cousa em quem nasce, e não devia chorar depois pela vida fora.

* * *

Fômos ver as crianças cêrca do meio dia. Nem murmuravam, nem choramingavam, nem gemiam; era um côro mal balbuciado de vida despertada, pois não dormiam nem choravam. Existiam — eis tudo, no seu berço rodado de dois palmos, alinhadas, «paralelas», uma — a primeira — mais pequenina (e a primeira é a mais nova, pela lei), as outras duas, entre as quais o rapazinho, um tudo nada maiores. Ao cabo — quasi invisiveis, mas com cabelo, rosada a mais não ser a ultima a despontar, e menos tocadas de côr de rosa as outras duas.

A mãi — olhava a cena dos medicos em deredor, os cuidados da temperatura, o olhar da enfermeira-chefe, sr.ª D. Dinora Augusta da Silva.

Soubemos então a historia, mais tarde confirmada. Esta «mãi Suzete» é casada com Vicente Alves Valentim, de seu oficio mecanico de calçado, homem «capaz», bom pai e bom chefe, a quem a infelicidade, pelo desemprêgo, bateu á porta.

Ha três meses, roído de falta de trabalho, abalou á procura de ocupação em Espanha, para onde foi «por anuncio», após as formalidades legais. A sua especialidade de oficio não é propicia; e terá de regressar com as mãos a abanar.

Das ninhadas que têm tido restam Maria do Carmo, de 17 anos; Francisca Rosa, de 13, que é uma sobrevivente gemea; Joaquim, de 12 anos, tambem sobrevivente gemeo, e Manuela, a mais nova, não contando com os irmãozinhos de esta madrugada.

O casal, agora sem pai presente, vive em miseria numa parte de casa da

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Um caso de fecundidade

(Continuação da pagina central)

rua Carvalho Araujo, 38, 6.º andar. Mas esta miseria não é sordida; é antes uma pobreza asseada, sinal de carinho materno, de um certo sentido de lar perdido pela desgraça profissional do chefe.

A filha mais velha tem a frescura natural dos 17 anos, arranjadinha, bonita, contrariando assim a miseria que se topa por certos bairros. Quando lhe demos a noticia de que tem mais três irmãos, diz-nos pasmada:

— O que? Não foram dois?

Já estão naquela familia habituados a ser... aos pares.

* * *

Esta pobre mãi heroina, bem merece. Vão os medicos e enfermeiras, e o director professor dr. Costa Sacadura, tentar todos os cuidados para que, as duas meninas e o petiz sobrevivam.

Para os primeiros dias já se arranjaram duas amas: Natalina da Conceição e Maria Luiz Gomes.

E certamente caírão sobre esta pobre mulher, que cumpre resignada a sua missão, as bençãos da caridade de algumas pessoas que nos lerem.

Naquela familia — falta tudo e sobejam agora três bocas côr de rosa. Ainda não «chupavam» quando as vimos. Resistirão ao frio, pelo aquecimento. Mas resistirão á fraqueza congenita? Resistirá a mãi a tantas provações?

Que fôssem estes três Meninos-Jesus de certo modo, e por destino de Deus, os três Reis Magos deste casal infeliz — eis os votos dos medicos (esta manhã muito contentes) e de todo o pessoal da Maternidade de Magalhães Coutinho.

MANUEL AZAÑA

morreu ontem

numa cidade francesa

onde se refugiara

MONTAUBAN, 4.—Faleceu ontem á noite nesta cidade o ex-Presidente da Republica espanhola, Manuel Azaña. —(Havas).

Manuel Azaña pode dizer-se que era um desconhecido do grande publico espanhol quando da implantação da Republica em 1931. Escritor e membro categorizado do Ateneu de Madrid, os meios intelectuais, cuja actividade se tornou particularmente notavel durante a ditadura de Primo de Rivera, apreciavam a sua inteligencia. Nos meios politicos era tambem reconhecida a firmeza das suas convicções republicanas. Funcionario do ministerio da Justiça, foi a sua colaboração na preparação dos varios movimentos organizados contra a situação riverista que lhe deu certa nomeada.

Proclamado o novo regime em abril de 1931, Manuel Azaña foi indigitado para fazer parte do primeiro governo republicano sobraçando a pasta da Guerra. As reformas que subscreveu e a atitude energica que assumiu em varias emergencias emprestaram ao seu nome uma reputação e uma aura que cêdo ultrapassaram as dos seus colegas do governo e a da maioria dos seus correligionarios.

O regresso á vida constitucional encontrou Azaña na chefia dum agrupamento partidario pouco numeroso mas que recebeu a adesão de alguns elementos de categoria. Procurando dar á Republica uma feição avançada, entendia que a manutenção da ordem contra os elementos de subversão era o primeiro dever dos homens de Estado republicanos; mas, ao mesmo tempo, a sua incompatibilidade fundamental com as personalidades moderadas da democracia espanhola alienou-lhe muitas simpatias e colaborações. Colocado entre Largo Caballero e Alejandro Lerroux, Manuel Azaña teve de se decidir, na hora em que se tornou indispensavel encaminhar, num sentido definido, a marcha da Republica.

As eleições que deram a maioria ao centro direita do parlamento não decidiram da contenda que se propagava á rua e alarmava os espiritos. Quando foi necessario consultar de novo o eleitorado, Manuel Azaña apareceu designado como chefe da coligação das esquerdas, que ia, no plano partidario, desde a Aliança Republicana aos comunistas.

Triunfante essa coligação, o panorama da politica espanhola sofreu uma transformação radical. Sucessivamente chefe do governo e presidente da Republica, a sua escolha para este alto cargo, em substituição de Alcalá Zamora, marcou o inicio de um periodo de perturbações. A eleição, que foi feita por uma esmagadora maioria (754 votos em 864 votantes) tinha já um significado de luta contra as forças que preparavam a reforma politica da Espanha. Dois meses depois iniciava-se a guerra que, durante cêrca de três anos, assolou a nação espanhola.

Trotsky está moribundo

MEXICO, 21.—Segundo as ultimas noticias, Trotsky está moribundo. Não se conhece ainda o verdadeiro nome da autor do atentado. Uma versão pretende que não se trata de um francês, mas sim de um jornalista belga.—(D. N. B.).

MEXICO, 21.—O estado de Trotsky é classificado de muito grave. A vida é-lhe mantida por meio de respiração artificial com balões de oxigenio. O autor do atentado chama-se Moonard Jacques, segundo afirma, e conta 36 anos.—(D. N. B.).

Em 1940, no mês de Julho, á espera do ataque nazi, os ingleses tomavam providências para reforçar a defesa da Inglaterra perante a ameaça de uma invasão de para-quedistas. As imagens são expressivas. Na segunda página as fotos fixavam três momentos da actividade do Eixo. A diplomacia nazi desdobrava-se em encontros: Hitler com Franco, Hitler com Pétain, Hitler com Mussolini.

Em 1940, o Estado adquirira um «Cristo de oiro» atribuído a Gil Vicente. Uma mulher era um caso de fecundidade prodigio. Duas notícias que o «Diário de Lisboa» registava. Uma e outro dão o tom e a garra de um jornalismo que mesmo amordaçado não aceita ser neutralizado. A morte de Manuel Azana — desse cidadão que fora a voz da República espanhola — no exílio, em França, é como que um epitafio da República Popular de Espanha vencida pela besta fascista. As agências telegráficas internacionais davam a notícia do atentado contra Trotzky (Agosto). E, na última página, a par de notícias de «cultura» e de «inteligência», a revelação do «negócio» que era a guera, os armamentos a política de auxílio económico à Europa devastada pela guerra. E, também o «moralismo» liberaloide dos aforismos: «Da Coragem». O autor era o director do «Diário de Lisboa»: Joaquim Manso.

Na linguagem policiada, tímida, dos aforismos, a negação da **coragem,** ou, talvez, a **coragem** de recusar sorrindo.

ANO 20.º SEGUNDA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6471

IV

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

O escritor e jornalista belga, sr. Pierre Gormsen, vai fazer, depois de amanhã, pelas 18 horas e meia, no Teatro Nacional, uma conferencia com o seguinte tema:

—L'Exposition de Lisbonne, âme vivante du Portugal.

Ha muita curiosidade para ouvir e aplaudir o seu trabalho, certamente interessante, visto que sabe ver, observar, sentir e apreciar com originalidade e sinceridade.

■

Na comovente cerimonia da entrega ao Estado do Palacio da Independencia, o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, ilustre secretario geral do Ministerio das Finanças, depois de saudar na pessoa do sr. Albino de Sousa Cruz os nossos compatriotas do Brasil, disse o seguinte, que especialmente nos impressionou:

—Portugueses do Brasil, pela vossa generosidade, pelo vosso patriotismo, a Nação portuguesa tem desde hoje, pelas suas prestantes actividades economicas e culturais, e ilustres dirigentes, mais um monumento perduravel da mesma nobreza historica do Castelo de Guimarães, do mosteiro da Batalha e da terra do Infante, em Sagres, passos da nossa ascensão e da nossa gloria.

O sr. dr. Antonio Luiz Gomes, que tão patriotica e zelosamente cuida da restauração, conversação e engrandecimento do patrimonio nacional, pronunciou estas palavras com visivel comoção, marcando nitidamente como a obra a que preside Salazar se funda nas proprias aspirações de Portugal—daquém e dalém mar.

■

Segundo o marechal Pétain, ha duas maneiras de fazer a paz:—a 1.ª é a paz «á antiga», quando o vencedor impõe condições brutais ao vencido que ele não pode recusar nem cumprir a rigor;—a 2.ª é á paz nova e generosa em que não ha humilhação nem rancor contra ninguem, sendo o vencido tratado com o devido respeito.

Embora se não saiba que surpresas nos esconde o futuro, cremos que o odio de raças ou de povos não terá representação na Conferencia que um dia ha de regular, remodelando-a, a carta da Europa.

De que serve subjugar e esmagar, se não ha maneira de impedir as reacções dos oprimidos?...

■

Teixeira de Pascoais publicou um novo livro que se intitula «Napoleão». E' um livro notavel em que o poeta sauda a França, numa homenagem a que não falta nem gentileza nem beleza.

O heroi de cem batalhas continua vivo e presente—na historia e na lenda, na vida e na morte.

Quanto mais se estuda a sua carreira, mais se admira o seu genio e o brilhante improviso que ele representa, dentro da Revolução. Teixeira de Pascoais que tem o culto dos grandes homens—São Paulo, São Jeronimo e Napoleão — reserva-lhes na sua obra um miraculoso regresso á vida.

■

Agora que Paris se encontra fora do seu fulgurante papel, mergulhado na penumbra e na meditação, nota-se que a sua presença é indispensavel ao mundo.

Sem Paris, sem o seu espirito, a sua graça, o seu amor das novidades e as novidades da sua invenção, todos nós nos sentimos desapoiados e desarrumados. Deve-se ter dado o mesmo na antiguidade, com a queda de Atenas e outras cidades de renome.

No dia em que Paris voltar a ser o que foi, é caso para que quantos amam as artes que embelezam e ennobrecem a existencia exclamem:

—Enfim, eis uma luz para todos os olhos!

DA CORAGEM

A melhor manifestação da coragem seria a sinceridade. O homem que se mostrasse absolutamente sincero só tinha um adversario—Todo o Mundo.

■

A valentia está para a coragem como o aço para o fogo que o tempéra.

■

Ha a coragem dos bravos, dos herois e dos martires, mas não nos esqueçamos de que os humildes tambem podem fazer da sua fraquesa um muro insuperavel.

■

O teatro explorou, em todas as epocas, o tipo do soldado fanfarrão. Quantas cutiladas em adversarios imaginarios! Raptos na noite negra. Feiras varridas com denôdo. Rondas da noite desfeitas em pedaços—num segundo. O soldado fanfarrão não conhece mêdo, a não ser quando lhe falta um auditorio estupido, boquiaberto.

■

Dominar um auditorio que ulula raivoso, bramindo contra o orador que o provoca, é um triunfo muito parecido com o do toureiro que abate a fera e a vê estendida a seus pés.

■

Quando a coragem é espontanea, como um dom da natureza, arde tão facilmente que é necessario isolá-la como se faz aos paiois.

■

A retorica tambem tem as suas horas febris, colericas e incendiarias, mas esgota-se no vacuo.

■

As pessoas timidas, a-pesar-de pouco propensas a acções de grande vulto, acabam, de vez em quando, com o seu temor, á maneira das aguas que rompem o dique que as continha.

■

Desconfiêmos do valentão que descreve as façanhas de que se diz autor. Uma cousa é a praça e outra a trincheira.

■

Os movimentos e gestos da coragem não se avaliam por calculo, visto que escapam a qualquer medida.

■

Quantas vezes a verdade que se afirma e a honra que se bate com destemor servem uma causa em que ninguem acredita!

■

E' indispensavel ter ao menos um semblante de coragem para sustentar a covardia com algum brilho.

■

A coragem que se exige para cometer um crime faz parte integrante do roubo que se cometeu ou da infamia que se praticou.

■

O soldado decidido que olha para o seu general, com cega confiança, oferece-lhe a vitoria para ele a ganhar.

■

Os casos mais perigosos para um capitão aparecem, depois dos seus primeiros exitos. Vencer no campo de batalha não livra de cadeias nem de oprobrios.

■

Josefina poderia dizer de Bonaparte:
—Ruge como leão, mas sujeita-se como cordeiro.

■

A coragem serena, reflectida e senhora de si é a expressão mais bela da força humana, como o raio o lume vivo da descarga electrica.

■

A coragem e a cautela caminham a par, até que a primeira venha a desconfiar da prudencia da segunda.

■

O ouro tem as suas dedicações. O vicio tambem. As quimeras inquietam os corações ardentes. A verdadeira coragem, porém, é de mãos puras, visto que se sacrifica sempre antes de medir o valor e o merito das suas feridas ou suplicios.

A atitude americana

O valor das compras

de material belico nos Estados Unidos

LONDRES, 25—Chegou ontem a esta cidade o chefe da Comissão de Compras nos Estados Unidos da America do Norte por parte dos aliados, Purvis, que apresentará ás autoridades respectivas relatorios completos dos seus trabalhos. O chefe da comissão de Compras depende mais directamente dos Ministerio dos Abastecimentos mas terá tambem de prestar as suas informações aos serviços a que as suas actividades interessam dos Ministerios das Finanças, da Aviação e da Produção.

Todos estes serviços já fizeram para os Estados Undios a remessa de quantias na importancia de 500 milhões de libras, em troca das quais já se receberam ou está em via de receber-se 11.000 aviões militares, 6.000 motores para aeronautica «Rolls-Merlin», 4.000 carros de combate e 1 milhão de carabinas. Além destes elementos virão tambem da America por intermedio da Comissão de Compras ou têm já sido recebido até aqui outros tipos de motores para aviões, grandes quantidades de munições de guerra, peças de artilharia e metralhadoras pesadas, metralhadoras ligeiras, torpedos, altos explosivos, bombas para serviço da aviação e minas submarinas.

E' oportuno recordar neste momento que o chefe da Comissão de Compras nos Estados Unidos da America do Norte começou a sua vida de negocios como modesto empregado de escritorio. Actualmente, tem 51 anos de idade e quando tinha apenas 24 era já o representante exclusivo em Nova York dos explosivos «Nobel».—(E. T.).

A opinião da Imprensa norte-americana

NOVA YORK, 25.—A Imprensa mais influente nos Estados Unidos traduz a opinião de que a Republica norte-americana deve prestar auxilio, tanto financeiro como material, á Grã-Bretanha, de acôrdo com a maneira franca como falou lord Lothian, no momento do seu regresso da viagem, que acaba de fazer á Grã-Bretanha.

O «New York Times» diz: «O problema dos creditos á Grã-Bretanha deve ser resolvido não sob principios de caracter afectivo, mas segundo o ponto de vista do nosso proprio interesse nacional e da nossa propria segurança. A nossa orientação tem sido pouco natural e em desacordo com a politica geral de auxilio á Grã-Bretanha. O facto do Governo norte-americano seguir de maneira tão aberta uma politica de auxilio á Grã-Bretanha ao mesmo tempo que mantem em vigor a lei Johnson parecerá estravagante a muitas pessoas e uma manifestação de vontade de realizar o impossivel.

O «Herald Tribune» manifesta a sua opinião nos seguintes termos: «A orientação de prestar todo auxilio não consiste numa politica apenas de oferecer á Grã-Bretanha o auxilio que ela peça ou emprestar dinheiro para pagamentos. A orientação a seguir deve ser uma politica da parte dos Estados Unidos de prestar todo o auxilio que seja possivel á nação, porque é de interesse vital para este país que a Inglaterra sobreviva. Isto significa que o auxilio deve ser constituido não só por navios e aviões, não só por emprestimos mas tambem por subsidios». — (Exchange Telegraph).